

# Suavíssima PENNA

Vozes Literárias do TJCE



Oficina de Escrita Criativa

## CLUBE DE LEITURA AMÉLIA BEVILÁQUA

Resultado da dedicação e do trabalho da turma de 2023.2 da Oficina de Escrita Criativa, a coletânea "Suavíssima Pena: Vozes Literárias do TJCE" dá continuidade ao compromisso literário do Fórum Clóvis Beviláqua e do Clube de Leitura Amélia Beviláqua. Inspirados por uma série de encontros de profunda imersão nas palavras, os(as) autores(as) participantes transmitem, por meio de seus textos, suas memórias, sentimentos e criatividade, consolidando a escrita como uma poderosa ferramenta de autodescoberta e expressão.

Com esta obra, as vozes de servidores(as) e colaboradores(as) do Tribunal de Justiça do Estado do Ceará ecoam temas universais de forma singular, explorando aspectos que variam do cotidiano às narrativas de introspecção e fantasia. Cada texto aqui reunido é uma celebração da dedicação, observação e sensibilidade, atributos constantemente incentivados e aprimorados pela Seção de Capacitação do FCB e pela nossa querida Facilitadora e servidora Renata Sales. Ao longo dos encontros, foram inúmeras as experiências compartilhadas, os momentos de descoberta e o despertar da criatividade, que transcendem o papel e ganham vida nas palavras.

Que "Suavíssima Pena: Vozes Literárias do TJCE" inspire não só nossos(as) leitores(as) a valorizar a riqueza da escrita, mas também todos(as) aqueles(as) que, como nós, acreditam no poder transformador da literatura.

Convido os(as) leitores(as) a mergulharem nas páginas de "Suavíssima Pena" que este livro seja inspiração para novos encontros e para a constante valorização das potencialidades criativas em nosso ambiente de trabalho.

Boa leitura!

Thais Barbosa de Oliveira Maia

Suavíssima  
**PENA**

*Vozes Literárias do TJCE*

Copyright © 2024 Tribunal de Justiça do Estado do Ceará

**Conselho Editorial (Gestão 2023-2025)**

Desembargadora Maria Iraneide Moura Silva - Presidente

Desembargadora Maria de Fátima de Melo Loureiro

Desembargador Sérgio Luiz Arruda Parente

Juíza Suyane Macedo de Lucena

Juiz Francisco Eduardo Fontenele Batista

**Fórum Clóvis Beviláqua (Gestão 2023-2025)**

**Diretora do Fórum Clóvis Beviláqua**

Solange Menezes Holanda

**Coordenação Geral**

Thais Barbosa de Oliveira Maia

**Projeto da Oficina de Escrita Criativa**

Renata Sales de Castro

**Organização do original**

Edwilson Soares Freire

**Projeto Gráfico, Diagramação e Capa**

Hugo Leonardo Guedes Monteiro

**Imagem da Capa**

“Vozes literárias”, janeiro de 2024

Criação de IA em proposição de Edwilson Soares Freire

**Impressão e Acabamento**

Assessoria de Comunicação Social

Coordenadoria de Apoio Operacional

**Tribunal de Justiça do Estado do Ceará**

Centro Administrativo Governador Virgílio Távora

Avenida General Afonso Albuquerque de Lima, s/n

Cambeba - Fortaleza - Ceará - CEP: 60.822-325 | Fone: (85) 3207.7000

[www.tjce.jus.br](http://www.tjce.jus.br) | [biblioteca@tjce.jus.br](mailto:editora@tjce.jus.br) | email: [editora@tjce.jus.br](mailto:editora@tjce.jus.br)

Clube de Leitura Amélia Beviláqua  
Oficina de Escrita Criativa

# Sua *víssima* **PENA**

*Vozes Literárias do TJCE*

Turma 2023.2



Fortaleza 2024

S939 Suavíssima pena: vozes literárias do TJCE / [Organização do] Clube de Leitura Amélia Beviláqua. - Fortaleza: Tribunal de Justiça do Estado do Ceará, 2024.  
252 p.

Escrita coletiva da Turma 2023.2.  
ISBN: 978-65-995874-2-9

1. Escrita criativa – oficina. 2. Textos literários. 3. Leitura. I. Clube de Leitura Amélia Beviláqua.

CDU: 82-8  
CDD: 808.88

## **COMPOSIÇÃO DO TRIBUNAL DE JUSTIÇA DO ESTADO DO CEARÁ**

**Des. Antônio Abelardo Benevides Moraes**

Presidente do Tribunal de Justiça do Estado do Ceará

**Des. Heráclito Vieira de Sousa Neto**

Vice-Presidente do Tribunal de Justiça do Estado do Ceará

**Desa. Maria Edna Martins**

Corregedor Geral da Justiça do Estado do Ceará

### **TRIBUNAL PLENO**

Des. Antônio Abelardo Benevides Moraes – Presidente

Des. Fernando Luiz Ximenes Rocha

Desa. Maria Iracema Martins do Vale

Desa. Maria Nailde Pinheiro Nogueira

Des. Emanuel Leite Albuquerque

Des. Durval Aires Filho

Des. Francisco Gladyson Pontes

Des. Francisco Bezerra Cavalcante

Des. Inácio de Alencar Cortez Neto

Des. Washington Luis Bezerra de Araújo

Des. Carlos Alberto Mendes Forte

Desa. Maria Iraneide Moura Silva

Des. Luiz Evaldo Gonçalves Leite

Desa. Lisete de Sousa Gadelha

Des. Raimundo Nonato Silva Santos

Des. Paulo Airton Albuquerque Filho

Desa. Maria Edna Martins

Des. Mário Parente Teófilo Neto

Desa. Tereze Neumann Duarte Chaves

Des. José Tarcílio Souza da Silva

Desa. Maria de Fatima de Melo Loureiro

Desa. Lígia Andrade de Alencar Magalhães

Desa. Lira Ramos de Oliveira

Des. Heráclito Vieira de Sousa Neto

Des. Francisco Carneiro Lima

Des. Francisco Mauro Ferreira Liberato  
Desa. Marlúcia de Araújo Bezerra  
Des. Henrique Jorge Holanda Silveira  
Des. Sérgio Luiz Arruda Parente  
Des. Francisco Luciano Lima Rodrigues  
Desa. Maria do Livramento Alves Magalhães  
Des. José Ricardo Vidal Patrocínio  
Desa. Joriza Magalhães Pinheiro  
Des. Carlos Augusto Gomes Correia  
Des. José Evandro Nogueira Lima Filho  
Desa. Maria Inna Lima de Castro  
Desa. Rosilene Ferreira Facundo  
Desa. Jane Ruth Maia de Queiroga  
Desa. Andréa Mendes Bezerra Delfino  
Desa. Silvia Soares de Sá Nóbrega  
Des. André Luiz de Souza Costa  
Des. Everardo Lucena Segundo  
Desa. Vanja Fontenele Pontes  
Des. Francisco Eduardo Torquato Scorsafava  
Desa. Ângela Teresa Gondim Carneiro Chaves  
Des. Benedito Helder Afonso Ibiapina  
Des. Djalma Teixeira Benevides  
Des. Francisco Jaime Medeiros Neto  
Desa. Cleide Alves de Aguiar  
Des. Marcos William Leite de Oliveira  
Dra. Maria Regina Oliveira Câmara – Juíza convocada  
Dr. Paulo de Tarso Pires Nogueira – Juiz Convocado  
Dr. Mantovanni Colares Cavalcante – Juiz Convocado  
Dra. Fátima Maria Rosa Mendonça – Juíza Convocada

“Nenhum ferro pode penetrar o  
coração humano de maneira tão  
gélida quanto um ponto colocado  
no momento exato.”

**Isaac Babel (1894-1940),**  
*escritor ucraniano*



# SUMÁRIO

## **Prefácio**

Solange Menezes Holanda .....	13
-------------------------------	----

## **Apresentação**

Renata Sales de Castro .....	15
------------------------------	----

## **Ana Cláudia Távora Pereira**

Num Instante, Somos Instantes .....	21
Palavras .....	23
Saudade .....	24
Rio Jaguaribe .....	26
Soneto da Criança .....	29
Diálogo .....	30
O Carro e a Cobra .....	33

## **Ana Maria do Vale Oliveira**

Um Minuto de Silêncio .....	41
A Aventura Real .....	45
A Dança da Vida .....	58
A Última Conversa do Mundo .....	60
O Nascimento do Mundo .....	65
O Último Aniversário .....	70
Os Dominadores do Mundo .....	74

## **Antônia Viviam Brenna Lima Scarcela**

Pokémon Go: uma Historinha de Ninar .....	79
O Mito do Jovem e Sua Geração Saúde .....	80

Quando Você É Jovem, Eles Assumem que Você Não Sabe de Nada .....	82
Quando Digo “Eu te Amo” .....	84
Eu Já Acreditei .....	85
Não Consigo Competir com Nada .....	87

### **Carla Maria Barreto Gonçalves**

Leitura Fotográfica .....	91
A Bailarina que Não Dançava .....	93
Agora Ele Era Herói .....	97
Re(de)moer! .....	102
Risada Rasgada .....	104
Uma Piada Letal .....	106
Tenha Fé na Ilusão .....	111

### **Carlos Holanda Oliveira**

O Sótão Mal-assombrado .....	121
Zezim, o Pensativo .....	123
Primeiras Experiências .....	126
A Montanha .....	129
Mundo Empastado e Nevoento .....	134
O Drama de Leonardo .....	136
Lembranças .....	141

### **Edwilson Soares Freire**

Navio em Açoites .....	149
O Silêncio que Nos Consume .....	150
O Pistom Abandonado .....	154
Depois do Labirinto .....	158
Praia de Filósofo .....	161
Memórias de Menino Sertanejo .....	165

Humilhados e Ofendidos do Sertão .....	170
A Missão de Galilei .....	175
Noite de Assombração .....	182

### **Luiz Cláudio Brandão Gomes**

Camarada Nietzsche .....	189
Freud, a Peste .....	191
Resposta ao Tempo .....	192
Olhar para Outra Mulher .....	193
A Promoção .....	197
Eu Vi na TV .....	199
O Rio da Preguiça .....	202

### **Mércia Cardoso de Souza**

Estudante em Haia .....	209
Mitologia .....	212
Lembranças da Minha Infância .....	214
Maria de Jesus, uma Guerreira .....	216
Traços da Moça que Tinha Medo de Voar .....	218
Um Caramelo de Personalidade Forte .....	220

### **Renata Sales de Castro**

João do Beijo .....	225
O Filho de Sissinho .....	229
Esconderijo Secreto .....	233
Hunter e Summer .....	237
Moema Cara de Poema .....	241
Parteira de Ideias .....	244
Os Sinos Dobram .....	248



## PREFÁCIO

# SOLANGE MENEZES HOLANDA

Diretora do Fórum Clóvis Beviláqua

“(…) tentei fazer da minha escrita um espelho amoroso no qual as pessoas cujas histórias eu contava pudessem se enxergar, descobrir-se habitantes do território das possibilidades e viver segundo seus próprios mistérios. Ser contadora de histórias reais é acolher a vida para transformá-la em narrativa da vida. É só como história contada que podemos existir. Por isso escolhi buscar os invisíveis, os sem-voz, os esquecidos, os proscritos, os não contados, aqueles à margem da narrativa. Em cada um deles resgatava a mim mesma – me salvava da morte simbólica de uma vida não escrita.”

**Eliane Brum**, em *Meus Desacontecimentos*

Depois de *Seu, Sempre Seu; Sua, Sempre Sua & Outros Textos* e *O Sol que Nasce em Mim & Outros Textos*”, a Oficina de Escrita Criativa do Clube de Leitura Amélia Beviláqua nos presenteia com mais uma antologia: *Suavíssima Pena: Vozes Literárias do TJCE*, gestada no segundo semestre de 2023.

Em *Suavíssima Pena*, vozes, gritos e sussurros se reúnem para revelar os pensamentos, as emoções, os sonhos, os desejos, a criatividade e a habilidade de agrupar palavras de Ana Claudia, Ana Maria, Antonia Vivian, Carla Maria, Carlos, Edwilson, Luiz Claudio, Mércia e Renata.

As servidoras-autoras e os servidores-autores registram, nestas páginas, em prosa e poesia, suas memórias, a riqueza de

suas imaginações, a capacidade de bem exprimirem-se e mais: elas e eles testemunham com assertividade que o Clube de Leitura Amélia Beviláqua segue sendo importante e necessário para nosso ambiente de trabalho porque, além de estimular a leitura, amplificar as potencialidades e congregar os que têm interesses afins, é propulsor de significativas transformações pessoais, é inspirador, fomenta o diálogo e promove variadas descobertas.

A linguagem escrita possibilita que a leitora e o leitor adquiram conhecimentos, troquem experiências, socializem e se encantem; e escrever é a arte de que se valem a escritora e o escritor para, por meio da correta e precisa junção de palavras, revelarem seus propósitos, transmitirem, informarem, persuadirem e entreterem.

Sigo encantada com a força e a sensibilidade das escritoras e dos escritores do Clube de Leitura Amélia Beviláqua, e com a excelência e o desvelo da Seção de Capacitação do Fórum Clóvis Beviláqua e da equipe facilitadora.

Muito obrigada por abrirem portas e janelas aos que ousam narrar a vida!

E, a fim de partilhar meu maravilhamento, convido vocês, leitoras e leitores, a explorar *Suavíssima Pena: Vozes Literárias do TJCE*, a revisitá-la quantas vezes desejarem e a propagá-la aos quatro cantos.

Desejo que apreciem a leitura desta obra e que ela lhes traga muita satisfação.

## APRESENTAÇÃO

# RENATA SALES DE CASTRO

Facilitadora da Oficina de Escrita Criativa

Tendo como base um caleidoscópio de sentimentos e palavras, nasceu a terceira coletânea da Oficina de Escrita Criativa, do Clube de Leitura Amélia Beviláqua: *Suavíssima Pena: Vozes Literárias* do TJCE. Iniciamos os encontros reunindo servidores do Tribunal de Justiça do Estado do Ceará que foram atraídos pelo desejo de escrever literatura.

A busca pela palavra, pelo instante de colocar no papel de forma poética aquilo que nos rodeia e instiga; além de desenvolver a voz literária que contará aquela história, trazendo ao leitor/à leitora aquela história/aquele relato que jamais leria se o autor/a autora não tivesse germinado em sua alma a arte da escrita.

Mergulhamos no universo das letras, com inspiração em escritores consagrados da nossa literatura, lendo juntos e extraíndo nossas impressões sobre o conto, a poesia, a crônica e trechos de romances. Enfim, passeamos pelos gêneros literários para, somente então darmos o passo seguinte: deitar ao papel, com um pouco mais de vivência das estruturas dos gêneros literários, a versão de nossa escrita peculiar e experimental.

As narrativas foram desenvolvidas após gatilhos: textos, notícias jornalísticas, imagens, fotografias, músicas e outros disparadores, mediante os quais foram construídos os enredos e poemas reunidos aqui. Com paciência e disciplina, demos contorno e forma

aos personagens e narrativas que os(as) diletos(as) leitores(as) têm diante de si.

A festejada reunião de amantes das palavras possibilitou que cada um de nós trilhasse seu próprio percurso, único, guiado por percepções e interpretações individuais de quem escreve porque, de fato, tem algo a dizer. A inquietação com o por vir, com o nascimento dos personagens e com a criação do próximo texto perpassou os nossos encontros de forma vigorosa. A descoberta de novos caminhos da linguagem e de suas conexões com outros campos da arte nos evidenciou um horizonte amplo e vital. Curamo-nos uns aos outros com nossos textos.

Mediante a leitura da produção textual dos participantes, apuramos e renovamos o gosto pela leitura. Ficamos atentos à escolha das palavras, à construção das frases, à opção por períodos longos ou curtos, à intenção do autor em cada eleição, à opção de deixar nas entrelinhas, ou em aberto ao leitor, o desfecho. Essa leitura atenta e cuidadosa, em voz alta, acabaria por nos revelar, pouco ou muito, sobre a influência de nossas experiências leitoras e como elas, efetivamente, refletem em nossa escrita ficcional, mesmo que inconscientemente.

Ao final da jornada, vivenciamos uma experiência compartilhada que nos abriu portas e janelas para a compreensão de que a escrita não precisa ser uma atividade solitária. Também nos incitou a pensar que as palavras têm significados que ainda não foram “inventados”, simplesmente porque ninguém ainda as usou daquela forma.

Cabe a você, que agora se debruça sobre a presente coletânea, a firme decisão de estar aberto à descoberta a outros possíveis.

## **TURMA 2023.2**

ANA CLÁUDIA TÁVORA PEREIRA

ANA MARIA DO VALE OLIVEIRA

ANTÔNIA VIVIAN BRENNALIMA SCARCELA

CARLA MARIA BARRETO GONÇALVES

CARLOS HOLANDA OLIVEIRA

EDWILSON SOARES FREIRE

LUIZ CLÁUDIO BRANDÃO GOMES

MÉRCIA CARDOSO DE SOUZA

RENATA SALES DE CASTRO



**ANA  
CLÁUDIA  
TÁVORA  
PEREIRA**





## NUM INSTANTE, SOMOS INSTANTES

De mãos dadas  
veem-se passado e futuro  
descortinando a existência  
E entre ir e vir  
está o viver

Alegria?  
Ela passa.  
Que pena!  
Tristeza?  
Ela vai-se.  
Que bom!  
Entre uma e outra  
a vida.

Num instante  
Numa imagem  
retratadas duas partes de mim.  
O que tenho de melhor.  
De onde vim,  
as mãos de minha mãe;  
o que deixo,  
os filhos que gerei.

Entre as duas  
resta-me pequena

Nas duas  
resta o retrato do que fui  
a imagem do que serei  
Entre as duas  
Cabe-me  
Tímida.

## **PALAVRAS**

Caminhando sobre um texto  
com pontos,  
exclamações,  
interrogações,

tropecei nas palavras  
sentidas,  
amordaçadas,  
desmedidas,  
desvalidas  
silenciosas.

Elas saíram da apatia  
misturadas,  
entrelaçadas  
trôpegas  
vivas.

Do tropeço,  
encontrei a resposta  
da pergunta que nunca fiz.

## **SAUDADE**

Saudade é assim...

criança no colo da mãe  
que sonha com o Natal  
que brinca no quarto pintado

adulto que não quer crescer  
que volta à infância na dor  
que sente o pulsar do fado

velho de ideias  
que esqueceu de viver  
que não sabe dançar  
que não enxerga, não vê

Saudade é o que eu gostaria  
se pudesse voltar  
no tempo  
nos lugares  
no espaço

Saudade é futuro do pretérito  
que expressa incerteza  
passado na vida  
presente na mente  
futuro que não chega

Saudade é solitude  
solidão  
busca do regaço  
do afago  
que só encontro no exílio  
de meus pensamentos.

## RIO JAGUARIBE

Narrativa em primeira pessoa porque esta história, de fato, me pertence

Os traçados da vida nos levam a caminhos de saudade. Naquela tarde comum, de um dia comum, transitava entre as prateleiras de um supermercado que ficava dentro de um shopping. Distraída, e com o tempo seguindo lentamente por sobre os olhares de preços e mercadorias, vejo um senhor ao lado que, igualmente, olhava os mesmos produtos que eu.

De repente, assustei-me, mas continuei a perscrutar os peixes e frangos distribuídos nos congeladores do supermercado. E comecei a cantarolar uma música, de uma forma que aquele jovem rapaz pudesse ouvi-la. Cautelosa, iniciei com voz tímida, mas fui aumentando o tom, cônica de que o rapaz, certamente, escutava aquelas notas cantadas pausadamente.

“Teu leite traz a água que sacia a sede, o peixe que enche a rede, trazendo a alegria dos rurais...”

De repente, o rapaz para incrédulo. Surpreso, volve seus olhos para um infinito e solta um sorriso faceiro. Acaba por olhar para mim, como se perguntasse algo apenas pelo levantar das sobrancelhas. Eu, com um doce sorriso, continuo cantarolando a música e estaciono em alguma parte da letra.

— Linda esta música, não acha?

Ele fecha os olhos, sorri e diz:

— Sim. Você sabe quem escreveu esta música?

— Claro! - respondi. Foi você!

Ele, neste momento, debruçou-se em uma gargalhada, que misturava alívio e orgulho. Encontrar alguém, num lugar qualquer, que lhe cantarolasse sua música o deixara desconcertado, certamente.

— Esta música traduz um pouco da minha avó. Ela nasceu em Jaguaribe. A gente precisa ter história, raízes, para saber de onde viemos e, partindo daí, seguir nossa história. Não acha?

— Concordo com você.

Embora ele não me conhecesse, eu o conhecia através de sua música, com letra que me levava à infância de minha avó. Estranho, porque, naturalmente, não vivenciei as primeiras idades de minha querida Clara. Mas através das histórias, por ela contadas, e da letra daquela música, fui capaz de transportar-me para assistir, em pensamento, partes da vida daquela doce senhora, mãe de minha mãe.

Após uma conversa breve, mas gratificante, vejo o cantor Sávio Leão desaparecer por entre as gôndolas do supermercado. Ele saiu, certamente orgulhoso, porque sua música estava viva.

Saindo dali, surgiu uma vontade avassaladora de rever minha avó, aquela que havia, com sua doçura e fortaleza, com sua gentileza e alegria, me transmitido o significado do amor; aquela doce senhora, que havia gerado a minha mãe, que, por sua vez, me gerou. A árvore genealógica transmitindo mais do que sangue, passando de mãe pra filha os exemplos. A vontade de correr para aquela casa, cuja porta era aberta por aquela senhora de grampos nos cabelos, de brincos pendurados e de um doce perfume que é dela: o perfume do afago.

Mas estas vontades permanecem em meus pensamentos, estes abraços me são dados pelo vento e este perfume é sentido nas rosas que encontro pelo caminho. A minha doce avó, minha querida Clara, hoje, adormece. Não posso mais vê-la; posso senti-la. Clara falecera com seus 98 anos bem vividos, cheios de lucidez e lições que passou às gerações mais novas. A maior delas é esta: a doçura. Ainda consigo escutar a gargalhada de minha vizinha depois que lhe contava alguma piada sem graça, ou ensaiava alguns passos de dança. - Um dia ainda desfilo na Sapucaí, vizinha! O que acha? E sambava para alegrá-la, já sabendo que a sua companhia não me seria eterna.

E aquela música me remete à cidade que me presenteou com vizinha Clara, que pintava as toalhas da Igreja, que cuidou de seus seis filhos e de seu marido, que era conhecida por sua alegria, delicadeza, força e coragem.

O Rio Jaguaribe foi testemunha do nascimento e do crescimento desta senhora que vive, em meus pensamentos, em minhas ações, em meu coração!

## **SONETO DA CRIANÇA**

Porque “Soneto da Saudade” já existe

Saudade tem sabor, endereço e perfume  
Sabor de fruta, comida materna, beijo apressado  
Perfume de abraço, de aconchego, de passado  
Saudade: que brilha, na noite, tal qual vaga-lume

A criança que fui, das lembranças que vêm  
Pede passagem e chora  
Busca-se no espelho sem demora  
Saudade que chega, veloz, do além

Do trem das onze, das músicas que ouvia  
Do cedo despertar, do cheiro de manhã  
Da vontade de voltar, que finda vazia

A criança que fui, me traz à vida  
É ela que sustenta, firme alicerce  
Transforma, transcende e chega, colorida!

## DIÁLOGO

Camila senta-se em uma cadeira vermelha e macia. Levanta-se. Senta-se novamente. À sua frente, aquela pessoa que ama, mas que se mostra angustiada. O olhar generoso e conspícuo de Camila fita os olhos daquela que ali está.

O silêncio é companheiro naquele quarto. Camila pensa que, por vezes, aquela moça sentia-se com uma espada de Dâmocles em sua cabeça e que, a qualquer instante, poderia feri-la. A vida mostrava-se temerosa e incerta. A dor da partida de seu grande amor mostrava-se injusto, incerto, encoberto de porquês sem resposta. Não queria aceitar que houvesse uma dor daquele tamanho; e que aquela dor a havia alcançado. Era rude e cruel. A espada pendurada por sobre sua cabeça significava a cobrança das pessoas, a exigência da vida, os olhares penetrantes de piedade; a solidão. O que fazer?

Camila fitava aquela mulher que, embora com pouca idade, mostrava-se idosa em seus pensamentos, envelhecida em suas ideias e com nenhuma vontade de viver. Aquela moça, naquele momento, encontrava-se como o mito de Narciso, mas às avessas. Não importava com belezas. Queria esconder-se de qualquer vaidade posta à prova. Gostaria de esquecer-se e de se colocar à deriva de qualquer sentimento. Não queria mais ter que pensar em razões ou porquês. Era-lhe a dor que transcendia o corpo e lhe tomava a alma.

De repente, a moça fita um porta-retrato existente em um móvel vizinho a si.

A fotografia ali exposta mostrava faces sorridentes em uma tarde de sol. O olhar do amor que partira estava ali, cheio de luz.

Acariciou a face de um dos jovens da fotografia e o abraçou, como se estivesse abraçando toda a sua existência.

E chorou.

Chorou como se expurgasse as facetas daquela tristeza que se recostava em sua mente. Chorou muito.

Após um tempo de solidão, adormeceu. E ali passaram-se algumas horas. O sono a levou a sonhos de paz, onde reconhecia-se como a pessoa alegre que sempre fora. A vida, no sonho, mostrava-se passível de erros, mas possível.

Ao acordar, a moça levanta-se e se depara com Camila.

Camila guarda um carinho por aquela que ali está. Após o sono, havia uma paz que surgia, nos olhos da moça, mesmo que timidamente. Era a luz transcendendo a dor.

Olhando para aquela moça, Camila sorriu, e recebeu um sorriso de volta.

— Continue a viver, menina! Como disse Fernando Pessoa, “às vezes ouço passar o vento; e só de ouvir o vento passar, vale a pena ter nascido.” Ele sempre esteve certo! E eu ousou complementar: vale a pena viver!

Camila levanta-se da poltrona e caminha para a sala onde, certamente, estariam pessoas para acalentá-la.

No quarto, o espelho que a refletira enquanto permanecera sozinha continuou ali, intacto, estático, silencioso. Pouco antes, o espelho, que refletira a imagem da moça, havia permitido que Camila conversasse consigo mesma.

Ao lado da poltrona, a fotografia descansava. Na imagem, o sorriso do filho de Camila, que havia morrido por conta da guerra. Camila haveria de lutar em outra guerra, para afastar os pensamentos

de tristeza que estariam consigo, em seu coração, em sua mente, enfraquecendo sua vontade de viver.

Camila haveria de encontrar um pouco de Narciso, mas não a busca beleza fútil, mas uma beleza sutil, que transcende vaidades vazias; seria a beleza da própria vida, retratada no amor que a faria continuar: o amor e a lembrança do seu filho.

## O CARRO E A COBRA

Lupcínio, com seus cinquenta anos mais do que bem vividos, amava viajar. Naquele final de semana, havia recebido seu veículo novinho. Estava mais do que feliz. Tratou de rebuscar o seu bem, colocando, no interior do carro, um adesivo de Nossa Senhora, de quem era devoto, além de uma flanela. Precisaria do pano para passar no painel, todas as vezes que percebesse a poeira se instalado.

Para comemorar a aquisição, resolveu fazer uma primeira viagem com o “possante”, levando-o para conhecer a Serra de Guaramiranga. Era um lugar lindo, e queria testar a força do seu novo companheiro de rodas.

O fim de semana foi perfeito. O carro correspondeu às expectativas de Lupcínio, que o testou nas subidas íngremes, nas ladeiras enlameadas, nas vielas estreitas, nas ruas cheias de pedregulhos. O carro, que agora tinha nome, havia tirado nota 10 no quesito coragem e robustez. Assim foi o primeiro final de semana de Lupcínio com seu “carango”, de nome Faísca.

Ao retornar de viagem, ainda nas estradas da Serra, avistou uma cobra enorme atravessando a pista. A tal “moça” arrastava-se de maneira sombria e leve, o que fez com que Lupcínio só a percebesse quando estava bem próximo. Tentou frear, mas ainda sucumbiu, chegando a passar por cima do réptil. Parou o carro, assustado. Ficou com medo de descer do veículo, mas fê-lo. Olhou para a pista. Nada de cobra. Só o silêncio. Como poderia a cobra não estar ali? Ora, havia passado o veículo por cima da mesma, e

sentira a pancada forte do corpo da serpente, que se tonteava na parte inferior do carro.

Após alguns minutos de espera e observação, acabou por adentrar o carro, continuando sua viagem que restou tranquila.

Lupcínio acabara por pensar durante todo o trajeto no medo que tinha de cobras. Certa vez, quando era ainda menino, foi passar uns dias numa fazenda de um amigo de seus pais. Era um local ermo, com matas ainda virgens, cheios de pastagens para o gado. Um dia, ao abrir uma gaveta do sítio tão bem cuidado, deparou-se com uma cobra toda enrolada, olhando para seu rosto. Aqueles olhos estavam em seus pensamentos até aquela data. Não sabe como teve coragem de fechar a gaveta numa velocidade de luz e gritar por socorro.

O amigo de seu pai chegou no quarto e viu o rosto assustado do menino, que, em silêncio e trêmulo, apontava para a gaveta.

O Sr. Josias abriu a gaveta, soltou uma gargalhada e disse:

— Não se preocupe, menino, esta cobra não é peçonhenta. Vamos deixá-la viva para matar os ratos daqui!

Mais que depressa, o senhor da roça pegou a cobra com as mãos, com uma agilidade que Lupcínio jamais vira, e a jogou janela afora. - Pronto, pode dormir! - disse o senhor, achando aquele fato mais do que natural.

Desde esta data, Lupcínio guarda uma fobia por cobras, e não pretenderia vê-las em outra ocasião.

Após a viagem à Serra, enfim, a chegada à cidade foi tranquila. As coisas foram retiradas do veículo, e Lupcínio foi dormir.

No dia seguinte, já no cair da tarde, preparou-se para trabalhar. Lupcínio era fotógrafo e iria acompanhar um noivado

intimista, que seria realizado na casa dos pais do noivo. Ele seria o responsável por registrar tal momento.

No caminho, percebeu algo estranho em suas pernas, como se algo tivesse passado, arrastando-se lentamente. Como estava dirigindo, Lupcínio acabou por desconsiderar tal sensação, acreditando ter sido impressão sua, na desvairada pressa em que se encontrava para chegar ao noivado a tempo de captar o sol e sua luz nas fotos do casal.

Lupcínio continuou a dirigir, atento e, novamente, percebeu algo entrelaçar-se em suas pernas, e caminhar para debaixo do banco.

Desta vez, o rapaz assustou-se. Pensando ser uma cobra, e como tinha, realmente, um pavor de infância de tal réptil, parou o carro no meio do trânsito, abriu a porta sorrateiramente e já foi acenando para todos que, por ali, estivessem passando:

— Tem uma cobra no meu carro!

O trânsito tumultuou-se. Algumas pessoas correram, acreditando tratar-se de um assalto; outras acreditavam ser uma bomba. Finalmente, algumas delas, solidárias ao nervosismo de Lupicínio, pararam o veículo e vieram com ele estar.

A confusão converteu-se em busca pela tal cobra. As pessoas, assustadas, abriam as portas do carro, o porta-malas, com o olhar de terror e de curiosidade.

— Vamos chamar os bombeiros! Gritava um transeunte.

— Não precisa! Esta cobra já foi embora, meu senhor! - dizia uma moça cansada de esperar seu namorado, que ajudava nas buscas do animal peçonhento.

— Cadê ela? - perguntavam.

E foi um furdunço nesta via. Lupicínio nem estava mais a lembrar de seu compromisso. Não queria, de jeito nenhum, adentrar aquele carro. Já pensou se esta cobra o ataca enquanto dirige?

Após idas e vindas, percebendo o cansaço de todos, Lupicínio acreditou que poderia ser impressão sua, ou então, aquele bicho já tinha se esgueirado e ido embora.

De repente, uma senhora avistou uma echarpe caída aos pés do banco do motorista. Em tom suave, pegou o objeto e o apresentou ao Lupicínio. Olhe, senhor, será que não seria este lenço a incomodá-lo? Pode ter caído e o senhor acreditou que fosse uma cobra. Os rapazes já procuraram em todos os lugares do carro. E nada de cobra!

Lupicínio, já um pouco mais calmo, tomou pé da situação. Olhou em volta, sentiu-se, até, envergonhado da celeuma que criara. Ora! As circunstâncias mereciam! Não poderia ser atacado por uma cobra em plena cidade! Era novo demais para morrer assim! Era novo demais para morrer!

O rapaz agradeceu a todos que ali estavam para ajudá-lo. Pediu desculpas. Aquela echarpe era um dos materiais que utilizava em suas fotografias quando as modelos eram doces senhoras. Havia, certamente, esquecido ali há algum tempo, e o tal tecido havia se emaranhado por suas pernas, certamente.

Restabeleceu-se. Mais uma olhada em todo o veículo. Nada de estranho. Nenhum barulho. Tudo normal. Era mesmo a tal echarpe a causar todo aquele rebuliço.

Depois disso, Lupicínio adentrou o veículo e dirigiu-se ao noivado. Pensou na situação que havia passado. Como sou bobo! Como poderia? Uma cobra! Impossível!

O restante da tarde seguiu tranquila. Lupicínio cumpriu seu dever, atendendo aos noivos. Fez fotografias maravilhosas, como era de seu feitio.

Voltou ao veículo. Dirigiu-se para casa. Estacionou o carro na garagem. Enfim, uma noite de sono tranquila o aguardava.

Já na madrugada, Lupicínio escuta um barulho da garagem e pensa ser seu cachorro, que há dias latia naqueles horários. Desceu rapidamente até a garagem.

— Venha, Bob, toda noite você inventa de latir desta forma! Os vizinhos vão reclamar! E leva o totó nos braços.

Ao subir as escadas, volve os olhos para o carro, quando percebe que, do pneu do automóvel sai, arrastando-se pelo chão, sorrateira, lenta, esnobe, a cobra tão procurada. Ela passa esgueirando-se e segue seu trajeto, como se nada houvesse acontecido. Transita calmamente e adentra uma mata existente ao lado da casa de Lupicínio. A tal cobra vai embora, da forma como chegou: assustadora e cínica.



**ANA  
MARIA  
DO VALE  
OLIVEIRA**





## UM MINUTO DE SILÊNCIO

Ouvi uma psicóloga dizer, certa vez, que, quando da formação crescente do pânico, o ansioso deveria buscar focar nos seus sentidos para que pudesse aterrissar.

Lembrando disso, noto que tudo o que me circunda é branco e sem vida – e o digo com absoluta propriedade, porque já procurei por vida em cada átomo desse recinto, sem sucesso. Minhas narinas inflam inspirando o odor inconfundível de éter, acentuado pela exacerbada quantidade de produtos de limpeza, típicos de um ambiente que não pode hospedar qualquer mácula. Sinto o meu tato pela mão de minha esposa, que aperta fortemente a minha, trêmula, e faz das nossas palmas uma desconfortável poça de suor. Ela olha irrequieta para aquela pequena tela incolor à nossa frente e espera por um sinal da médica, que consulta a sua barriga, sem nada dizer.

Percebo que a minha língua carrega o azedume que eu acredito ser o gosto da morte, pois eu já o senti em outro momento, há não muito tempo; e a minha audição, por sua vez, capta som nenhum. Se o nada pudesse falar, eu estaria lhe escutando naquele exato momento, ouvindo atentamente cada uma das suas palavras inaudíveis, como se toda a minha existência dependesse delas.

De repente, entro no silêncio que habita em mim e sou tomado por uma vontade de ali remanescer – penso em várias proposições mudas que caem no meu abismo interior e fazem-se textos no vazio. Sendo o vazio sinônimo de ausência, poderia ele, contudo, ter a forma de palavras?

Palavras que tudo formam, capazes de originar a origem e dar natureza ao que ainda não há. Parecem fáceis de criar, mas, como o Criador do mundo, o das palavras deve igualmente sustentar o peso da responsabilidade sobre as suas criaturas, que, após ditas, correm soltas no infinito, carregando poderes incontrolláveis.

E como se chama a palavra que sequer foi formada? Que nome tem o sentimento não verbalizado? Qual o significado do significante que nunca existiu? Acho que as respostas para isso são as próprias perguntas, que, como inteiras em si mesmas, que tanto questionam como respondem, e incompletas em seu sentido angustiante, caem no vazio do meu passado.

Não posso dar vazão a esse sentimento pretérito encastrado em minha alma, que tanto me esforcei para suprimir. Não agora, quando ele ameaça se repetir. Preciso continuar vivendo, por ela e por mim, então não posso sucumbir às minhas próprias ruínas, que me destroem e, paradoxalmente, me sustentam e constroem o meu eu, como as palavras que compõe um conto.

A médica disse para que ela virasse e essas palavras, assim como a sua esperança, caíram no vazio que me encara; novamente, escuto a vastidão sonora do nenhum. O silêncio pode trazer consigo sedução, talvez pela simples ideia da inexistência de qualquer coisa, provocando uma atração para o nada, para o além do que há. É a vertigem insustentável, cujo envolvimento promete uma leveza que nos atemoriza.

Como uma folha em branco, contém o silêncio todas as inscrições possíveis, e, como uma pedra bruta de mármore, abriga o vazio um Davi. São infinitas essas ideações e o dizer é algo tão limitado... Somos estrangeiros em nossa própria língua.

A linguagem, por seu turno, participa intimamente da construção formal do nosso pensar e, portanto - concordando com Descartes - do nosso existir. Certas coisas não cabem em palavras, contudo, porque estas são, ao mesmo tempo que salvação, demarcação - o impossível nos acompanha.

É impossível que eu esteja vivendo este momento, que tudo isso esteja acontecendo comigo e dentro de mim. É impossível que alguém sobreviva a tamanha dor e continue vivendo como se a vida pudesse ser tão boa como uma vez se apresentara para mim, sonhador de emoções e escritor de palavras. Não é possível que eu possa sentir tanto por tão pouco - culpa desse vazio disforme que em mim habita e que, impossivelmente, também me contém. O impossível está quase sempre me sondando, à espreita de um momento para se fazer ser.

Será o reconhecimento de um vazio intrínseco outra das feridas narcísicas da humanidade? A sua própria existência se faria paradoxo, e de paradoxos eu estou cheio. Mas, ao mesmo tempo em que me sinto atraído por complexidades momentâneas e desprezo o simples superficial que em todo canto está, daria todas as minhas palavras pela simplicidade que anseio encarar.

Por hora, só vejo a escuridão eterna, que, numa constante crescente, se torna algo ainda maior que a eternidade. Como se não bastasse, escuto também a ausência do som tão esperado por mim, o único capaz de aquietar o meu vazio e de me devolver as palavras bonitas das quais já esqueci.

Sinto a dor irradiar pelo meu corpo, por aquela mão que me segura, ardendo em cada uma das partes que me integram,

me fazendo suspirar a desesperança e abstrair do pavor que me rodeia, esmorecendo os restos que de mim sobraram.

Até que, no fim desse túnel de melancolia, eu escuto um som, suave e rápido, como o bater das asas de um beija-flor, que anuncia a fecundação da vida. Desato em lágrimas de alívio perplexas diante da percepção de que toda escuridão precede a luz, cuja propagação reflete na presença, agora, de algo no meu nada, o som cadenciado que grita para todo mundo, para o meu mundo: tum-tum, tum-tum, tum-tum...

## A AVENTURA REAL

Era uma vez...

Uma garotinha com a vida cor-de-rosa. Seu físico era de quem ainda esperava crescer muito, tinha o cabelo longo e encaracolado e altas bochechas rosadas; por dentro, todavia, era grande como os gigantes dos livros que devorava, ávida por conhecer todos os mundos que sabia existir.

Ela era uma princesinha, dessas de contos de fadas mesmo, que vestem vestidos rodados e esvoaçantes, maiores que ela, e portam uma coroa já sabendo da responsabilidade que terá quando o dia chegar. A data estava longe ainda, assim esperava, pois tinha pouca idade e dois pais graciosamente saudáveis.

Lá na Floresta Encantada, as pessoas tinham nomes de elementos da natureza, assim, não era nada estranho que sua mãe se chamasse Vale, seu pai, Oliveira, e sua melhor amiga, Aurora – princesa como ela. A criança, contudo, era titular de um nome, que, embora simples e comum, era baseado numa épica lenda local e isso a fazia se sentir importante.

Certo dia, ela acordou e se deparou com um silêncio ensurdecido que rondava o palácio, sendo quase palpável a estranheza que lhe envolvia no ar. Sabia que aquilo definitivamente não era normal num lar habitado por uma grande família e decidiu investigar o mistério: levantou de sua cama e saiu sozinha a vagar pelos vastos corredores, os quais lhe sussurravam palavras mudas.

A quietude dos dizeres logo se transformou em confusão verbalizada e a criança seguiu o som, agora distinto, correndo até

chegar ao salão principal do castelo, onde encontrou o seu pai a pensar em alto e bom tom. Ele lhe disse que a rainha, sua mãe, e os seus dois irmãos infantes haviam sido enfeitiçados por uma bruxa má, por isso estavam sob uma maldição do sono, dormindo profundamente, e não acordariam até que lhes fosse dado o antídoto do veneno aplicado.

O problema era que o rei não sabia qual era o antídoto, nem onde encontrá-lo, além de desconhecer qual das bruxas da Floresta havia realizado tamanha maldade infundada e, por esse motivo, não tinha sequer a quem interrogar para saber por onde começar. Foi, então, que a menina teve uma ideia: visitariam o Grande Sábio, em seu assento, e ele saberia exatamente o que deveriam fazer.

E assim foi feito. O Grande Sábio era, como o seu título bem invocava, a pessoa mais experiente e inteligente de todo o reino, que respondia a todas as perguntas dos curiosos com um contentamento completamente altruísta. Ele era, não por um acaso, o melhor amigo da menina, que tinha natureza curiosa e, todos os dias que podia, arranjava um tempo, entre as suas brincadeiras, para ir com ele conversar. O homem tinha um pé de feijão em sua casa, de tamanho impressionante para uma criança tão pequena, e, por trás da alcunha, carregava um nome próprio lendário, assim como a menina, o que a agradava intimamente.

O Grande Sábio informou ao rei e à princesa que o antídoto para a maldição sobre a qual falavam consistia numa maçã mágica, cujo mero aroma, deliciosamente forte, acordaria os enfeitiçados daquele sono profundo. O impasse era que tal fruta milagrosa não existia naquele reino, mas os feijões de João eram

mágicos, ele lhes confiou, e abririam portais para reinos outros, onde encontrariam o que mais desejavam.

A pequena pareceu desconfiada, pois sabia que maçãs costumavam ser envenenadas, conforme ouvira nas histórias de suas amigas princesas, e ficou receosa de não saber distinguir a boa da má. Por essa razão, chamou o Sábio para acompanhá-los na aventura, ao que ele, obstinadamente, respondeu que sim.

Então, João, o Grande Sábio, colheu um de seus feijões e o jogou no ar, com toda a força, e daquele grão nasceu um portal, que era azul e estrelado como o céu quando a noite invade o tempo. Ana Maria, a garotinha, abriu a porta mágica e se deparou com um mundo cercado pelo mar infinito, cujas águas cristalinas revelavam sereias e peixes, que brilhavam e impressionavam os seus olhos infantis. Sabia que aquela era a Terra do Nunca, pois já havia lido sobre ela, e, maravilhada, atravessou com coragem o portal à sua frente.

Os três caíram num vazio, que logo se transformaria em mar: “vamos nos machucar!”, pensou a menina, e o seu mero pensamento invocou uma fada que, usando a sua varinha de condão, fez com que flutuassem no ar e pousassem num navio.

Estava claro para a garota que a embarcação já havia experienciado diversas tempestades, mormente pelo fato de era velha, grande e imponente, com velas pretas e com uma tripulação de arrepiar. Os três aventureiros foram levados até o capitão do navio, que usava um tapa-olho e tinha um gancho no lugar da mão direita – Ana sabia de quem se tratava, por ter já lido sobre os seus feitos em algum lugar, e, por isso, sabia que lidariam com um vilão, o qual certamente não lhes prestaria ajuda.

O Capitão Gancho, após ouvir a história dos capturados, diante da reação de extrema cautela da menina, que tinha a cristalinidade própria de uma criança, lhe disse:

Vamos lá, acalme-se, garotinha  
Pois nada de mal te farei  
Sou um vilão, de fato  
Mas somente mau jamais serei

Na sua vida, vai perceber  
Pessoas têm luz e trevas  
Até você, pequenina  
Terá conflitos internos, deveras

Escolherá, contudo  
Um lado, em cada situação  
E poderá, dessa forma  
Entender o coração de um vilão

Não há bem e mal separados  
O ser humano é um conjunto  
De pensamentos, ações e intenções  
É sobre isso, tudo junto

Quanto ao objetivo de vocês  
Uma coisa posso lhes dizer  
Essa bruxa má eu conheço  
E o que seu veneno pode fazer

Deverão procurar uma maçã  
Que seja da cor das folhas arbóreas  
E só assim poderão  
Restaurar a saúde corpórea

A fruta estará numa árvore  
Com naipes de cartas de jogo  
Deverão fazer dela um elixir  
Por meio do ateio de fogo

Viu, menina, eu também posso  
Ajudar aqueles que quero  
Te desejo boa sorte  
Que acorde sua família, eu espero

Ouvindo as palavras do capitão do navio, Ana Maria já sabia o que fazer, deveriam ir até um outro reino, para colher a exata fruta antídoto e dela fabricar o tal elixir. Agradeceu pelas orientações, as quais, apesar de ainda não saber, levaria por toda a sua vida, pegou outro feijão mágico e o jogou no ar, abrindo um novo portal, mas distinto do outro, bastante peculiar.

Esta porta mágica, por sua vez, era toda vermelha e preta, com muitas flores ao seu redor, e, observando-a mais atentamente, percebeu a garotinha que, em uma delas, morava uma lagarta azul, detentora da chave que permitiria a sua passagem. A lagarta a encarou e, com a profundidade de toda a natureza existente, lhe fez a seguinte questão: “Quem... És... Tu...?”

A criança respondeu com o seu nome, soletrando-o orgulhosamente, mas a lagarta azul não se contentou, repetiu: “Quem... És... Tu...?” E, então, Ana Maria passou a contar-lhe toda a sua história, falou de seus vestidos rodados e de seus livros devorados, mas o diminuto ser lhe olhou fixamente e reiterou: “Quem... És... Tu...?”

A garota pensativa ficou, pois não sabia sequer que desconhecia quem realmente era; então, defronte daquele semblante desesperançoso, a lagarta azul proclamou:

Oh! A-n-a M-a-r-i-a  
Precisas saber quem tu és  
Deverás conhecer-te a ti mais que tudo  
Ou nada saberás, ao revés

Percebo que criança ainda és  
Então vou te dar um conselho  
Dedique-se sempre a si mesma perguntar  
E olhar através do espelho

Ainda tens tempo, menina  
Para buscar sobre si aprender  
Por isso te darei uma chance  
Pois ainda haverá de crescer

Confio que não me decepcionarás  
Buscarás conhecer o teu ser todo nu  
E, depois, novamente irei te indagar  
Quem... És... Tu...?

Enfim, a criança pôde pegar a chave do portal, abrindo-o e logo deparando-se com um mundo de árvores, de flores e de bichos das mais variadas formas: estava Ana no País das Maravilhas. O lugar lhe lembrava a Floresta Encantada, o seu lar, por toda a natureza que continha, mas aquele mundo, no entanto, respirava uma estranheza de cheiros, de cores e de sons jamais conhecidos por ela.

O três puseram-se a procurar o fruto na copa das árvores, mas logo perceberam que delas nasciam naipes de cartas de baralho, como o pirata havia indicado. Eram folhas com dois de ouros, flores ao lado de setes de paus, três e cinco que desenhavam corações nas plantas, bem como galhos que lutavam com as espadas dos nove. A menina estava perdidamente maravilhada com tudo isso, adorava números na escola e, mais ainda, jogos de raciocínio, tanto é que quase esqueceu de sua missão por um instante.

O Grande Sábio, então, achou a maçã verde procurada no meio de uma árvore vermelha de copas, identificando prontamente que aquele era o antídoto e não mais uma das maçãs envenenadas que os outros dois selecionavam sem querer. Reuniu fôlego e gritou para os demais: “Achei! Achei! Agora precisamos voltar!”. Mas havia um grande problema que permeava essa história, o qual João logo revelou, os feijões haviam acabado e, com eles, a possibilidade de abrir portais mágicos.

Foi então que, em meio aos lamentos, Ana Maria avistou um coelho branco, pulando alto e depressa, “é tarde, é tarde!”, repetia ele, sem parar, e a menina, com a maçã mágica em mãos, pôs-se a correr atrás do animal, com toda a energia que adultos só conseguem ter em sonhos. Ao alcançá-lo, ela lhe pediu ajuda, queria saber se,

por habitar aquele mundo tão diferente, o coelho conhecia alguma porta de saída; e, claro, estava muito curiosa para descobrir o porquê de ele dizer que estava tarde, se o sol ainda raiava num dia lindo.

Ao monte de perguntas e de porquês, o coelho, com o que parecia ser um esforço colossal, parou um pouco, respirou fundo e respondeu à menina, depressa:

Estou atrasado, criança  
E tu também estás  
Quando isso acontecer  
Não se deve demorar

Se atrasará durante a vida  
O que te parecerá muito ruim  
Mas tenta se abstrair e prossiga  
Pois isso não será o fim

Tu serás precoce nos estudos  
Nos interesses e nas invenções  
Mas o atraso te alcançará  
Com o passar das estações

Todo mundo se demora, veja  
A constância não é constante  
Então fique tranquila, enfim  
E siga o teu caminho confiante

Pois mais importante que a velocidade  
É a qualidade das tuas ações

Vai perceber, menina apressada  
Tu descansarás nas tuas razões

Mas sobre o fruto que carrega  
É preciso ter pressa mesmo  
Pois ele estragará  
Quando de luz o ambiente estiver cheio

Saia daqui, então, o quanto antes  
Há uma portinha seguindo à esquerda  
Precisará diminuir a tua grandeza  
Mas sem deixar que desapareça

Achará um novo mundo  
Cheio de coisas especiais  
Encontre o objeto dourado  
E se deparará com surpresas geniais

Menina ofegante, vá logo  
Está tarde, está tarde, está tarde  
Precisa retornar com o elixir à tua família  
Antes do pico desse sol que arde

E, terminadas as palavras apressadas, o coelho, sem olhar para trás, seguiu o seu caminho saltitando, e Ana, seu pai e o amigo foram à esquerda, esgueirando-se por entre as árvores engraçadas. De fato, mais à frente, encontrava-se uma portinha, impossível de atravessar sequer com a cabeça, porém do seu lado dormitava uma mesa com duas minúsculas caixinhas.

A menina leu o que tinha escrito em cada uma delas, em voz alta: “coma-me” e, depois, “beba-me”. Abriu, então, a primeira embalagem e viu que ali tinha um biscoitinho, deu uma mordida diminuta nele e sentiu o seu delicioso gosto salgado, que lhe pareceu uma mistura de queijo, tomates e alegria. Ela diminuiu de tamanho, tão rapidamente quanto os passos do coelho branco, mas uma hora parou de encolher e ficou satisfeita por não deixar de existir.

O rei Oliveira seguiu o seu exemplo e João também, tendo este último, antes de fazê-lo, agarrado a outra caixinha em suas mãos, sábio e precavido como era. O trio, assim, conseguiu atravessar a portinha, e, estando já do outro lado, beberam o líquido constante na segunda caixa, que os fez crescer até retomar o tamanho original.

Após se sentirem normais mais uma vez, notaram estar num grande deserto, árido e inabitado; a areia, percebeu Ana Maria, estranhamente reluzia: estavam cercados de ouro e tudo que ali encontrava-se era precioso. Dentre os objetos, estavam colares, brincos, castiçais, barras e aquilo que chamou mais a atenção da criança, uma lâmpada, que de tão brilhosa, lhe parecia mágica.

Lembrou a menina dos livros sobre desertos com príncipes ladrões que já lera numa infância mais remota e, com isso, pensou que não custava nada tentar: segurou a lâmpada com as suas mãozinhas e começou a esfregá-la. Dela saiu um poderoso gênio, o qual lhe provocou grande admiração e deslumbre, e logo já foi ele entonando que lhe daria o direito à realização de três desejos.

Ah, era fácil! A garotinha desejou que a fruta fosse transformada em elixir; que os três fossem transportados até o seu lar, na Floresta Encantada, já que os feijões mágicos haviam acabado e que não havia o menor sinal de outras portinhas; e, olhando de relance

para o seu pai, desejou, por último, que a magia desse momento jamais acabasse.

Na sequência, o gênio flutuante uniu as suas mãos, as duas fechadas à sua frente, como se esmurrassem uma à outra, e proferiu os seguintes dizeres, que ecoaram, improvavelmente, naquele deserto fervoroso:

Primeiro, levitarei esta fruta  
Atirando a ela fogo até que derreta  
Condensarei as suas partículas queimadas  
Em um líquido bonito, de aparência negra

Pegue este frasco, criança  
Está pronto o seu elixir  
Basta apenas espirrá-lo  
Naqueles que voltarão a existir

Agora, o segundo pedido  
Se realizará quando unir os teus calcanhares  
Deverá dar três batidinhas com eles  
Para a tua casa, então, retornares

Quanto ao terceiro desejo  
Entendi o que quis realmente pedir  
Concedo-te, menina contente  
Uma lembrança que irá jamais se esvaír

Recordarás dessa aventura  
Por toda a tua vida, enquanto durar  
Lembrarás do teu pai e de teu amigo sábio  
E, a partir dessa memória, irás aflorar

A mágica desses mundos que visitou  
Para sempre te acompanhará  
Pois são nas pequenas coisas da vida  
Que a magia está, você verá

E tem mais, pequena  
Esse ouro que a cerca não é nada  
Encontrará o bem mais valioso de todos  
Lá dentro da tua morada

Só te aviso que o sol se move  
E no seu ápice está quase  
Apreste o passo agora  
E passe logo à próxima fase

O elixir se extinguirá  
Quando o relógio badalar  
Não está insuportável o calor?  
Chegou o momento de avançar

Mesmo querendo fazer infinitas perguntas ao gênio da lâmpada – como para onde iria depois de chegar em casa, quem seria

(para que pudesse saber o que responder àquela lagarta), o que faria quando crescesse e “aflorasse” (como ele lhe dissera que aconteceria), o que o coelho apressado quis dizer quando a orientou a não ter pressa – Ana Maria resistiu, segurou na mão de seus companheiros de aventura e juntou os seus calcanhares em três vezes ritmadas, pois sabia que o tempo de regressar ao castelo escoava depressa.

Após um clarão, os três finalmente chegaram em seu destino e correram em direção aos aposentos da rainha Vale e dos príncipinhos, para borrifar o líquido da cura em cada um deles. Estes, ao sentirem o aroma cheiroso e confortável, acordaram do sono profundo ao qual foram involuntariamente submetidos e, como se nada tivesse acontecido, decidiram tomar café da manhã, seguindo para a cozinha real.

Com o alívio de perceber que o objetivo da história tinha sido alcançado e que tudo voltara ao normal, Ana Maria se despediu de seu grande amigo, o Sábio, prometendo-lhe uma visita na semana seguinte, tendo ele dali saído agradecido e com o sentimento de dever cumprido. Após, ela correu em direção à sua família, deu abraços em sua mãe e em seus dois irmãos recém-acordados e captou uma piscadela do pai, que sabia precisamente o significado de completude do que eles haviam feito numa simples manhã de domingo.

E, assim, em meio aos cheiros da comida, aos risos familiares e aos livros lidos, eles viveram felizes para sempre.

Ao meu amado pai, **Nelson Oliveira**, que me ensinou a enxergar os livros como sábios amigos.

## **A DANÇA DA VIDA**

Nasceu ela num dia qualquer, de um ano qualquer, para ser uma qualquer. Rastejou para fora de seu abrigo primevo, serpenteando o seu ser em direção ao nada, sabendo que dentro de si continha o tudo, a ser jamais acessado por completo.

Gostava ela de passear nos caminhos entroncados que se ramificavam à sua frente, pensando que conhecia a melhor parte do mundo, sem saber da pequenez de sua natureza, cuja existência resumir-se-ia em dias contados, a serem logo esquecidos na vastidão infinita do tempo.

Cada segmento de seu pequeno corpo latejava numa dor que a fazia acreditar que explodiria com a grandeza de tudo o que sentia, mas se contentava com o silêncio que pairava sobre seus movimentos fragmentados, pois voz não tinha e, ainda que a possuísse, não saberia exprimir os seus sentidos e angústias em palavras.

Em si, havia uma cobertura de veneno que ganhara de quem a havia criado, e usava o artifício para afastar predadores, inimigos e, para a sua surpresa, ela mesma. É que essa substância perigosa carregava consigo o paradoxo de repelir quem quer que chegasse perto demais e, sendo ela a criatura que estava mais próxima de seu eu, se tornava, dentre elas, a mais machucada - abria feridas nos outros e, longe dos outros, envenenava-se com a solidão.

No seu ritmo lento, a lagarta perdia-se dentro de si e, com uma paciência que a quase tudo abraçava, percorria os extensos labirintos floridos que enxergava dentro e fora dela, com vistas a, em tempo nenhum, se encontrar. Decidiu, então, defronte de uma das

várias bifurcações de sua vida, encolher-se e acolher-se, protegendo os seus limites com um invólucro, forte como um escudo e, ainda assim, vulnerável como a seda que lhe compunha.

Passaram-se mais dias quaisquer, de um ano qualquer, mas ela já não era mais uma qualquer: conhecia mais de si mesma e regozijava-se com a ideia de que muito mais havia a conhecer, pois descobrira que a metamorfose era própria de sua existência. Queria ser livre e romper com tudo aquilo que lhe puxava para baixo, unindo-a ao chão, pois o escudo que lhe protegia, agora lhe aprisionava.

Assim, ela bateu as suas asas e borboleteou em direção ao horizonte incerto, grata pela nova habilidade com a qual o tempo lhe presenteara – já não tinha mais o veneno daquele corpo e agora escolhia, conscientemente, alçar este voo sozinha.

A desejada liberdade vociferou em cores e os seus muitos tons implodiram em dança, de reconhecida efemeridade, mas esquecida em cada bater de asas. Essas nuances atingiram o patamar de leves passos coloridos, e estes desenharam a mais bela coreografia.

Ela entrava nas novas fases de seu ciclo dançando e saía delas cada vez mais livre, respirando o ar que os céus lhe ofereciam e transpirando vida em cada movimento. Quando a madrugada refletia luz, valsava ela com as estrelas e com os mundos ao seu redor, que lhe faziam acelerar ou enfraquecer o ritmo da dança, mas sempre acrescentavam novas notas à sua melodia interior.

Desenvolvia-se a borboleta em cada um de seus passos, não obstante a forma que moldavam, e, de olhos fechados, aprendia novos, inventava outros e sonhava com muitos, extravasando liberdade ao som da música que os seus rodopios criavam – e foi, assim, alçando voo, que ela alcançou, enfim, a sua subjetividade.

## A ÚLTIMA CONVERSA DO MUNDO

— Oi!

— Oi...

— Onde está todo mundo, moça?

— O mundo todo morreu.

— O que? Como assim?

— **Apocalipse, garotinha. Talvez sejamos as únicas duas sobreviventes.**

— Mas como foi que aconteceu? Eu estava dormindo...

— **Foi trágico, consegui sobreviver por pouco. Mas esqueça isso, eu não vou perturbar uma criança com os problemas de adulto.**

— Ah, tudo bem. Para onde devemos ir, então?

— **Vamos andar um pouco, talvez descubramos essa resposta no caminho.**

— Caminho para onde?

— **Ainda não sei, e você, menos ainda, mas vamos encontrá-lo.**

— Sabe, eu não gosto muito de caminhar, acho meio chato. Podemos correr? Podemos brincar?

— **Eu não tenho mais essa sua energia toda, pequena, e o fim do mundo me custou muita da pouca que eu tinha.**

— Eu estou com medo... E se realmente só o que sobrou do todo fomos nós?

— **Nós nos bastamos, não se preocupe. Busque relaxar, eu estou sempre aqui do seu lado.**

— *Mas e se o caminho não nos levar a lugar nenhum? E se, no fim, não houver nada?*

— **Então nós aproveitaremos o caminho.**

— *E se morrermos no caminho? E se um monstro nos pegar? E se não tivermos o que comer? Eu gosto de pizza!*

— **Se morrermos no caminho, então acabou.**

— *E, se acabar, o que acontece depois?*

— **Eu não sei.**

— *Como não sabe? Você já é uma pessoa grande!*

— **Nem mesmo as pessoas grandes têm todas as respostas, você vai perceber isso ao longo do caminho.**

— *Moça, isso tudo é muito confuso. Eu quero respostas!*

— **Tudo bem, eu também quero. Faça-me uma pergunta.**

— *Por que tudo isso aconteceu?*

— **Para que novas coisas pudessem acontecer.**

— *Que coisas?*

— **As coisas do caminho.**

— *Mas que caminho?!*

— **O que estamos trilhando, que vai dar em um destino desconhecido.**

— *Que destino? É um lugar?*

— **Não importa o lugar, o que importa é o caminho.**

— *Mas... Mas... Desisto.*

— **Tudo bem, querida, vamos descobrir juntas.**

— ...

— **Por que você está chorando?**

— *Porque quero tudo do jeito que era...*

— **Eu também queria...**

— *Por que você ficou com a cara triste de repente?*

— **Pois ser pessoa grande é viver cheia de fins e isso dói. Mas eu sei que vai passar, sempre passa, porque onde há fim, há começo, que normalmente são muito bons.**

— *Só sei que quero voltar para a minha casa! Para o meu quarto!*

— **Mas eu lhe disse, o mundo acabou, logo a sua casa não existe mais, nem o quarto róseo com a grande janela.**

— *Como você sabe que o meu quarto é cor-de-rosa e que tem um janelão?*

— **Foi um palpite. Você terá um novo quarto, eu lhe prometo.**

— *Mas eu quero aquele...*

— **Aquele ficou lá atrás e a gente já está muito mais à frente no caminho, não tem como voltar.**

— *Poxa... Tudo parece muito incerto agora.*

— **Sabe, criança, você é o que eu tenho de mais certo. Quando me vejo cheia de dúvidas, penso em você e as coisas ficam mais claras.**

— *Mas acabamos de nos conhecer, como pode?*

— ...

— *Por que você está sorrindo para mim?*

— **Porque queria poder lhe falar que tudo o que estou dizendo vai fazer total sentido um dia, mas eu sei que não vai; isso tudo seria cômico, se não fosse trágico.**

— *Você ri de coisas estranhas. Prefiro piadas.*

— **Piadas são boas também, mas não consigo pensar em nenhuma agora.**

— *É, eu também não.*

— **Estou ficando cansada de caminhar... Vamos descansar um pouco?**

— *Mas temos que chegar logo ao fim do caminho, vamos, vamos! Aposto uma corrida!*

— **Não precisa ter pressa, criança, vamos chegar lá de qualquer jeito.**

— *Você não está muito alegre agora, né?*

— **Não, desculpe.**

— *Há algo que eu possa fazer?*

— **Sim, você pode me prometer que vai ficar sempre comigo.**

— *Prometo.*

— **E eu prometo te fazer feliz, te honrar.**

— *Eba! Isso cheira a brincadeiras!*

— **Depois. Não podemos brincar agora, é o fim do mundo, lembra?**

— *Faz sentido. Moça, eu esqueci de perguntar: como é o seu nome? O meu é Ana.*

— **Me chamo Maria.**

— *Maria, estou entediada, cansada de ficar sentada, vamos correr? Talvez dançar um pouco...?*

— **Calma, curte um pouco a vista, depois a gente vai.**

— *Que vista se é o fim do mundo?*

— **Às vezes, podemos encontrar algo de belo no adverso.**

— *Eu não estou vendo...*

— **Para falar a verdade, eu também não.**

— *Vem! Eu te levanto!*

- **Opa, que menina forte! Obrigada.**
- *É que eu como muito feijão que a minha mãe faz para mim.*
- **Muito bem! Continue assim.**
- *Pode deixar!*
- ...
- *O que foi?*
- **Sinto saudades de você.**
- *Mas eu estou aqui e prometi que não vou embora.*
- **Ótimo. É hora, vamos continuar o caminho.**
- *Posso te abraçar?*
- **Pode, venha cá.**

Ana Maria cruzou os braços, como quem se protege do frio, e sentiu-se completa. O fim do mundo não a deixara sozinha, ativara a sua criança interior, e a criança, agora, tinha a adulta para lhe proteger e para lhe dar respostas às perguntas que fazia e novas perguntas às respostas que pensava ter.

- *O que devemos fazer agora?*
- **Viver o caminho.**

## O NASCIMENTO DO MUNDO

Era uma vez o nada e, do nada, Ela existiu.

Eram o ontem, o hoje e o sempre fundidos harmoniosamente naquela entidade de cabelos pretos, que de tudo sabia e em todos os lugares se fazia presente, passado e futuro. Ela era uma e, ao mesmo tempo, tantas, que se desdobravam em várias quando a sua vontade assim dizia; detinha do poder supremo, o qual constituía a sua própria essência.

Em sua majestosa infinitude, a Deusa já sustentava todas as coisas que ainda viriam a existir, encontrava-se Ela completa no todo Universal, reunindo propósitos inquietos para serem distribuídos. Tinha Ela em si todos os elementos imagináveis e sequer ainda descobertos, fazia-se verdadeiramente ilimitada em seus intentos e constante em sua perfeição, era o mistério ímpar, digno de ser copiosamente adorado.

Em Sua sabedoria insondável, a Deusa decidiu fazer um mundo, que refletiria a sua absoluta generosidade e sublime compaixão. Fabricá-lo-ia a partir de seu bem-querer, dando-lhe os contornos da matéria, cujo início sobreveio imediatamente ao seu.

Assim, no princípio, a Deusa criou os céus e a terra. Era a terra a comunhão de moléculas, cuja união formou o orgânico, originador das grandes elevações montanhosas e dos vales profundos, os quais abrigariam criaturas a serem jamais reconhecidas. Então, Ela disse: “Cubra-se esta terra de vegetação”, e, assim, várias espécies de plantas e de flores alastraram-se instantaneamente pelas bases

recém-solidificadas, colorindo o mundo diante de Seus olhos e promovendo-lhe nuances das mais sortidas formas.

As árvores produziriam sementes e as sementes originariam nova vida, que abrilhantaria a existência do mundo. Mas, para a Deusa, o feito não atingira à sua máxima expectativa, cujo fim remanesceria para sempre uma incógnita, então desenhou também animais, que habitariam a sua enorme criação, servindo-lhe com selvageria e com instintos inconscientes e fomentadores de movimento; esse foi o primeiro dia.

Logo Ela percebeu que tudo aquilo que criara necessitava de alimento propulsor, capaz de dar continuidade à existência, então a Deusa esculpiu os solos férteis do mundo e deles extraiu a água, que correu na forma de rios e de mares e caiu em grandiosas cachoeiras, alagando a criação. Os lugares passaram, então, a transbordar vida e o mundo foi chamado de Planeta Água.

No entanto, seguindo a ordem natural das coisas agora terrenas, percebeu-se que as águas acidentalmente congelavam, em vista da diminuta quantidade de calor que dali emanava, mas a Deusa não gostava de acidentes, perfeita como era, então desenhou uma estrela que denominou “sol”, com grandes raios-laranja aquarelados, que serpenteavam em inúmeras labaredas e se transformavam em fogo, o qual, por sua vez, esquentava o mundo. A temperatura, agora, favorecia à vida, e a Deusa viu que ficou bom; esse foi o segundo dia.

Tendo sido a estrela ilustrada tão útil ao que até então fora criado para além desta, novos astros foram falados em todo o Universo e, após ditos, existiram. Eles sustentariam o mundo quando a Deusa quisesse, mantendo-se unidos a ele, gravitando em seu

entorno e fornecendo-lhe gravidade, força vertical e apoio para baixo. Passaram-se a tarde e à noite; esse foi o terceiro dia.

No quarto dos dias, as bestas da terra podiam ouvir o badalar de um pincel colossal nos céus – a Deusa os pintava de azul. O firmamento passaria paradoxalmente a ser a base daquele mundo, embora acima dos planos arbóreos debaixo; isso, porquanto Ela sabia que o topo era fonte de inspiração e provocaria, nas criaturas, ideias e pensamentos, os quais, após maturação, se transformariam em mais ideias.

A ligação entre as constelações exibidas nos céus provocaria sinapses estelares aptas a elevar a vida até então criada ao patamar de imagem e semelhança da Deusa, que muito se envaidecia deste feito narcísico. Ela decidiu também colocar ali em cima quatro estações, que, assim como a primavera, o verão, o outono e o inverno, dariam ao mundo por Ela gerado humores que mudariam conforme a sua inclinação, fazendo brotar novos começos, aquecer os que já existiam ou nevar sobre a história vivida.

No dia seguinte, o quinto deles, a Deusa lembrou da ideia da lua, que já existia em seu irrestrito entendimento, posto que onisciente. Ela concluiu que os seres do planeta deveriam descansar, uma vez que, diferentemente da dela, a sua vida era finita e certa pausa deveria preceder o reinício dos ciclos. Foi lhes dado, então, o direito inigualável ao sono, ao qual poderiam sucumbir até a finalização daquela criação.

Depois, a Deusa abriu a sua boca e dela saiu uma canção. A música letra não tinha, porém carregava consigo todo o significado da vida, ecoando em todos os cantos do mundo. A suavidade da melodia alegrava a todos os seres presenteados com a sua existência

e os enchia de boas vontades, pois aquela era a perfeição no formato de som; as notas musicais vibravam em Sua frente até transformarem-se em anjos, que povoaram os continentes em um instante.

Lá, os seres celestiais, ao som da irresistível melodia divina, começaram uma coreografia quase tão primorosa quanto aquilo que ouviam. Sem qualquer ensaio, os recém-criados indivíduos dançavam ritmadamente e espalhavam liberdade pelo mundo, aprimorando a subjetividade de uma vida ainda não vivida e espalhando belíssimos sentimentos entoados pela dança.

Alguns dos anjos, contudo, tremiam em passos confusos, que alteravam o equilíbrio da composição, lançando no todo uma fila de más sensações, que tinham pressa em se ambientar em cada uma das brechas excedentes – a Deusa, defronte do erro cometido por suas criaturas, mitigou a sua efervescente vontade de punir e resolveu acolhê-lo, ao verificar que era justamente a imperfeição que tornava aquele mundo tão singular e, conseqüentemente, especial para si. Este foi o sexto dia e a Deusa o achou bom.

Era chegada a hora do quase-fim e, no sétimo dia, a melodia magistral outrora cantada transformou-se em um grito gutural aterrador. As ondulações daquele som marcante conduziam toda a força dos mundos, quase dolorosa de tão intensa que era, tendo, após a última nota berrada, se materializado na forma de extraordinários titãs. O mundo, então, para além das águas, dos solos, dos céus, das plantas, das flores, dos animais e dos anjos, agora era habitado também por titãs, que comiam outros titãs, e o resultado dessa digestão deu origem ao ser humano.

Esse caráter humano dado ao planeta pela Deusa converteu-se em relação, que gerou populações, as quais formaram sociedades.

Passou a haver a sociedade dos escritores, a dos leitores, a dos esportistas, a dos cientistas, a dos artistas, a dos políticos, a dos filósofos, a dos bons e a dos maus. Ela lhes agraciou com o dom da comunicação, para que pudessem coexistir no mesmo lugar, pelo qual já nutria o orgulho próprio de Criadora, e assim nasceu a linguagem.

Na noite do oitavo dia, Ela se encheu de ar e soprou o sopro dos sopros, criando uma atmosfera resistente em volta do planeta, para que toda a vida concebida pudesse suportar o respiro profundo. O tufão preencheu os pulmões de Suas criaturas, que passaram a compartilhar o sopro de sua Deusa, capaz de lhes garantir existência longínqua – não havia nada que Ela desejasse mais do que isso. A Gênese que visualizou estava, enfim, completada e a Deusa viu que tudo ficou bom.

No nono e último dia, percebendo a Deusa que a sua magnífica criação ainda estava sob trevas, disse: “Haja luz”, e Ela deu à luz.

Era uma vez o nada e, do nada, você existiu.

À minha querida mãe, **Rildemar do Vale**, cujo amor é o que eu tenho de mais próximo do divino.

## O ÚLTIMO ANIVERSÁRIO

O aniversário de alguém é algo estranho de se comemorar, considerando que o tempo não passa para mim na forma de anos... Há tanto, em cada momento, que não cabe nos dias, e a união deles perfaz, para mim, uma eternidade.

Observo os anos humanos correndo com curiosidade, me parece que, ainda que condicionada a não me envolver, participo daquilo que se alvoroça ao meu redor, seja provendo descanso, seja doando vida produzida ou mesmo rindo dos risos fugazes que me circundam em dias ensolarados. O tempo não passa e, junto a este, remanesce a minha confiança tediosa de que algo, algum dia, acontecerá.

Pois bem. Certo dia, nasceu uma menina aos meus pés, que chorava e chorava e calava, como num prelúdio de que, mais tarde, gritaria sem ninguém ouvir e conteria os seus mais ardilosos sentimentos, pensando estar fazendo bem à sua natureza e àquela que a circundava. Sua mãe, uma mulher forte e carinhosa, a pegou nos braços, prometendo preparar-lhe para o mundo, sem nunca a soltar, todavia.

A criança recebeu um nome comum, teve uma vida comum, mas amava os detalhes do ordinário de cada dia, de modo que decidiu passar ela também pela experiência mais comum e extraordinária de que já ouvira falar, a de ser mãe.

Diferentemente do nascimento de sua cria, o seu casamento ocorreu sob a minha vigília, uma cerimônia simples, mas bela – eu vira aquela criança crescer, conhecera cada um dos seus passos,

todas as suas dúvidas verbalizadas, e então assistia a uma das grandes decisões de sua vida se concretizarem. Estava linda, com o seu cabelo torneado em grandes cachos marrons e as bochechas coradas do sol, envolta por um vestido tão alvo como as pétalas das flores que lhe dei para montar o seu buquê.

Essa mulher, a quem até o último instante eu quis tão bem, seguiu no seu desejo tardio da experiência nada ordinária de ter uma filha, e me apresentou a ela, que já não tinha um nome tão comum quanto o seu. Esta, por sua vez, fervia em um caráter obstinado e imperativo, fazia seu dia quando a mãe permitia que brincasse comigo e, na sequência, gritava lá do alto: “Eu sou a dona do mundo!”.

Vi a garota crescer, chorar, gargalhar, berrar, escalar e, sim, engravidar: teve duas lindas meninas. A primeira, de nome engraçado, foi morar com o pai - sobre quem, desde o começo, avisei para a mãe que não saberia lidar com a sua grandiosa personalidade - e, portanto, não vi esta crescer. A segunda, que carregava consigo o nome da avó, o comum, era cautelosa como aquela, me pedia conselhos e confessava gostar de decidir.

Se tornou juíza e, por isso, me contava sobre os problemas mirabolantes que resolvia em seu trabalho, se orgulhando do poder de ajudar as pessoas e, ainda assim, me pedia conselhos sobre aqueles casos que lhe tocavam a alma. Eu a respondia como quem não ligava para a efemeridade daquela vida diante de mim, e lhe dava toda a importância que a minha ancestralidade entendia ser possível.

Os ciclos humanos, assim como os aniversários, são entidades curiosas. Quaisquer coisas, aos seus olhos, são transformadas em conquistas, e o fim destas, quando alcançam seus detentores, são igualmente comemorados, provavelmente porque principiam um

novo começo. É como um aniversário de 26 anos, que se transforma numa comemoração de 27 aniversários, que origina o número 28, que é igualmente celebrado - ou lamentado. Há certa magia na momentaneidade da vida e na incerteza de seus acontecimentos, a qual, quando vira infalibilidade, pede certa solenidade repleta de alívio.

Ocorre que, de impermanência eu nada entendo, então me resta ser a alta observadora daqueles frágeis anos finitos. E, falando em frágil, assim se apresentou o filho da juíza, o primeiro homem nascido depois de gerações de grandes mulheres, que, tão diferentes entre si, tanto se assemelhavam em sua resiliente força. O nome dele era Robin - sim, direta e cristalina quanto ao nome desta criança.

Robin era um garoto esperto, feliz e interessante. Não queria conselhos, achava que de tudo sabia e, quando não sabia, fingia que sim, contrariando os ensinamentos de sua mãe. Ele tinha um “gênio forte”, como bem diziam os meus frequentadores, e gostava dos animais que encontrava por aqui, os quais o faziam se sentir como parte de um plano maior que ele, a única coisa que acreditava lhe transcender.

Enquanto crescia, Robin conhecia diversos outros humanos, que lhe promoviam experiências das mais variadas vertentes – presenciei algumas e garanto que a sua existência foi bem vivida. Certa vez, eu assisti àquele homem, já quase feito, protagonizar o enredo de uma obra clássica, se divertiu tanto de um galho para o outro! Eu ria e me divertia com ele, doando a minha robustez para as suas intenções.

Toda essa troca só acentuou a minha confusão quando ele apareceu repentinamente, num dia qualquer, com aquele machado

em suas mãos. Robin trajava um olhar frio e obstinado, aparentando não querer mais alguma coisa – mas o que? A minha felicidade, que só crescia ao seu lado, o conforto que eu lhe proporcionava, o que? Logo descobri: ele não queria mais o meu eu.

Mas por quê? Eu não sabia e, agora, também não saberão os meus restos orgânicos. A cada machadada em meu corpo esguio, eu me sentia culpada por algo que eu não sabia que acontecera. Eu não fazia ideia do que se passara com ele, desconhecia o que eu tinha lhe feito que justificasse aquela violência visceral – mas, perene que sou, abracei o sofrimento e a monta de dúvidas, aceitando o fim que ele decidiu para mim.

Era aquele o último dos meus aniversários, de tantos que fiz, e só então percebi a razão pela qual os meus observados humanos comemoram o fim do ciclo: ali eu concluía uma missão, por bem ou por mal, e me era dada a oportunidade de outra, a qual eu enfrentaria não mais com galhos e folhas, mas como o grande início que alimenta a vida.

## **OS DOMINADORES DE MUNDOS**

Reza a lenda que eles vieram parar no planeta Terra de forma intencional, no dia a mais de um ano bissexto. Criaturas noturnas que são, desceram de sua nave espacial, discretamente, em um lugar do mundo em que a lua cantava para a noite e o sol dormia ao som celestial.

Ninguém os ouviu quando da sua chegada, pois esses seres tinham a capacidade de serem completamente silenciosos e de passarem despercebidos em qualquer local que escolhessem adentrar. Eram criaturas graciosas, que desfilavam com seu andar faceiro e só os deixavam perceber aqueles que achassem dignos de vislumbrar a sua beleza.

Na aterrissagem, a nave em forma de caixa parou num campo de ervas cheirosas, que encantaram os nossos visitantes. Eles exploraram a plantação, roçando-se nos ramos com fito de reconhecer o ambiente, e, após isso, seguiram em direção à comunidade de humanos mais próxima.

Criaturas extremamente inteligentes, elas já tinham estudado as sociedades humanas, o seu desenvolvimento e as suas limitações; por isso, sabiam exatamente o que precisavam fazer para dominar o Planeta Água. Inteirados de que os homens dividiam o seu Mundo em continentes, resolveram que visitariam cada um, para, assim, colonizá-lo por completo.

Tais extraterrestres já haviam dominado outros mundos, normalmente sem guerra, pois detinham de excelentes habilidades persuasivas e, para além disso, notória aptidão para caça, o que, por

si só, assustava os nativos de tal modo que, em instantes, já ficavam convencidos da superioridade dos pequenos invasores.

Contudo, neste Planeta, havia seres inteligentes também e que possuíam vários aparatos bélicos, eles sabiam, então decidiram que negociariam a sua estadia na Terra, mostrando aos humanos as vantagens de tê-los como colonizadores.

Espalharam-se e, na sequência, o primeiro contato foi estabelecido: as belas criaturas saíram das profundezas da noite em direção à luminescente pirâmide que reunia humanos às suas margens, os quais ficaram paralisados, admirados, pelos grandes olhos brilhosos que caminhavam na escuridão.

Essas criaturas emitiam um som gutural e discreto, inaudível para quem não estivesse perto, mas elas se aproximaram dos terráqueos e puderam revelar parte de suas intenções, convencendo-os de que haviam vindo de longe para suprir os desejos humanos de afago e de proteção.

As pessoas do primeiro contato, fascinadas por tamanha perfeição, aceitaram a oferta realizada e curvaram-se diante dos pequenos. Aquela maravilha de orelhas pontudas deveria ser desenhada, pintada e adorada por todos, logo foram produzidas obras de ouro e de tinta colorida com as suas feições triangulares.

Os outros extraterrestres que pousaram nos demais continentes foram recebidos de diferentes formas, mas sempre com inarredável hospitalidade e constante aquiescência às suas propostas: promoveriam sentimentos bons até no pior dos homens, neutralizariam a infelicidade no Mundo e abririam mão da sua inefável grandiosidade para suprir as carências humanas.

Em algumas partes do Planeta, as diminutas criaturas foram idolatradas, em outras, se fizeram livres para explorar todos os cantos que pretendiam, em certos lugares, os exímios caçadores escolheram aperfeiçoar a sua astúcia selvagem, contudo, na maioria desses, deixaram-se ser domesticados.

Não se sabe exatamente o porquê de a maior parte do grande grupo de extraterrestres ter decidido viver nas casas habitadas por humanos, se isso cercearia excepcionalmente um pouco de sua liberdade. Certamente, lhes apetece o serviço prestado vinte e quatro horas pelos homens, que trabalham para os alimentar, brincam com eles sem hora para parar e promovem os mais confortáveis tipos de cama para o seu interminável momento de descanso, desde travesseiros fofos até potes de diminuto espaço e colos que remanescem parados até o seu despertar.

Eu, pessoalmente, tive a minha casa dominada por extraterrestres também, gerações após a sua chegada na Terra, e posso afirmar que o acordo efetivado por nossos ancestrais talvez não tenha sido o mais justo de todos, não sei se para o lado deles, que, sem nada fazer, nos tornam reais dependentes de seu afeto e objetos de suas vontades, ou se para o lado dos humanos, o nosso, que ganhamos tudo o que os felinos nos prometeram.

Às minhas gatinhas, **Felícia e Zyra**, dominadoras do meu mundo.

**ANTÔNIA  
VIVIAN  
BRENNNA  
LIMA  
SCARCELA**





## POKÉMON GO: UMA HISTORINHA DE NINAR

O ano era 2023, e, Elton andava despretensiosamente com seu irmão pelo parque do Cocó, quando de repente, viu algo considerado como fantástico, existente apenas no imaginário das pessoas: um pokémon na natureza, como se fosse um prelúdio de algo, mas o que seria?

Elton chega para Duílio e sussurra:

— Duílio, você está vendo o mesmo que eu? Aquilo é um Eevee? Eu pensava que era uma lenda, tipo dragões e Dodós!

Duílio olha para Elton, como se este estivesse doido e exclama: - Elton, pelo amor de Deus, nessa onda de calor quase sobralense, você vem falar esse tipo de abobrinhas... Está jogando demais, precisa de outro Hobbie.

Porém, Elton sabia que tinha de fato visto um pokémon, então deixou seu irmão de lado e foi a caminho procurar o inimaginável.

Depois de vasculhar o parque do Cocó inteiro, Elton nada encontrou, porém, sabia, em seu íntimo, que tinha visto o pokémon.

Na semana seguinte, fazendo sua caminhada matinal, Elton vê novamente o Eevee e corre atrás dele, até achar o seu caminho: uma loja de produtos nerds que o dono conseguiu fazer um Eevee super-realista eletrônico para chamar a clientela.

Elton viu aquilo se sentindo meio babaca, porém, quem nunca acreditou em algo claramente impossível diante da imprevisibilidade da vida?

A partir desse dia, Elton voltava na loja todos os sábados para jogar cartas e percebeu que de fato ver aquele pokémon era um prelúdio, pois conseguiu o mais extraordinário de tudo, fazer amigos.

## O MITO DO JOVEM E SUA GERAÇÃO SAÚDE

Era uma vez uma jovem, uma jovem alta, magra, bonita e claro, como toda jovem, saudável.

A jovem tinha sonhos, vontades, objetivos, por isso, sempre que podia, se esforçava o máximo possível.

Um belo dia, como os outros, a jovem se surpreendeu, pois algo de errado lhe aconteceu.

A jovem saudável começou a sangrar, razão pela qual ela decidiu investigar!

O médico ao ver a jovem apenas exclamou: “Você é jovem, nada pode ter, não precisa de exames, precisa comer, correr, viver!”

A jovem então ficou sem entender “se saudável sou, o que poderia ser?”

Médico após médico, consulta após consulta, nada foi feito a jovem, afinal, essa estava em plena formosura.

A jovem era magra, era linda, era jovem. Impossível ter algo de errado, com certeza, isso era desordem.

Porém, qual tipo de desordem? A de ordem mental, mas é claro!

Um jovem magro não é possível falhas físicas, a ele somente é passível esquizofrenia!

A coitada da jovem estava desfalecendo. “Mas e daí?” pensavam os médicos “nada de importante está acontecendo”.

Até vim alguém são, a jovem já quase havia perdido a vida, e agora, fatalmente, acamada ficaria.

Tiraram os remédios da jovem, pois sua doença não era mental, o que na verdade a jovem tinha, era uma tal de Doença de Crohn.

A jovem então pôde começar o tratamento, que alguma qualidade a daria. As pessoas, todavia, diriam que ela nada teria.

Independentemente de internações, tratamentos e feridas. Ela é jovem, e jovens não têm doenças, têm manias.

Manias de inventar, de se vitimizar, de se exaltar. Jovens, na verdade só sabem reclamar.

Toda conquista será facilitada, toda adversidade será ignorada, pois tudo é incrível ao jovem, ser invencível.

Enfim, o que é possível dizer? Ao jovem invencível não é permitido sofrer!

## **QUANDO VOCÊ É JOVEM, ELES ASSUMEM QUE VOCÊ NÃO SABE DE NADA**

Infância é um período engraçado, pois ao mesmo tempo que você está aprendendo a se conhecer e conhecer o mundo, parece que todos já descobriram, menos você. Todo mundo sabe como você deve se portar, o que você deve vestir, o que você deve comer, o que você deve fazer.

Tudo na infância parece um paradoxo, pois, ao mesmo tempo que te dizem algo, fazem o oposto, e cabe a você, que teoricamente não sabe de nada, decidir o impasse das contradições aparentes. O que é certo e errado? Existe certo e errado? Quando existe certo e errado? A vida é preto no branco? Tantas questões: nada é simples, tudo é simples.

Gosto de algumas histórias ditas por minha mãe, pois eu mesma sou incapaz de me recordar.

Na época que eu estava me alfabetizando, minha mãe viu uma amiga e perguntou o que ela estava fazendo “Estou fazendo Letras na UVA”, ela disse. Então, eu na minha inocência disse “Eu estou fazendo as vogais no Bambino”.

Uma vez estávamos na Serra e eu estava me divertindo muito e perguntei a minha mãe “dá para trocar isso por dinheiro?” Minha mãe afirmou que sim e eu exclamei “quando eu crescer vou trocar isso por dinheiro”.

A vida é curiosa... quando somos crianças, tudo é simples, quando crescermos, ficamos desesperados a perceber que não, até

encontrarmos nosso meio termo e aprendermos a conviver dentro das nossas possibilidades, talvez seja a tal de resiliência.

Porém, se me permite a reflexão, já perceberam que a maioria das pessoas dizem que a infância é a melhor época da vida -eu particularmente discordo. Acredito que essa premissa existe porque na juventude você aproveita mais a vida, você não pensa nos infortúnios, você não olha para doenças e sente medo, você não vai para um local e sente inveja, peso financeiro, remorso do que come, vive ou faz, você só vive, sem pensar demais acerca.

Acredito que a tristeza de aprender certas coisas da vida adulta, é esquecer certas premissas da infância, pois apesar do menosprezo intelectual da juventude, a simplicidade dessa fase é o que faz com que vivamos plenamente.

Então fica a reflexão: será que as crianças não sabem de nada, ou já sabem de tudo e foram direcionadas a esquecer? Quando somos jovens, eles assumem que não sabemos de nada.

## QUANDO DIGO “EU TE AMO”

Verão, férias, quebra da primeira lei de Newton;  
Encontro, liberdade, o melhor sorriso;  
Revelações, paixão, escutando o bombear do teu coração;  
Planos, promessas, uma vida a ser descoberta;  
“Eu te amo”, não é a melhor coisa que você já escutou?  
Declarações, medos, afastamento e desapareço;  
Amor, persistência, negação à desistência;  
Dor, vontade, desejo de liberdade (ao teu lado);  
Recaída, mais negação, clamando pela verdade, mas almejando  
a mentira;  
Omissão, retratação, amor, fugindo da ilusão (mas ainda a de-  
sejando);  
Problemas, preocupações;  
“O contrário do amor não é o ódio, mas a indiferença”;  
Amor de um lado, indiferença do outro;  
“Eu te amo”, não é a pior coisa que você já escutou?

Baseado em um trecho da música de Taylor Swift, *Cruel summer*:  
*Said I'm fine, but it wasn't true*  
*I don't wanna keep secrets just to keep you*  
*And I snuck in through the garden gate*  
*Every night that summer, just to seal my fate (oh)*  
*And I screamed for whatever it's worth*  
*I love you, ain't that the worst thing you ever heard?*

Disse que estava bem, mas não era verdade  
Eu não quero guardar segredos apenas para manter você  
E eu entrei sorrateiramente pelo portão do jardim  
Todas as noites daquele verão, só para selar meu destino (oh)  
E eu gritei por qualquer coisa que valesse a pena  
Eu te amo, essa não é a pior coisa que você já ouviu?

## EU JÁ ACREDITEI

I ONCE BELIEVED LOVE WOULD BE (BLACK AND WHITE) (...)  
I ONCE BELIEVED LOVE WOULD BE (BURNING RED)  
BUT IT'S GOLDEN LIKE DAYLIGHT  
SWIFT, Taylor Alisson. Dayligh: 2019.

Em tradução livre: “Eu já acreditei que o amor seria preto e branco (...) já acreditei que o amor seria vermelho escaldante, mas ele é dourado, assim como a luz do dia”.

Eu já pensei que o amor era intenso, que brigas constantes era algo comum em um relacionamento, pois foi assim que o amor me foi apresentado no contexto sociofamiliar enquanto eu crescia, e com meus relacionamentos imaturos antes vividos. Eu já cheguei a verbalizar que relacionamento sem brigas era tedioso, e com a reação que recebi, mesmo sem que nenhuma palavra fosse dita, percebi que havia algo errado em eu pensar dessa forma.

Acredito também que o amor não é preto no branco, pois mesmo pessoas boas podem ter atitudes ruins.

E sim, o amor é dourado, como a luz do dia. O amor é acolhedor. O amor é luz. Segue o poema que fiz sobre uma experiência que eu tive, em que realizei analogias do amor, como cores:

- Tu me mostraste cores;
- Cores essas que só tu tinhas;
- Ampliastes minha visão de mundo;
- Mostrou-me que apesar de eu me achar muito evoluída, em verdade, estava limitada dentro de meus dogmas e ideais;

- Tu me trouxeste luz;
- Trouxeste-me paz;
- E depois de brevemente me dar tudo que eu desejava;
- E pior, tudo que eu não sabia que desejava;
- Tu te fostes;
- Tu te fostes aos poucos, como aqueles remédios que precisamos desmamar;
- Por que todos não têm essa empatia? Mas principalmente, por que tu tiveste que partir?:
- Apesar de todos os protocolos adequados, ainda sinto abstinência;
- Após tua partida, nada de tu sobrou, além de memórias, pois somente isso tu deixaste;
- E agora eu vivo no canto escuro de meu quarto, enxergando sob a visão monocromática, o nada, refletindo se eu preciso de cores, pensando que eu mesma posso criá-las;
- Porém, eu sei, no fundo, que a questão não são a necessidade de cores, e sim, que são tuas cores que eu almejo;
- Por quê? Nem me recordo mais;
- Não me recordo mais o porquê dessa necessidade, apesar de a lógica dizer “por que era bom”, eu vivo uma boa vida, não pode ser isso;
- No fim, só me resta aguardar a próxima paleta e torcer para que ela não se vá, como tu fostes.

## NÃO CONSIGO COMPETIR COM NADA

Era uma vez Luna.

Luna tinha um irmão chamada Selene, e apesar de irmãos, eles eram bem diferentes, a mãe deles sempre exclamava:

— Luna, por que você não pode ser como Selene?

Luna pensava:

— Ser como? Irresponsável? Acomodado? Preguiçoso?

Porém, Luna não falava nada acerca.

Um belo dia, na escola, a professora de Luna deu aula acerca do ciclo da vida: nascemos, crescemos, nos reproduzimos e morremos, e nesse ínterim a melhor coisa não é a chegada, mas a jornada. Então, ainda que saibamos que um dia iremos morrer, a vida vale a pena de ser vivida.

— Por que não consigo sentir isso? — Pensava Luna. Talvez eu seja ingrata... me falte esforço e dedicação para fazer com que os outros me amem e me valorizem.

Durante anos ela teve um só objetivo: não ser um fardo. Após anos se qualificando, Luna logrou êxito em uma seleção de um bom emprego.

— Esse será o melhor dia da minha vida! — Pensou Luna. Finalmente terão orgulho de mim, finalmente não serei um fardo.

Luna foi toda feliz contar a notícia para seus familiares.

— Passei! — Exclamou Luna.

Sua Tia, Mercúrio surpresa falou:

— Parabéns! Para qual cargo?

— Roteirista das estrelas. — Disse Luna com orgulho.

Mercúrio rapidamente fechou a cara e desdenhou:

— E quando você vai fazer uma seleção que preste?

Aquilo quebrou a Luna em todos os pedaços possíveis. Luna pensava que aquele dia, que sonhou a vida toda, seria o melhor dia da sua vida.

Sua outra tia, Vênus, ao saber da notícia perguntou a Luna, as quais tiveram o seguinte diálogo:

— E essa seleção é da Globo?

— Não

— SBT?

— Não

— Ah, que lixo! Selene será ator da Globo, e não um mero roteirista.

Selene também havia feito a seleção, e nem chegara perto de se qualificar... Nesse dia, Luna percebeu que não podia concorrer com nada, e algo dela morreu. Porém, toda história tem um final, mas na vida, cada final pode ser um recomeço.

Apesar de o cargo não ter sido digno de orgulho para os familiares, ele permitiu Luna ter algo que nunca pôde antes: autonomia financeira e principalmente, emocional.

Luna percebeu que tinha valoração de alguém muito importante, porém, que nunca deu visibilidade: de si própria.

Ironicamente, a sociedade viu Luna após isso, e os familiares muito passaram a exclamar e querer Luna. Porém, agora ela não quer mais estar competindo com nada. Luna agora quer fazer jus a seu nome e ser Luz em sua própria vida.

**CARLA  
MARIA  
BARRETO  
GONÇALVES**





## LEITURA FOTOGRÁFICA

Diante da possibilidade de se escrever sobre uma fotografia, paralisei. Clique.

Alguém, no universo, deve ter fotografado este momento, esta epifania que começa a se desenrolar dentro de mim.

Assim como desejamos que nossas pupilas fossem lentes fotográficas, o sonho de eternizar todo e qualquer momento imagético variou muito desde quando essa tecnologia foi inventada. Dei outro clique, dessa vez no mouse.

Segundo a famigerada “Wikipedia”, a fotografia, que do grego significa desenhar com a luz, teria sido inventada pelo francês Joseph Nicéphore Niépce, em 1826. Contudo, afirma-se que essa invenção não seria fruto de um só autor. Clique.

Vira-se uma chave na minha mente e vem a epifania: nada se faz sozinho e exclusividade. Sejam pessoas ou eventos, é impossível escolher uma única situação para representar o todo.

Assim, da mesma forma que a tecnologia fotográfica não teria um só inventor – nenhuma tecnologia, aliás, tem um só autor – nesta ocasião me recuso a escolher uma só foto sobre a qual escrever. Clique.

Destravo meu celular a procura dessa certeza.

Como esperava, minha galera está inundada de fotos. Clique.

Abro o computador. Outras dezenas de pastas digitais, separadas por ano ou por tema dividem minhas memórias que, dentro da minha cabeça, são todas misturadas e liquidificadas. Clique, de novo.

Outra epifania vem: somos um caleidoscópio permanente de memórias.

Não adianta isolar um só fragmento que represente esse mosaico. Somos ele inteiro. Todas as fotos são meus olhares, ou olhares sobre mim, ou olhares dos outros, que guardo e coleciono tentando me reconhecer e me lembrar. Clique.

Meu cérebro me lembra como tem sido cada vez mais raro que eu veja fotos antigas.

No passado o ritual de olhar para minhas imagens saudosas foi um terapêutico ritual de conexão comigo, mas hoje admito que minhas fotos são repertórios do que postar. Ou, no máximo, reconstituição dos fatos da vida de alguém que já passou dos trinta anos e não tem mais tanta clareza de quando o Brasil foi penta, quando as olimpíadas foram no Japão, quando foi a última vinda dos parentes de Brasília ou quando foi seu aniversário naquele restaurante que fechou com a Pandemia.

Somos meros cliques de memórias vivas dentro de nós.

Clique. Clique. Clique.

Pisco os olhos agora para tentar registrar esse momento, em mais um texto que nasce dos meus dedos. Tap tap tap. Batem no teclado.

Assim, digo adeus a mais uma oportunidade de usar as palavras a serviço das minhas emoções, junto a colegas do tribunal.

Mais uma oficina de escrita se encerra e, embora eu tenha algumas fotos com pessoas queridas que nela conheci, eu sempre vou lembrar dos cliques da mente e dos dedos que desafiavam minha ousadia de escrever um pouco mais, um pouco melhor, do que antes. Obrigada a todos.

## A BAILARINA QUE NÃO DANÇAVA

Aos 15 anos aceitou que jamais dançaria profissionalmente. Nunca soube se a dor maior era a inaptidão com *pliés*, o descompasso com Tchaikovsky, a frustração da professora ou porque o *collant* lhe machucava o corpo de tão comprimido que era, mesmo sendo o maior tamanho possível.

Desistiu. Como em outras chances dadas pela vida, fez de seus sonhos órfãos tristonhos e lacrimosos, que a contragosto eram guardados nas últimas e intocadas gavetas de seu quarto e de sua vida. Decisão elaborada na mente, enunciou em voz alta e enfim abandonou o *ballet*. Pelo menos no corpo.

Na mente buscou que tudo prosseguisse em gracioso *pas de deux* entre mente e coração. Alongava as palavras, saltitava até o banho e dava piruetas enquanto estudava. Nunca assumiu esse abandono por inteiro. Até porque era filha de professora que não explicava e de jornalista que não gostava de falar.

Aprendeu com eles que identidade e profissão é mais conveniência que vocação e que, se a vida te permite ocupar uma posição pagando bem, que mal tem?

Professores têm que mandar estudar e corrigir com rigor as provas, dizia a mãe. Jornalistas não conversam, não opinam, dizia o pai, só apuram e repassam os fatos, sempre separando sinais de autenticidade e falsidade. Assim, aceitou que podia ser bailarina sem dançar.

Aos 25 anos, compreendeu e sentiu alívio. Conformou-se que findar uma faculdade clássica, estudar para concurso de bom

salário, ainda que *démodé*, tomar posse e viver as idas e vindas até a repartição, um eterno *pas de bourée*.

Contudo, das reminiscências do tempo investido para caber no *collant*, percebeu que dali nasceu a angústia descomunal de caber em si. Em corpo e em alma. Ora queria espremer para dentro dos panos cada dobra, cada sobra, cada gordura, cada banha. Parecia que quanto mais ela se espremia, mais ela aumentava. Mais sobrava. Mais machucava.

O que antes eram gordurinhas inconvenientes, logo viraram pelancas intoleráveis. Sobravam pelas calças, na fricção das coxas, nas axilas e irritava quando também suava. Sentia vergonha e nojo mesmo quando já não estava nas aulas de *ballet*.

Essa alergia com a própria pele se aprofundou em seu íntimo quando percebeu que não queria apenas comprimir seu corpo à vácuo. Queria fazer caber em si todos os desejos possíveis, ainda que ouvisse repetida e jocosamente o jargão de que “não se pode querer abarcar o mundo com as pernas”.

Talvez por isso que seu desafio favorito fosse aumentar seu *grand écart*, o bom e velho *espacate*.

Não parou enquanto não tivesse feito o máximo de viagens, devorado inúmeros sabores, degustado todos os vinhos, visto diversos filmes lançados, beijado todas as bocas que lhe consentiam, lido tantos livros quanto suas mãos tocassem, parecia que o vazio de uma vida muito cheia era buraco negro perpétuo a demandar. Até que os 35 anos se avizinharam.

Em mais uma pirueta dos ciclos da vida, finalmente percebeu que do *ballet* só lhe restara o rigor e a compulsão. Não encontrava

mais consigo a leveza, a graça e a flexibilidade que conquistara. Entendia que tinha direito a ser bailarina de novo. De fato e de direito, queria voltar a tentar.

Depois de rodopiar por algumas academias finalmente a encontrou, e se encontrou. Retomou suas aulas, agora na modalidade de *ballet* adulto, mas com uma professora de gentileza infantil.

Todos os seus colegas, mulheres e homens, eram simpáticos e risonhos. Ainda que para alguns faltassem cabelos e sobrassem rugas, miravam-se no espelho com orgulho de si que dificilmente se poderia ver em um *Bolshoi*. O tempo da autocobrança se fora. Restara, felizmente, tempo de sobra para o desfrute de uma arte com os próprios corpos.

Lentamente ela se deixou abrir as suas gavetas. Desamassou os sonhos que, se antes estavam tristonhos e lacrimosos pelo abandono, curiosamente lhe pareceram muito simpáticos e risonhos esses papéis cheios de rugas. Em meio a eles, um nome familiar lhe saltou: Edisca.

Seguiu os rastros daquele mapa e finalmente encontrou seu tesouro. Com algum tempo no voluntariado, virou auxiliar de uma professora que precisava de tradução em LIBRAS para uma das alunas. Abraçou o desafio, com um dos nobres aprendizados que sua voracidade concedeu.

Dia desses, numa agradável comunicação silenciosa com as alunas, que tanto lhe informavam sobre suas vivências e aos poucos estavam versadas no básico da linguagem dos sinais, sua mente deu o *grand jété*: tornara-se uma professora que não ensinava e uma jornalista que não conversava. Bastou-lhe apurar os sinais,

de autenticidade e do seu coração para, graciosamente, rodopiar e voltar quase que exatamente ao mesmo ponto do palco. Não sem antes muito piruetar e, enfim, agradecer à plateia imaginária composta dela mesma.

## AGORA ELE ERA HERÓI...

O galo cantou porque era o jeito. Percebia que se não tivesse função naquela fazenda, seu destino seria panela. Com esse canto de má vontade, o roçador John Wellington se levanta.

Ele caminha rumo à terra machucada, ferida pela foice e suspira por mais um dia debaixo de sol quente. Quisera ele se deitar à sombra da oiticica como o patrão, o vaqueiro charmoso da cidade, o Elves Prestes. Mas querer, querer mesmo, ele queria era ser o patrão para ser o noivo da Mary Anne. Ali era bonita, a galega!

Só que mais lascado que ele, só dois dele, coitado! John Wellington não tinha eira nem beira nesse mundo. Só lhe restava arar a terra nesse suspiro entre o nascer e o morrer que chamam de vida.

Das poucas alegrias que conseguia cultivar clandestinamente era o radinho de pilha que achou esquecido no bar “Fundo de Padre”, carinhosamente chamado por ficar logo atrás da igreja da cidade. Com esse radinho, a sintonia era tão boa quanto a palha de aço da antena fosse. John o deixou em sua cabeceira, fazendo companhia à baladeira que ganhara do finado pai.

Ele começou a ouvir, e a amar, músicas de rock – Beatles, Elvis, Rolling Stones - e assim aprendeu algumas palavras que começou a treinar com o pangaré. E não é que ele entendia? Parece que realmente o cavalo só entendia inglês.

“Tú sêi gudibái, aí sêi relô, Pé de Pano!”, exclamava John para o cavalo que só balançava a cabeça no lervuait. Não tinha samba ou xaxado que movesse o animal como lhe mexia o roque em rôu.

Mas isso tudo ainda era pouco para impressionar a noiva do *cowboy* – como ele aprendeu que era o termo inglês para vaqueiro. Mesmo que o outro safado tivesse umas outras três com quem namorava escondido, ela não era de dar cabimento para John. Essa tristeza, que para muita gente já era grande, para John era toda a tristeza que ele conseguia sentir. Rodopiava nessa tristeza do mesmo jeito que o sol rodava pelo céu, todo dia, do mesmo jeito.

Seu destino mudou quando na cidade começaram a dizer que bandidos uns perigosos estavam tomando a casa das pessoas de assalto em um carro estranho. Eram uns caras galegos, dirigiam um carro que parecia daquele desenho que caçavam fantasma e o cachorro falava. A marca do carro parece que era alemã. Vou-quis-alguma coisa. Começaram a ser chamados de “Alemães da Kombi” e, quando finalmente começaram a rondar a cidade de John, seu patrão Elves disse que ia pra cima dos galegos.

Na varanda do sítio, bebendo com os amigos, ele inchava igual ao galo cantor, batia nos peitos, e jurava que ficaria na frente da Kombi e meteria bala! John escutava de longe e dava risada toda vez que a enxada batia no chão, aproveitando pra tremer o corpo de uma só vez: do cansaço e da risada.

Até que um dia o incontornável encontro assumiu contornos. Logo cedo pela manhã, via-se, no horizonte empoeirado do sítio, a Kombi chegando e, com ela, barulhos de tiros pelo ar. Mary Anne aos gritos chama por Elves e assim John correu até ela também: “Elves sumiu! Elves não tá! Elves se foi” e sacodia em desespero um pedaço de papel.

Elves, que não sabia ler, entendia mais rápido e fácil que muito letrado que covardia é universal, atemporal e incondicional. Não precisava saber ler para reconhecer covarde que fedia de

longe. Logo percebeu que a caminhonete do patrão não estava no galpão e, antes que cedesse a mais ódio por tamanha fuleiragem, reparou que os galegos estavam chegando pela estrada que, com um desvio, ia até o mirante perto do sítio.

Desembestou sem pensar muito. Não sabia se era por falta de amor à vida ou por excesso de amor por Mary Anne, a única criatura que se dispunha a proteger, e começou a sacudir os braços pros galegos.

Aceleraram diante da visão de John. Embora soubesse do risco de ser uma emboscada, os alemães trabalhavam com a presunção de burrice dos moradores. Nenhum deles seria páreo para eles e suas armas. Então viram John correr em direção a uns pedregulhos, como se atrás deles pretendesse se abrigar.

Mantendo à direção, os rochedos ficariam à sua direita, enquanto a ribanceira do mirante começou a se formar à esquerda da kombi. Enquanto faziam a curva para encontrar o lado oposto do rochedo, John surgira no topo delas. Ligeiro, não se podia explicar como subiu tão rápido naquelas pedras.

Só que mais rápido ainda foi o tiro certo que meteu com sua baladeira. Ele quis acreditar que todo o azar que carregou na vida foi para ter crédito com a sorte daquele disparo. Por segundos, pensou que fosse Davi derrubando Golias ao entender que, com uma pedrada segura de baladeira, ele quebrara o para-brisas, acertara em cheio o motorista que, perdendo o controle da direção, fez o carro girar ribanceira abaixo.

Bangue-bangue era pouco para a cena que John gravou com os olhos. A poeira subia e, junto com ela, os gritos de Mary Anne cresciam a medida em que ela corria na sua direção:

- John! John! John! Que valentia meu Deus! Tu é doido homem?! Minha nossa senhora! Valei-me!

Ele sorriu encabulado por entender que tinha impressionado a moça e, de quebra, afastado os criminosos da cidade. Começou a descer as pedras e correu ao encontro de Mary.

A euforia deu a eles a permissão para um abraço forte que, em instantes, logo virou motivo de se encabular e entender que o primeiro toque tinha sido avexado demais. Se olharam:

- Tá passado, dona Mary! Eles devem ter tudo se papocado lá embaixo. Não vão bulir com mais ninguém não!
- Eu imagino, homi! E com um tiro de baladeira! Tu já pensou? - falou rindo a galega – A gente tem que contar isso pro delegado! Tu vai virar o rei dessa cidade!
- Deixe de conversa, dona Mary! Quero ser rei de nada não!
- Oxe, homi! E tu num vai pedir nada em troca? Tu salvou a cidade! Deixe disso! Venha comigo que eu faço questão de contar seus feitos pra todo mundo e você vai ser o nosso herói! Vai receber o carinho que devia sempre ter recebido nessa vida! Ande! Se avexe, que a gente vai é agora!

Ele baixou o olhar, sorriu sem graça, acenou com a cabeça aceitando aquele convite. Acompanhou a moça saltitando, que se sentindo mais à vontade, enlaçou seu braço no dela e cantarolando perguntou:

- Bora, John! Pensa logo aí que recompensa tu quer, o que tu vai pedir! Certeza que até o prefeito vai querer te ver! Pode ir pensando aí...
- O que eu quero? - falou baixinho, olhando para aquela mulher que, se pudesse, faria dela sua princesa – Eu só consigo pensar numa música agora. Que ela fala um negócio bonito mais ou menos assim: “pela minha lei, a gente era obrigado a ser feliz” ...
- É uma ideia massa, John. Mas como a gente faz lei pra fazer o povo feliz?
- Acho que isso a gente vai tentando aprender, né?

## RE(DE)MOER!

Depois de quantas vertigens a gente adestra nosso equilíbrio?  
Quantas vezes precisamos rodopiar até achar o nosso centro?

Aliás, ele existe? Esse tal de centro, equilíbrio, bom-senso,  
sensatez, lucidez?

Todos possíveis sentimentos filhos de uma utopia-mãe, uma  
senhora desgastada, ainda reiterada da ideia de ser perfeito,  
equilibrado, adestrado, contido.

Sempre tentei encontrar esse tal equilíbrio na vida. Ele pareceu  
importante de se buscar, pois me jurava proteção de dores quase  
físicas provocadas pela confusão mental. O redemoinho dava  
mais medo do que encanto. Inclusive, neste instante, minha  
cabeça rodopia e surgem as primeiras náuseas, a falta de chão, o  
frio na barriga. Calafrios maus.

Passado algum tempo, contudo, admito que me reencontro com  
a adrenalina. Aquele calafrio do bem, a emoção de coisa nova, a  
boa altura. Até queda livre pode ser voo, não é?

Claro, dependendo de quanto tempo temos até o chão.

Lembro que, ainda bem criança, amava aquele brinquedo que  
era um navio pirata que balançava alto de ponta a ponta. Bem  
novinha, eu descobria a potência das glândulas suprarrenais.  
Sim. Quando em biologia descobri que as bolsinhas acima dos rins  
que eram a fonte do jato frio na barriga, as agradei imensamente  
por todas as montanhas russas e quedas livres que apreciei.

Admito que, passado os medos superficiais,  
rodopiar me ajuda a entender que não tem muito

futuro compreender a vida.  
Estar tonta talvez seja o melhor  
jeito de se equilibrar. Deixo-me,  
enfim, rodar sem mais tanto medo.  
Lembro-me então dos frios na  
barriga que amei, em brincadeiras, flertes,  
conquistas. Recordo-me ainda  
de outras coisas, e pessoas,  
que giram.  
Rodeiam pela minha  
cabeça: carrosséis,  
baianas, tornados,  
dervixes, peões,  
bailarinas, moinhos.  
A terra. O universo.  
Verdade, meu Deus!  
Estamos mesmo, em  
redemoinho  
perpétuo, a  
girar.  
Sempre.

Inspirado no conto “**Olhos de Cacimba**”, do livro “**Redemoinho em Dia Quente**”, de Jarid Arraes: “Apareceu como um redemoinho em dia quente, levantando a terra toda. Incomodou com a voz alta e os pés pesados, mas tinha os olhos bons”

## **RISADA RASGADA**

Ela queria rasgar, eu queria guardar  
Ela queria esfolar, eu queria cuidar  
Eu sei também que ela queria brincar,  
E sei que eu só queria estudar, estudar, estudar  
Ela sempre pareceu querer o que eu acho que não quis  
Eu sempre achei que quis o que ela não queria,  
Ou achava que não poderia.  
Ou não conseguia acreditar que seria um dia.  
Ela seria, sei que seria. E eu sou, sei também que sou.  
Entre competente ou feliz, sei que nós duas ainda somos raiz.  
Por um triz, ainda somos da mesma matriz  
Explico, enfim, que, um dia, por um livro brigamos  
Quase que nos estapeamos  
Dessa disputa minha mãe se fez a juíza  
Em seu juízo, buscou um rei do passado  
Que logo queria ver igual caso encerrado  
Portanto, assim declarou  
Se é por tanto que brigam, que partam ao meio  
Com cada banda haverá de se contentar a mãe que o amou  
Cada mãe, perante rei Salomão, diferentemente se portou  
Enquanto uma dizia “Que me importa a obra! Rasga, rasga...”  
“Eu quero uma fração do meu herdeiro”  
A outra insistia “Não lhe mate, não o rasgue!”  
“Que viva longe de mim, mas ao menos inteiro”  
Assim, Salomãe decidiu, depois de gargalhar

Que aquele bebê-livro seria dado a quem o queria preservar  
Não bastou, contudo, o conflito apaziguar  
Pois essa história fez questão de eternizar  
Por toda uma vida ela contou a história das irmãs a brigar  
Uma queria o livro manter, a outra, o livro rasgar  
Mas dos rasgos feitos, ficou a do seu riso a nos amar.

## UMA PIADA LETAL

Uma chácara no meio dos matos abriga uma família muito feliz. Quer dizer, quase.

A noite despencou sobre corpos cansados que passaram o dia no mormaço refrescante da piscina. Antes que o sono visitasse os três filhos daquela família, sua mãe foi-se despedir e conferir se todos aqueles corpos queimados estariam suficientemente refrigerados pela combinação potente de um ar-condicionado com um ventilador de teto.

A mãe, tentando sair, ainda ria da insistente desenvoltura do caçula em lhe pedir que lembrasse quantos pulos ele havia dado na piscina. As irmãs, impacientes, rogavam pelo descanso. Aos poucos os corpos desaceleram, gesticularam trégua, se reclinam nos travesseiros e a mãe sobre suas testas, até que, na derradeira frente, sopra o pio letal. Um som perfurante e sinistro atravessa as brechas do telhado e atinge os ouvidos inocentes das crianças:

- O que foi isso?! - pergunta sobressaltada a pequena do meio, normalmente mais assustada, em busca do colo da mãe.
- Acho que... - suspira a mãe - foi a rasga-mortalha - perdendo a voz a cada sílaba.
- Rasga o que? - indaga assustada a pequena do meio, que disputa espaço no colo junto ao caçula, que se aproveitou do susto para voltar para perto da mãe.
- Rasga-mortalha, filha! É só uma coruja com um piado diferente! Não faz medo!

Seu rosto, contudo, sugere outra coisa. O cenho franzido e o olhar preocupado são captados pela primogênita que logo atalha a mãe:

- Mas é a Matinta querendo levar alguém, né mãe?
- Como assim, filha?
- A Matinta Pereira! É a lenda da Rasga-Mortalha... Aprendi no colégio faz tempo.
- E o que você sabe disso?
- Ah - calou-se por instantes a menina - é triste né?

A mãe olhou no fundo dos olhos da filha, querendo duvidar que ela já soubesse de lendas que se aproximam perigosamente do real. Então lhe respondeu:

- Sim, filha! Realmente é triste, mas não vamos falar disso perto dos seus irmãos e deixar que eu me resolvo com esse piado!
- Mas o que é, mamãe? Eu quero saber! Me conta! - implora a pequena, do meio, sempre curiosa e interessada em participar.
- É que tem quem diga que o pio dessa coruja é pra avisar de algo muito ruim! - respondeu a mais velha, que gostava de se fazer mãe nas horas vagas.
- Mais ou menos filha! - atalhou a mãe frente à pressa da filha - Pode ser só uma lenda, mas eu já tinha que ter conversado sobre isso com vocês! - e um respiro longo prefaciou sua fala - Porque as pessoas acreditam que

o pio da Rasga-mortalha, significa que alguém da casa pode morrer!

- Alguém vai morrer? - interrompe o caçula, com olhos arregalados – Mas não pode! Eu sou um Power Ranger e vou dar um chute em quem tentar!

As risadas arrefecem o clima tenso por instantes. Depois a curiosidade restabelece as dúvidas:

- Mas mamãe, como a gente protege alguém de morrer? - pergunta a do meio já assustada – Tem repelente de rasga-mortalha?
- Minha filha, para a rasga-mortalha, que é a bruxa Matinta que sua irmã falou, tem quem diga que se você oferece um agrado a ela, pedindo que não leve ninguém! E pode deixar, que eu já sei o que dar – se apressou em dizer quando viu o caçula buscando um de seus bonecos para oferecer à mãe.
- E será que funciona, mãe?
- Olha, não custa tentar! Mas escutem: eu já queria ter essa conversa com vocês sobre morte! Então quero que prestem muita atenção, tá?

Os seis olhos arregalados lhe concedem a atenção que o dia a dia não obtém. Impressionante como acessar medos e antecipar tragédias atrai a curiosidade humana, não importa a idade e o contexto. Nervosa, a mãe começa:

- Todos nós podemos morrer um dia! Seja por doenças, por acidentes, por velhice! É inevitável, certo? Já conversamos um pouco sobre isso quando o peixe morreu, né?

Cabeças acenavam positivamente. Olhos tão abertos quanto as bocas seguiam fechadas. Parecia que o assunto era sagrado demais para ser tocado por outra pessoa que não a mãe.

- O mesmo acontece com as pessoas – prosseguiu a mãe - que podem morrer a qualquer momento! Somos mortais. Morremos. Faz parte, entendem? Então, queria muito que entendessem que é um fato que da vida que precisamos aceitar e tentar não ter medo. É como se viver fosse uma grande fila e, no fim dela, vamos encontrar papai do céu. Se ela é longa, se ela é curta, a gente não tem certeza. Mas aproveita, porque ela é muito boa de curtir, certo?
- Mas... - pondera a mais velha – é Deus que controla essa fila? Se ele é bom, por que ele deixa que tenha gente com a fila mais curta ora? Todo mundo devia viver muito!
- Sei que parece injusto filha. Mas às vezes só é injusto pra quem fica, porque deixa uma saudade maior. Só que toda vida, curta ou longa, vai ser bem vivida e quem precisa voltar mais rápido pro céu, continua acompanhando a gente de lá. Entende?
- Acho que sim, mãe - responde a filha do meio, abraçada ao caçula - e se a gente esquecer como entender, pergunta pra senhora, né? Ou então quando a gente crescer, né? Aí a gente entende, né?

- É, meu amor, quem sabe depois então! Vamos dormir que é mais importante e até ajuda a entender! Boa noite! Durmam com Deus!
- Boa noite! - responderam as três vozes, entrançadas em diferentes timbres, unidas por uma só nota de amor.

A mãe se levantou e enfim fechou a porta do quarto como se ela pesasse toneladas. Arrastou seu corpo até a janela do quarto e para o céu orou. Não sabia se falava para a lendária Matinta ou se apegava com Nossa Senhora por intervenção mais divina e menos folclórica. De todo modo, pedia. Rogava, implorava que o pai de seus filhos ficasse bem no trabalho e que as ameaças de pistoleiros não se concretizassem, que ele permanecesse em segurança.

Então pediu força às forças divinas. Pediu que soubesse sustentar o peso de uma eventual ausência, o medo da dor caso precisasse cavar mais uma cova em seu peito, no cemitério que tem dentro de si, para velar seus mortos. Mas suspeitando que em torno desse medo das tragédias, ainda faria como a sua família sempre fez: construiria um muro de silêncio, lhe cobriria um toldo que, vez por outra, corujas piariam para rasgar.

## TENHA FÉ NA ILUSÃO...

O bipe intervalado do monitor cardíaco soava normalmente. Enfermeiras tagarelas passam apressadas pelo corredor. As paredes da enfermaria em cores brancas, com alguns toques de verde para fingir colorido, escutam os lamentos dos adoecidos. Em um dos quartos, no entanto, uma mãe e uma filha têm uma conversa estranhamente acalorada.

Destoavam dos demais seres apáticos daquele hospital. Afinal, estão todos em uma grande fila de espera. Alguns esperam cura, outros, o mal irremediável.

A mãe folheia o jornal do dia, aponta pela milésima vez para o rosto no canto inferior direito da página, e se vira para então mirar aquele mesmo rosto do jornal:

- Sempre soube que você ia conhecer ele! Não sabia como, mas sentia no coração - repetia Silvana, batendo a mão seca no peito estufado.
- Ai, mãe! Vai nessa! – rebateu a menina risonha – a senhora sempre tentou arranjar esse encontro! Só se seu coração for nessa sua cabeça doida que não para de inventar coisa!

A mãe apenas ria alto e projetava a cabeça para trás, em êxtase.

- Então deixa eu procurar a tesoura pra cortar só mais essa! A última enfermeira que pegou a minha continua testando minha paciência! Mas ela vai ver só - e saiu pelo quarto

resmungando azedume sobre a centésima enfermeira com quem resolvia implicar.

Novamente sozinha, Mariana observou aquele seu novo quarto que já lhe tão familiar. Repara nos medicamentos que lhe acessam o corpo, e observa a janela, tentando contar novamente os pombos no topo da igreja, mas logo perde a paciência.

Enfim, volta o olhar para seu mural. O seu mosaico particular de memórias excepcionais que quase sempre lhe tira pequenos sorrisos, ainda que o veja diariamente, persistentemente, há tantos meses. Seu olhar viajou pelas fotos, muitas desbotadas, de momentos vividos em praias, museus, shows, circos e parques de diversões. O mais recente, visitado três semanas atrás, tinha a mais nítida das fotos em que Mariana se abraçava com um roedor famoso na frente da pitoresca construção medieval.

No meio dessa profusão de imagens, adormeceu fitando as três palavras do mural que insistiam em brilhar, mesmo com tanto tempo de cola ressecada, sol e gravidade insistindo em derrubar cada fragmento de glitter: “Acredite na magia”.

Mas nem sempre foi possível acreditar. Desde que recebera o diagnóstico de hipertensão intracraniana idiopática aos treze anos, a vida de Mariana e de sua mãe mudara profundamente. Depois de conseguir atendimento pelo Sistema Único de Saúde, seus dias se resumiam a coquetéis diários de medicamentos e momentos de terapia ocupacional alternados com ações sociais que burlavam o tédio e o medo.

Passadas algumas semanas, as postagens despreziosas nas redes sociais começaram e, por um fator enigmático de sorte e oportunidade, a causa de Mariana foi acompanhada e impulsionada

pela rede mundial de computadores. A ideia de uma fundação veio quase pronta. Os meios de a consolidarem, também.

De modo quase repentino a fundação surgiu, cresceu e incorporou os sonhos de diversos outros jovens em tratamentos médicos. Atrizes e atores, apresentadores de televisão, rádio, músicos e até políticos prestigiavam as ações, anunciavam doações.

No meio tempo, a saúde de Mariana oscilava. Junto com ela, o comportamento de sua mãe que, curiosamente, demonstrava uma paradoxal preocupação com sua filha e com a fundação. Parecia que se a filha melhorava, os rumos da fundação estavam em risco, anunciados por uma tensão não tão indiscreta no seu modo de agir com os doares. Quando a filha piorava, sua tristeza fingida logo se dissipava quando o envio de doações aumentava.

- Pois pode me comprar outra! - gritou a mãe intransigente, sem perceber que logo atrás dela havia dois policiais segurando alguns documentos.
- Sra. Silvana Maia? Somos da polícia civil e temos aqui uma notificação para lhe repassar!
- Como?! - ela se vira estarecida, mas sutilmente amedrontada.
- A senhora deve comparecer à Delegacia de Polícia Civil nessa data, horário e local para prestar um depoimento, certo?
- Mas do que se trata?! Posso saber?
- Bem, há uma investigação sobre as atividades da sua ONG e acredito que a delegada lhe apresentará mais detalhes na ocasião do interrogatório, certo?

Ainda paralisada, segurando o papel, Silvana apenas acenou positivamente com a cabeça enquanto os policiais se afastavam. No canto do recinto, as enfermeiras trocaram olhares de cumplicidade e coragem, de modo que assim que Silvana saiu dali a mais corajosa das enfermeiras, a que havia dado sumiço na tesoura e tudo mais que poderia tirar daquela mãe sinistra, correu atrás dos policiais:

- Senhores! Um momento! - gritou sem fôlego ao correr para alcançá-los.
- Pois não? - respondeu o que entregara a notificação.
- A investigação vai para frente dessa vez?
- Como assim? - pergunta o outro, mais observador.
- Olha, não é a primeira vez que acompanham o trabalho bizarro que essa mulher faz pela doença da filha! Só que toda vez acaba dando em nada! Ela precisa ser enquadrada!
- Olha, as autoridades envolvidas fazem o que podem para identificar todas as fraudes. Desde sonegação a evasão, mas realmente dá trabalho!
- O problema de vocês é só pensar no dinheiro! Ninguém olha pra coitada da menina!

A falta de fôlego deu lugar a um tremor nervoso. O outro policial, mas atento, se aproximou dela, tocou-lhe o braço e perguntou com calma:

- Certo, primeiro respire fundo – ele puxou seu próprio fôlego para que ela o imitasse – E agora me explique: por

que seria o caso de envolver a menina na história? Ela participa informalmente da gestão da ONG?

A enfermeira, mais calma, olha nervosa para os dois policiais e sucumbe:

- Eu e uma parte da equipe desconfiamos que a menina não tem um diagnóstico real. Na verdade ela tem vários, pois a gente consultou outros hospitais em que ela se internou – respirou novamente para continuar – na realidade, ela não é saudável. Ela até tem um problema renal grave e recorrente, mas é difícil saber a origem. Nos outros hospitais, parece que a mãe convencia os médicos a levá-la para casa, mas descontinuava o tratamento. Achemos que ela já, já vai fazer a mesma coisa aqui.

Os policiais se entreolharam e cederam à intuição de confiar naquela informante. Pediram a ela que comparecesse à delegacia no dia seguinte pela manhã, para falar com a delegada. Perguntou se poderia ir naquele mesmo dia, pois lhe restava apenas uma hora de plantão. Confirmaram que sim, poderia ir.

De volta ao quarto da filha, Silvana tentou performar normalidade. Viu sua pequena adormecida e se aliviou de não precisar encenar tranquilidade naquele momento. Poderia mexer à vontade no celular e enviar mensagens para as poucas pessoas em que confiava para sustentar aquele engenhoso castelo de cartas.

Já na delegacia, os policiais rapidamente procuraram a delegada para lhes contar do interesse da enfermeira. A delegada, astuta, acenava com a cabeça a medida em que recebia as informações:

- Bem, doutora, ela disse que vem ainda hoje.
- Ótimo! Era a peça que faltava! Não dava pra contar só com as denúncias de internautas, nem dava pra ficar só com a parte financeira da ONG...
- Pois é, realmente sua intuição foi boa. Mas sinceramente, doutora, eu acho que essa mulher pega uma excludente de ilicitude. A senhora não acha não?
- Olha, daqui que ela consiga um bom advogado e uma boa perícia para dar o laudo dessa tal Síndrome de Münchausen, o depoimento de algum profissional de saúde vai ajudar a gente a tirar a mulher de perto dessa menina! Pra mim, já tá ótimo!

Os intervalos do bipe de monitoramento pareciam mais irritante que o normal. Silvana se levantava pela terceira vez para conferir se havia como reduzir o volume. Não havia. Parava em frente à filha, dividida se a acordava para se distrair ou se a deixava quieta enquanto tentava trocar as últimas mensagens.

Acionara os principais doadores, contadores e parceiros das agências de viagens. Todos haviam lhe garantido lealdade quanto aos fatos e dados que teriam a apresentar. O único que não respondera, como sempre, era o advogado. Não importava se ela ligasse dezenas de vezes. Ele a ignorava solenemente no expediente noturno, até que decidiu que teria paciência para conversar. Até lá, ela insistiria.

Abrindo lentamente a porta da sala da delegada, a enfermeira entra tensa. Senta-se. Nega a água e o café que lhe são oferecidos. Pede para começar a falar logo. A delegada compreende, faz algumas perguntas básicas de identificação e começa a oitiva.

O advogado finalmente retorna a ligação. Silvana atende exasperada:

- Finalmente, hein?! Sempre me pergunto se seu ex-sócio não teria sido melhor!
- A senhora quem sabe, dona Silvana! Sempre lhe falei da sua liberdade de escolher! Mas se a senhora preferiu a mim, então respeite a minha! Então, em que posso ajudar?
- O de sempre, né doutor? Esses abutres fiscais ficam fuçando a ONG pra achar fraude! Dessa vez até polícia se meteu! Eu ficava tranquila quando era a Receita ou a SEFAZ, mas polícia? Dá pra acompanhar e me dizer o que é dessa vez?
- Verei o que posso fazer – e retirou o celular do ouvido para não ouvir os gritos.
- VOCÊ VAI VER ISSO AGORA SEU...

O advogado esfregou o rosto, cansado. Seus limites éticos foram testados ao limite com aquela cliente.



**CARLOS  
HOLANDA  
OLIVEIRA**





## O SÓTÃO MAL-ASSOMBRADO

Em uma noite escura e gélida, típica de um inverno rigoroso, na bela cidade de Miami, Estados Unidos da América, a família Piovani se preparava para recolher-se em seus aconchegantes quartos. O calor das cobertas já começava a envolvê-los quando, de repente, perturbadores ruídos começaram a surgir, parecendo que vinham do sótão abandonado. As crianças, quase adormecidas, sentaram-se em suas camas em um sobressalto, os olhos arregalados pelo medo que tomou conta delas.

A mãe, com sua preocupação maternal, pediu silêncio à família para que pudessem perceber melhor o que estava acontecendo. Desta vez, os sons eram mais altos, mais assustadores, como se algo tivesse caído com força. O pânico começou a tomar conta de todos enquanto suas mentes inventavam terríveis possibilidades. Seria um assaltante? Um invasor na casa?

O pai, agindo rapidamente em meio à crescente tensão da família, correu para o telefone e discou freneticamente o número da polícia. Pediu que fossem imediatamente para socorrê-los, pois, sem dúvida havia um invasor querendo assaltá-los. Em questão de minutos, uma viatura policial chegou em frente à residência da família Piovani. Os agentes encontraram todos trancados em um quarto, ansiosos e apreensivos.

Enquanto isso, não muito longe dali a família Aurora também enfrentava uma situação de angústia, embora completamente diferente. O travesso Benedito, o gato da casa, havia fugido novamente. Desde a manhã, ninguém sabia de seu paradeiro, e o querido animal

de estimação parecia ter desaparecido sem deixar rastros. Apesar de todo o carinho e cuidado dedicados a ele, o inquieto animal parecia não se acostumar com a vida doméstica e, sempre que surgia uma oportunidade, escapava pelos portões. Esta já era a terceira vez no ano que Benedito havia fugido, e seus donos estavam desolados, principalmente a menina mais nova, a que passava mais tempo com o bichano. Como medida de segurança após a última fuga, um pequeno chip de rastreamento havia sido colocado no pescoço de Benedito, mas desta vez parecia que algo terrível havia acontecido, devido a preocupante demora para retornar à casa.

Na casa dos Piovani, os policiais, munidos de lanternas, adentraram o sótão escuro e sombrio com cautela, prontos para prender o suposto invasor que havia causado tamanho alvoroço. A tensão pairava no ar, os agentes locomovendo-se cautelosamente. Após alguns momentos de apreensão, uma sombra rápida se movimentou, e as lanternas revelaram o “bandido” em questão: nada menos que Benedito, o gato fujão, que, ao ser identificado, foi gentilmente recolhido pelos agentes e devolvido à família Aurora.

A paz retornou à família Piovani, enquanto sorrisos e risadas surgiam entre lágrimas de alívio. O perigo havia sido apenas resultado das travessuras de um gato curioso. A polícia retirou-se, e a calma retornou à casa. Por sua vez, a família Aurora recebeu seu querido Benedito de volta, com muitos abraços e carinhos.

Finalmente, tudo voltou ao normal, para o bem de todos e felicidade geral das famílias perturbadas.

## **ZEZIM, O PENSATIVO**

Zezim vivia pensativo porque seu vizinho e grande amigo de brincadeiras, Vicentim, quase um irmão, falecera de uma doença rara, e sua tristeza não passava. Outro amigo, João, também ficou triste, mas algumas semanas depois, continuou sua vida normalmente, e quase não falava mais no amigo. No entanto, Zezim não conseguia superar a perda do amigo, um menino maravilhoso que partiu tão cedo. João lhe disse, dias depois, que as pessoas boas morrem jovem, segundo sua mãe falara, o que deixou Zezim assustado!

— Como assim? pensou.

— Então temos que ser ruim, para vivermos mais? Isso não fazia nenhum sentido.

Lembrou-se de Matusalém, um menino endiabrado que morrera aos 15 anos e esse acontecimento desfazia quase tudo o que a mãe do João dissera a ele. Também andou pesquisando e lembrou de uma freira bondosa que já contava com mais de 90 anos! — Com certeza essa história que a mãe do João contou não tinha a menor lógica, pensou.

Um dia, Zezim decidiu compartilhar sua angústia com seu pai:

— Papai, se Deus é bom, como dizem, por que permite que as pessoas morram tão jovens?

— Meu filho, Deus é bom, e isso nada tem a ver com o fato de morrermos, não devemos pensar sobre esse assunto, pois desde que o mundo é mundo que a morte existe e isso só acontece

porque temos consciência da existência dela. Para todos os efeitos os animais são eternos. Eles não pensam, simplesmente vivem. Devemos fazer o mesmo. Trata-se de uma fatalidade a qual todos estamos submetidos.

Zezim não questionou as palavras do seu pai, somente agradeceu e saiu, mas as explicações que ouvira até então não o satisfizeram. Ele não estava triste ou depressivo, mas insatisfeito com as respostas que recebeu. Decidiu que precisava descobrir o motivo disso tudo. Começou a suspeitar que talvez a vida não tivesse sentido algum.

Enquanto vasculhava a biblioteca da escola, encontrou um livro enorme sobre mitologia. Ao abri-lo, deparou-se com uma ilustração de um homem musculoso carregando uma pedra na cabeça. Isso o intrigou, então ele começou a ler a história de Sísifo. Passou muitos dias pensando no mito e na maldição que Sísifo enfrentou por desafiar os deuses, inclusive, tendo conseguido enganar a própria morte. Essa história aumentou sua curiosidade, pois percebeu que, desde a Grécia Antiga, as pessoas se preocupavam com o destino humano, a inevitabilidade do fim da vida.

Decidiu então procurar o padre e pediu uma explicação mais plausível sobre o sentido da vida e porque a morte muitas vezes parecia tão imprevisível. Embora a explicação do religioso o tenha satisfeito parcialmente, Zezim percebeu que não havia provas concretas, apenas ilações com base em passagens bíblicas.

Zezim começou a desconfiar que talvez não houvesse uma resposta definitiva para sua dúvida fundamental. Quase desistindo de sua busca, decidiu voltar para casa por um caminho diferente. Queria visitar um sítio onde costumava brincar, onde havia muitos

pés de goiaba, manga e graviola. Ao chegar lá e sentar-se debaixo de uma grande mangueira, mirou o horizonte e, quando divagava profundamente, notou a presença de um senhor com um bernal no ombro. Curiosamente, Zezim não sentiu medo e perguntou ao ancião o que o trouxera até ali. O senhor explicou que estava colhendo frutas para seu neto doente. Zezim, ainda com sua dúvida cruel, questionou o senhor sobre o significado da vida e da morte. O ancião refletiu por um momento e disse:

— A morte é uma consequência da vida, algo inevitável, independentemente do que pensamos. O que importa é o que fazemos em vida, nossas ações e escolhas. O real sentido da vida, Zezim, talvez esteja além de nossa compreensão. Devemos apenas vivê-la, acreditar ou não que existe um propósito, e não passar a vida nos torturando com esses tipos de questionamentos. Há uma frase de Clarice Lispector, grande escritora brasileira que disse certa vez: “Não se preocupe em entender, viver ultrapassa qualquer entendimento.” Acredito nisso, vamos somente aproveitar o dom da vida, morrer não é um castigo, mas com certeza a vida é uma dádiva. Pense nisso e só agradeça, e sempre faça o seu melhor.

## PRIMEIRAS EXPERIÊNCIAS

Em uma fria manhã de inverno, Caio seguia sua rotina diária ao sair para comprar pães. Lembrava, ainda, do dia em que correu de um cachorro que latia e caiu, ferindo-se um pouco. Seu pai explicou-lhe que não deveria correr quando os cães latassem e lhe deu um chicote feito de fios de cobre, que serviria para se defender caso fosse novamente atacado.

Naquele dia, no entanto, ao retornar para casa, percebeu que um grupo de meninos maiores que ele surgiu, bloqueando seu caminho. Com um misto de nervosismo e confusão, Caio tentou manter a calma e disse:

— Com licença, por favor, eu só quero voltar para casa.

Porém, os garotões não tinham a menor intenção de permitir que ele passasse, mantendo-se firmes como uma barreira intransponível. O líder do grupo, um garoto mais alto, desafiadoramente provocou Caio:

— Só te deixaremos ir para casa se você cantar uma música em inglês. Caio, com um olhar ansioso, respondeu:

— Eu não sei falar e nem muito menos cantar em inglês.

O líder do bando de meninos insistiu, achando que Caio estava mentindo e queria lhe enganar:

— Sabemos que seu pai é professor de inglês. Ele com certeza te ensinou alguma coisa. Cante *My Bonnie* pra gente.

Caio estranhou tal pedido, pois se lembrava de uma canção folclórica mexicana chamada *Tres Consejos*, que seu pai lhe ensinara, mas a tal canção ele não conhecia. Talvez, por já haver

cantado *Tres Consejos* em certa ocasião na escola, os moleques achavam que Caio sabia da canção solicitada, que pertencia ao cancionário do folclore dos Estados Unidos. Mais tarde, ele soube que uma menina havia cantado essa música em uma apresentação do grêmio escolar de sua cidade e que os moleques memorizaram o nome, importunando o menino Caio naquele momento.

Caio começou a perceber que não seria tão fácil se desvencilhar da armadilha que lhe armaram, e procurou, em vão, por alguma saída. Olhou para os lados, sem saber o que fazer. Para sua sorte, algo inesperado aconteceu.

Um primo de Caio apareceu de repente e perguntou a Caio o que estava havendo. Percebeu o clima carregado do ambiente e desconfiado, correu e foi avisar ao seu tio. Os moleques ficaram ressabiados, pararam de importunar o menino Caio por algum instante, que se sentiu mais aliviado, embora ainda não o deixasse em paz.

A situação estava cada vez mais tensa, o grupo de meninos estava confabulando alguma coisa, quando algo aconteceu. Os agressores estavam assustados e começaram a se afastar, seus olhares direcionados para algum ponto distante. O líder dos garotos alertou a todos em voz alta:

— Lá vem o pai dele.

Com uma rapidez impressionante, todo o grupo fugiu em disparada, como delinquentes que fogem assustados com a proximidade da polícia. O pai de Caio chegou, com a preocupação estampada no rosto, pegou o filho pela mão e disse:

— Está tudo bem, Caio. Você está seguro agora. Vamos para casa.

Caio se sentiu aliviado quando seu pai o abraçou e retornaram tranquilamente conversando até chegar em casa. Lá, o pai de Caio começou a contar histórias engraçadas, fazendo o menino rir e, aos poucos, esquecer o susto por que havia passado. Era a maneira de o pai de Caio minimizar o impacto da situação, mostrando que sempre estaria ao seu lado, e que não havia o que temer. O episódio reforçou o vínculo entre Caio e seu pai, criando uma sensação de segurança e apoio em meio aos desafios da vida.

## A MONTANHA

Havia um menino chamado Lucas, que morava em uma cidadezinha cercada por pequenas colinas e alguns montes. No maior desses montes, que podia ser visto do quintal da casa dele, havia uma estátua do Cristo Redentor, de braços abertos, conhecido por Monte do Cristo Rei. Muitas vezes Lucas subira até aquele lugar com amigos para passear e apreciar a cidade lá de cima. Seus passatempos favoritos era ouvir músicas no rádio e ler gibis, inicialmente, com as aventuras de Mickey, Super Pateta, Tio Patinhas e, posteriormente, na adolescência, quadrinhos de Super Homem, Tex, Fantasma, Homem Aranha, dentre outros. Daí para copiar os desenhos das revistinhas foi um passo. Com sua imaginação fértil, sonhava com mundos fantásticos, o que fazia com frequência, ao contemplar o céu à noite.

Um dia, sua mãe resolveu visitar os pais e levar Lucas para acompanhá-la na viagem até a fazenda onde moravam os avós do garoto, localizada em cidade vizinha. Ao chegar na referida cidade Lucas saiu com sua mãe para comprarem algumas mercadorias no comércio local. Por ser a primeira viagem do garoto para outra cidade, ele achava tudo muito estranho e também se sentia deslocado naquele lugar, sentindo-se acuado por sua timidez excessiva. Inclusive, lembra muito bem que um vendedor o espiou com um olhar curioso e perguntou à sua mãe se ele estava doente. Prontamente a mãe respondeu:

— Não, ele é calmo assim mesmo.

Ao chegarem aonde seus avós moravam, um casarão incrustado ao pé de uma serra muito alta, sentiu-se completamente livre, Lucas não resistiu e, em pouco tempo, resolveu sair e dar uma volta por entre a vegetação frondosa que havia em torno do casarão. Foi para os lados de um grande açude, cheio de jaçanãs e outras aves que gorjeavam por lá. Depois de vagar por mais de uma hora apreciando as paisagens e ouvindo os sons da natureza, sentia-se extasiado e contemplava maravilhado toda aquela beleza. Porém, quando já retornava pra casa, inadvertidamente tropeçou em uma pedra e bateu com a cabeça, cortando o supercílio, que começou a sangrar, embora não percebesse tal detalhe imediatamente, só depois de passar a mão e vê-la suja de sangue. O corte era profundo, mas Lucas conseguiu retornar para casa a tempo de ser socorrido.

Sua mãe se desesperou ao ver o rosto vermelho do menino e se apressou para cuidar do ferimento e levá-lo até uma enfermaria ou hospital imediatamente. Após limpar o sangue, ela colocou uma faixa de pano em torno da cabeça de Lucas, para tentar estancar a sangria. Juntos, mãe e filho saíram a pé até à casa de um parente que morava não muito longe e que possuía um automóvel. Alguns instantes depois de entrar no veículo, no rádio começou a tocar uma canção com palavras profundas que ecoaram nos ouvidos de Lucas. Era a música “A Montanha”, de um cantor muito famoso cuja letra dizia em certo trecho: “Eu vou subir a montanha e ficar bem mais perto de Deus e rezar”. Sentindo-se cansado, fechou os olhos, e deixou a música preencher sua alma quando, de repente, teve uma visão estranha. Lucas se viu subindo uma montanha majestosa, cujo pico parecia tocar o céu. Uma luz brilhante o guiava, e ele podia ouvir uma voz suave chamando seu nome.

— Lucas, você está seguro. Continue subindo, disse a voz misteriosa.

Enquanto avançava pela trilha íngreme da montanha, em sua visão, ele sentia uma sensação de paz e alegria indescritíveis. A música ainda tocava suavemente no rádio do carro enquanto sua mãe segurava-o no colo e o motorista se dirigia até à cidade.

Lucas, assustado, indagou à voz desconhecida:

— O que há no topo daquela montanha?

— Logo você verá, criança, fique tranquila!

Assim que chegou, Lucas sentiu um vento frio percorrer o corpo e diante de seus olhos se descortinou uma visão fantasmagórica. Viu, como num cinema, próximo a algumas nuvens cinzentas, duas figuras gigantes lutando ente si, que lembravam dois seres sobrenaturais, em formato humano, mas com os corpos cintilantes, semelhantes àqueles que imaginava ao ouvir as histórias fantásticas que um tio, ávido leitor de literatura de cordel, contava para os sobrinhos à noite. Um dos seres tinha rabo que se movimentava freneticamente e asas iguais às de morcego, enquanto o outro, tal qual um super-herói dos gibis que lia, era alado como um querubim e empunhava uma espada que lançava raios dirigidos ao seu oponente e, de repente, Lucas ouviu as vozes retumbantes dos contendores:

— Eu que domino o mundo, ele é meu, não se lembra do que o filho de Deus falou? “O mundo inteiro jaz sob o poder do maligno.” Aqui estou, vou seguir em frente, nada vai me impedir de realizar meu objetivo. Deus e seus seguidores sempre quiseram atrapalhar meus domínios, mas eu já estou muito perto de conquistar tudo, quase todos os líderes do mundo inteiro já são meus seguidores, além da maioria dos habitantes dessa dimensão. Basta apreciar

essas guerras sem fim, essa mortandade constante, os homens se matando em nome de poder e dinheiro, graças a mim que os concedi, diferentemente do seu amo, que só confunde e abandona sua criação desde o início. O mundo será bem mais interessante quando eu tomar conta de tudo!

— Você está errado, príncipe do mal, você não vai conseguir seu intento. Eu, por ordem do Altíssimo vou salvar esse povo e o planeta da sua sanha perversa, filho ingrato; você pode até conseguir lograr por algum tempo, mas seu reino de maldade vai sucumbir quando chegar a hora!

Num átimo, tudo Lucas viu tudo desaparece e sentiu seu corpo sendo sacudido. Em seguida, ouviu a doce voz da sua mãe que o acordava, pois o carro acabara de chegar ao destino, em frente à uma clínica. Ao perceber os olhos de espanto do filho, perguntou se ele estava bem.

— Estou sim, mãe, respondeu Lucas!

De volta à realidade, Lucas vislumbrou as ruas da cidade, onde alguns meninos, apontavam para ele, rindo, certamente por causa do pano amarrado na cabeça. Lucas foi atendido por um médico estranho – curiosamente percebeu que o tal médico até lembrava um pouco a cara de um dos seres apocalípticos da sua visão. Mas, finalmente teve o corte suturado e o esculápio receitou alguns medicamentos. No dia seguinte, despediram-se dos parentes e partiram de volta para casa.

Na viagem de volta, enquanto observava a paisagem passando pela janela do carro, Lucas continuou a ouvir as palavras da música ecoando em sua mente. Ele sentiu que aquela visão e a experiência que poderia até tê-lo feito perder a vida o haviam transformado de

alguma forma. No fundo, ele sabia que aquele incidente tinha um significado especial, e ele nunca se esqueceria daquele dia. Lucas seguiu sua vida com um novo senso de gratidão e propósito, sempre lembrando da visão que o levou a agradecer eternamente pela vida e procurar compartilhar amor e fé com o mundo ao seu redor.

## MUNDO EMPASTADO E NEVOENTO

No mundo empastado e nevoento, um mistério se revela,  
Uma densa paisagem, em sua vastidão, estrela.  
Cada dia que irrompe é vida que renasce,  
Uma chance única, que em nós se aquece.

A jornada se desenha ampla e indefinida  
Cada dia é um acréscimo, em tudo pulsa a Vida  
Ambições ou desejos sem medida não existem,  
De quem no presente se encontra, na vida compartilhada.

O mundo se transforma em templo e devoção,  
A vida, como uma religião, existe em cada ação.  
Nas pequenas coisas, encontra o teu tesouro,  
Nas relações humanas, teu eterno namoro.

Vive cada momento com ardor e intensidade,  
Como se o último fosse, com toda a sua verdade.  
Na efemeridade das coisas, descobre o encanto,  
Cada riso, lágrima e abraço, como se fosse um quebranto.

A incerteza do amanhã não te cause receio,  
Mas o inspire a abraçar o dia, com afeto e anseio.  
Nesse embaçado mundo, entre incertezas e feitos,  
Celebra, na simplicidade, sem seres submisso.

Na gratidão e no amor, encontra sentido,  
Cada novo amanhecer seja por ti acolhido.  
E assim, diante da paisagem densa e o mistério a ser resolvido  
Abraça a vida plenamente, agradecido.

Inspirado em frase extraída do romance *Angústia*,  
de Graciliano Ramos

## O DRAMA DE LEONARDO

Leonardo já contava com 68 anos de idade quando se sentiu mal naquela noite fatídica. Há mais de 15 anos sua vida transcorria sem muitas novidades, somente alguns pequenos incidentes, em contraste com os curiosos acontecimentos que permearam sua existência.

— Como está se sentindo hoje, seu Leonardo? — perguntou a senhora que cuidava dele, enquanto preparava a comida.

— Ah, dona Maria, só mais um dia como os outros. Nada de novo por aqui — respondeu Leonardo. Apesar da idade, ele ainda apresentava um corpo musculoso e uma aparência relativamente saudável.

Nascera pobre, filho de pais agricultores, na zona rural de Juazeiro do Norte, estado do Ceará. Leonardo teve uma infância e educação austera, compartilhada com seus outros doze irmãos, entre homens e mulheres. Restavam-lhes pouco tempo para brincadeiras, pois desde cedo todos deviam ajudar os pais com o trabalho diário.

— Mãe, você viu meu caderno de tabuada? — indagou Leonardo para sua mãe enquanto escolhia sua melhor roupa para ir à missa dominical.

Não havia ensino formal na cidade naquela época, então os rudimentos da escrita e leitura eram aprendidos em casa. Leonardo, ávido por conhecimento, aprendeu rapidamente a tabuada completa, surpreendendo seus irmãos. Também era comum ouvi-lo recitar capítulos inteiros da bíblia do seu pai, sem errar uma só palavra, deixando a todos impressionados, para o seu deleite.

Aos 14 anos, Leonardo enfrentou uma doença desconhecida que o desfigurou, numa magreza de dar pena. Os escúlapios que o examinaram não descobriram o diagnóstico, mas a mãe do menino prosseguiu medicando seu filho com todos as rezas e os chás supostamente milagrosos que conhecia para salvar o rebento e desafiando as expectativas Leonardo conseguiu restabelecer a saúde.

Quando completou 18 anos, nosso herói viajou para o Rio de Janeiro e ingressou na Marinha, seguindo os passos de seus irmãos. Tudo ia muito bem, até que, uma discussão banal com um superior resultou em uma luta corporal que culminou com uma fratura no nariz de Leonardo, levando-o a ser submetido a uma cirurgia de emergência.

Depois de recuperado do traumático episódio, seu comportamento mudou de maneira estranha e inexplicável. Sua autoestima exacerbou-se, pois passou a criticar e até zombar das pessoas constantemente, mesmo as desconhecidas, nas situações mais impensáveis, e de forma até agressiva. Ao caminhar pela rua, certa feita, para desespero do seu irmão marinheiro, olhou para um passante e disparou:

— Esse não tem nada que tirar de um macaco!

— O que deu em você, Leonardo? Isso não é certo! — repreendeu um dos irmãos.

— Leonardo, o que aconteceu contigo? — perguntou um colega de farda. Achei que aquela briga com o capitão não acabaria em algo tão grave.

— Não foi nada, só um desentendimento. Nada demais — respondeu Leonardo, escondendo seus verdadeiros sentimentos.

Acabou internado em um sanatório várias vezes, mas Leonardo enganava os funcionários, fingindo ser enfermeiro e escapando periodicamente. De repente, ele desapareceu por quase três meses. A Marinha o declarou desertor.

No entanto, aconteceu o impensável, Leonardo chegou em casa, com as roupas rotas, o cabelo desgrenhado e com amnésia, depois de rumar para o Ceará andando a pé e pegando caronas pelas estradas. Lentamente enfrentou o desafio de reconstruir sua vida. Aos poucos, sua saúde física e mental melhorou, mas ele nunca mais foi o mesmo.

Um dos seus irmãos conseguiu que os superiores revertissem a deserção de Leonardo, tendo em vista que demonstrou com documentos médicos que atestava a enfermidade do irmão como um caso de esquizofrenia, o que o beneficiaria com uma aposentadoria como inválido e interditado.

— Por que você gosta tanto de ficar sozinho, Leonardo? — perguntou um vizinho.

— As pessoas não entendem. Eu sei de coisas que ninguém sabe, mas que não posso contar e quando me abro um pouco mais elas se afastam de mim, mas estou tentando seguir em frente — respondeu ele.

Sus esforços para encontrar namoradas foram frustrados, talvez devido à sua estranha história e linguajar afetado durante as conversas. Quando a conversação parecia perfeita, ele mudava repentinamente o assunto, causando desconforto no interlocutor a ponto de ter medo com as ideias dele. Em um dos tais bate-papos comentou para uma moça:

— Quando eu me casar quero ter filhos, e você?

— Eu acho que sim! Você gosta de crianças?

— Sim, mas eu tenho uma exigência

— Qual?

— Na nossa casa haverá um quartinho especial, com todo o conforto, para quando minha mulher engravidar ficar dentro dele até nascer o bebê!

Tal declaração gerava desconfiança e temor na companhia e, assim, a fama de Leonardo de pessoa estranha foi se espalhando, causando sérios danos em seu relacionamento com as pessoas.

Em um enfrentamento físico com um tenente da polícia militar, que era espírita, foi gravemente ferido por Leonardo, que esfaqueou o oficial, a ponto de as vísceras do policial ficarem expostos. Antes que outro militar agisse violentamente o oficial interveio e pediu que apenas o detivessem.

— Deixem-no em paz. Não o façam mal! Esse homem está cumprindo a lei do carma, alegou o espírita. — Só a lei divina pode julgá-lo adequadamente. Por favor, busquem socorro para mim, rápido. E desmaiou! O homem foi atendido a tempo de salvar a própria vida.

Quanto a Leonardo, conduziam-no na viatura policial, sem mais reação física, mas logo em seguida começou a desfiar uma série de passagens do código penal, denotando saber o crime em que estava incorrendo, quais seus direitos e possíveis penalidades, o que de certa forma causou espanto na polícia.

Contudo, superado o sinistro episódio, sua vida continuou tumultuada, marcada por desentendimentos, agressões físicas e maus tratos por alguns lugares que frequentava. Certa feita, um grupo de irmãos juntaram-se para surrá-lo, quando voltava de uma festa, insatisfeitos pelos adjetivos que ele direcionara aos mesmos.

Por fim, ele resolveu se matricular em uma escola, onde, não demorou muito, arrumou encrenca com a professora de Inglês, pois exigia que ela pronunciasse corretamente as palavras, causando pavor na professora o que culminou com a expulsão de Leonardo.

Praticamente abandonado e desprezado por todos, Leonardo tornou-se alcoólatra, e passou a ser cuidado por uma mulher a pedido de sua curadora. Em uma noite após as bebedeiras de costume, sua vida tumultuada chegou ao fim, depois de agonizar por alguns instantes, sentindo fortes dores no peito.

Seu rosto no caixão parecia tão vivo e sereno, como se ainda estivesse entre nós — comentou um conhecido, encerrando assim a peculiar jornada de Leonardo sobre a Terra.

## LEMBRANÇAS

Nasci numa pequena fazenda próxima a uma cidadezinha do interior cearense, batizaram-me Francisca. Desde cedo, aprendi a apreciar a vida pastoril que meu pai e minha mãe viviam e logo me acostumei a viver rodeada de bois, vacas, carneiros, ovelhas, cavalos, galinhas, patos, capotes e desfrutar de banhos de açude. A minha irmã mais velha morreu novinha e outra partiu ainda aos nove anos de uma doença desconhecida na época. Eu me tornei a mais velha da irmandade dos outros nove filhos que meus pais geraram. Apesar da vida tranquila e das brincadeiras de infância, cresci e, me tornei uma mocinha. Passei a ver o mundo de forma diferente. Meu coração ansiava por explorar outros mundos, descobrir novos lugares. Comecei a ter contato com algumas amigas da cidade e outras mais próximas e meu desejo por viajar se tornou ainda maior ao ouvir suas histórias.

Eu gostava mais do meu pai do que da minha mãe, porque ela era muito brava e ele, muito paciente e sensível, dispensava mais afeto para os filhos. Ele notou minha preocupação e quando lhe contei de uma amiga freira que veio passar férias na casa dos pais, me perguntou se que também queria ser freira, eu não estava bem certa, eu era religiosa, mas queria expandir meus horizontes pessoais. Então, acabou que eu parti para o estado vizinho, internei-me em um convento, de certa forma um caminho de sacrifício. Lá, aprendi a cozinhar e costurar com as freiras e me tornei uma pessoa ainda mais religiosa. No entanto, depois de dois anos, cheguei à conclusão de que não era bem isso que eu queria para minha vida. A vida na clausura se tornara muito triste e tediosa.

Dois anos se passaram, e novamente acendeu o fogo do meu coração. Voltei ao meu lar, mas a vida naquele lugar não tinha mais o mesmo encanto de antes. Eu já estava uma moça e via meus irmãos mais novos saindo de casa, outras irmãs até se casaram e comecei a pensar em um novo plano para mudar de ares. Lembro que, um dia, em uma festa junina, na casa dos meus pais eu fiz um sortilégio que me mostrou quem seria a pessoa com quem eu iria me casar. Apareceu-me o rosto de um homem estranho, mas me deixou imensamente curiosa e deslumbrada dali em diante. E sentia que tinha sonhos a realizar, arranjar algum emprego.

Soube que em uma cidade contígua havia uma festa muito concorrida dos padroeiros do lugar. Fui com uma amiga para as festividades e ficamos na casa de pessoas da família dela. No último dia da novena, assim que saí da igreja, me deparei com um rapaz que me lembrou imediatamente a simpatia que realizei no São João. Nossos olhares se cruzaram algumas vezes nos passeios pela praça defronte da igreja matriz. Notei que estava interessado e senti o brilho no seu olhar. Em pouco tempo ele deu um jeito de me abordar e se apresentar. Disse que era um ex-marinheiro e retornara recentemente à casa dos pais. Imediatamente me conquistou com suas palavras bonitas e que demonstrava ser pessoa de certa cultura. Confessou que já me conhecia indiretamente através de informantes e assim logo em nosso primeiro encontro disse:

– Sabia que vou me casar com você?

Em pouco tempo, unidos pelo destino, a previsão se concretizou. A cerimônia religiosa do nosso casamento ocorreu na casa dos meus pais. Lembro da felicidade desse dia. Um ano depois, como fruto desse amor, nasceu um menininho. Foi um parto extremamente

complicado. Meu filho não nascia naturalmente, talvez devido às sequelas de um sarampo muito forte do qual fomos acometidos. Meu esposo, muito diligente se desesperou, pois, uma simples parteira não resolveria a situação e teve que ir às pressas buscar ajuda médica em outra cidade. Por sorte, o médico aceitou vir em tempo recorde e salvou as nossas vidas, pois se demorasse um pouco mais eu e meu filho certamente morreríamos.

Vivi muitos anos na cidade do meu marido, onde fui muito feliz, apesar de todas as dificuldades para criar sete filhos, eu, como dona de casa e meu esposo como um professor de ganhos modestos. Para piorar as coisas, porém, por intrigas políticas, meu marido foi preso, injustamente acusado de subversivo e, por pouco não ficou viúva. Apeguei-me com todas as forças às minhas orações, junto com minha sogra, uma senhora também muito religiosa. Só mesmo Deus para nos tirar da armadilha que fizeram pra meu esposo, pois somente depois de um mês ausente, amarguei terríveis dias de angústia, recheados por comentários maldosos, que diziam que eu poderia me vestir de preto, pois ele não mais voltaria. Eu me sentiria totalmente infeliz se ficasse sozinha com um filho para criar, nem imaginava como seria minha vida se isso tivesse acontecido. Mas nossas preces foram ouvidas. Ele voltou e disse que foi libertado, mas sofreu todo tipo de humilhações e torturas psicológicas na prisão, desde ser colocado em celas imundas e cheias de pichações intimidatórias até chamado de comunista amigo dos bandidos Brizola e Fidel Castro. Por fim, foi minuciosamente interrogado e teve sua inocência reconhecida, pois não encontraram provas concretas contra ele. Na verdade, meu esposo, apesar de inteligente e muito culto, não percebeu que as publicações suspeitas colocadas

debaixo da porta era um estratagema forjado por seus rancorosos inimigos. Tivemos sérias discussões sobre esse assunto até que ele resolveu queimá-las para me satisfazer, mas depois admitiu que essa diligência pode ter salvado sua vida. Porém, o destino nos reservaria novas surpresas.

Nosso filho mais velho viajou para o Rio de Janeiro e morou por quase dois anos na casa de um tio paterno. Porém, resolveu retornar, mas estava um tanto depressivo, certamente por ter sido vítima de um assalto ao banco em que trabalhava, inclusive sendo levado refém por mais de cinco horas. Um especialista disse que ele poderia piorar, pois a viagem alterou seu comportamento e o ideal seria se mudar pra outra cidade. Depois de muito pensarmos, resolvemos nos mudar para minha cidade natal, onde havia melhores condições para ele sobreviver, onde começaríamos uma vida nova e ele teria contato com outras pessoas. Com todo o apoio dos familiares, nos mudamos. Como todo início, a readaptação foi um pouco dolorosa, mas contornamos as primeiras dificuldades e cerca de dois anos depois já estávamos bem-adaptados.

Nossa vida continuou em paz, até que, um certo dia, meu esposo, fumante inveterado, foi diagnosticado com câncer de pulmão e teve que fazer muitas sessões de terapia até evitar que a doença diminuísse a virulência, mas enfrentou bravamente a situação com toda força e determinação. Porém, depois de três anos, a metástase se acelerou chegou o dia da sua partida, o que aceitou serenamente, com a coragem que sempre lhe foi peculiar

Após sua partida, continuei a minha jornada com o apoio dos meus amados filhos, enfrentando a dor da perda, mas sempre com fé em Deus. Oito anos depois, tive que ser atendida às pressas

depois de ter uma noite muito mal dormida. Tentaram me reanimar de uma parada cardiorrespiratória, mas não resisti. No entanto, meu maior pedido a Deus foi atendido: Não vi nenhum filho meu morrer antes de mim.



**EDWILSON  
SOARES  
FREIRE**





## NAVIO EM AÇOITES

Os olhos são como janelas entreabertas da alma  
Derramam teatrais atos de procela ou de calma  
Os olhos nunca se deixam perscrutar por inteiro  
Pois exigem elaborado instrumento de chaveiro

Peregrino sou a buscar a chave dos olhos teus  
Deveras, há tempos, já tens a dos olhos meus  
Sou baú aberto, sobre o qual vives debruçado  
Porém, também sou navio por mares açoitado

Navegando e sonhando com a dourada chave  
Teu baú repousa acorrentado em alguma cave  
Escondeste muito bem a chave dos olhos teus  
Todavia sondas, sem pudor, os tesouros meus

Eu, Orfeu a prantear a irresgatável Eurídice  
Busco a verdade, mas me seduz a credence  
O belo Amor a borboletar em alma silente  
Oh! Olhos de mel, ser de fel; eu, inocente

Não quero desistir; só o farei se o pedires  
No entanto, me devoras como a perdizes  
Vês?! Minha luz exhibe sinais de cansaço  
Não pulsa em meu peito coração de aço

Última vez, sondam-te estes olhos meus  
Mas ainda estão trancados os olhos teus  
Eu, açoitado navio, rio da última procela  
Quando me desnudarei de toda mazela

Aos olhos que nunca me amaram.

## O SILÊNCIO QUE NOS CONSUME

Vivemos tempos de muitas imagens que saltam, ferozes e velozes, de telas, telinhas e telonas. Imagens enlouquecidas e famintas como piranhas devorando, em questão de minutos, uma rês que teve a infelicidade de cair no rio chamado Hoje. Não obstante, são também tempos de escassas e esmaecidas palavras. Para muitos, quanto menos se falar, melhor. Já vivemos a era em que se delega à inteligência artificial o *enfadonho* trabalho de fiar palavras, de tecer parágrafos, de costurar textos. Para falar ao vivo com um amigo, a boa etiqueta dos dias correntes exige agendamento de data e horário exatos, geralmente por meio de mensagem curta de texto. Todavia, tal agendamento quase nunca é considerado tão sério quanto uma entrevista de emprego. Ano passado, por exemplo, um amigo me enviou áudios dizendo que gostaria de conversar. Agendamos a ligação para o sábado seguinte, às 16h. Esperei o dia todo e nada. Quando perguntei se acontecera alguma coisa, o amigo lançou a pedrada: “Não! Só perdi a vontade de ligar”. Em outros termos, perdeu a vontade de falar, de emitir fonemas. Ao menos relatou o ocorrido em poucos morfemas. Vão-se os anéis e ficam os dedos.

Estes que se desenrolam diante de nossos espíritos são tempos calados, nos quais o ato de falar é fomentado preferencialmente para quando se está diante de profissionais da escuta como psicólogos. Neste momento específico da História, os seres humanos carecem desses profissionais como nunca antes. Todavia, estes são também tempos de ditadura absoluta da imagem, da fotografia, do vídeo, do filme... Palavra e imagem são inversamente

proporcionais, em importância e em poder de influência. Fala-se pouco porque diminuta, quase nula, é a vontade de falar. Porém, explode grandiosamente e se explora retumbantemente o poder de fixar os olhos em fotografias e vídeos. Vivemos tempos de espetacularização da imagem. As redes sociais, com seu poder de capilaridade e virulência, são provas incontestáveis desse fenômeno. O sucesso dos *influencers* se mede pela quantidade de seguidores, e o dos vídeos, pela de visualizações. Todo número que reluz na internet é ouro.

Há quem diga que nós, sobreviventes da pandemia, saímos dela melhores ou piores. Eu prefiro usar a expressão *saímos diferentes*. Quase certamente, piores, sim! Definitivamente, melhores, não! Como um ser humano que cruzou, durante quase três anos, um vale de lágrimas e dores, um desfiladeiro de asfixia e morte poderia sair *melhor*? Atravessamos um nevoeiro ácido, e se o deixamos para trás, não foi de cabeça erguida e olhar triunfante. Se não fomos tragados pelo nevoeiro, do outro lado saímos combalidos, exauridos e enlutados. E continuamos todos enlutados, muitos exauridos e alguns ainda combalidos. O isolamento social a que fomos forçados marcou, a ferro e fogo, a alma humana. E talvez nunca mais voltemos a ser o que éramos. Quem semeia silêncios colhe isolamento. O longo inverno de anos pandêmicos congelou a língua e petrificou os dedos humanos. Perdemos o traquejo da linguagem, falada e escrita. Aniquilamos, dentro de nós, a vontade de conversar. Transformamos o isolamento em permanência de nosso medo.

Água mole em pedra dura, tanto bate até que fura. E já furou. Quase todos os meus amigos perderam o interesse de fazer e de

receber chamadas pelo celular. Muitos passaram a ignorar mensagens enviadas. Chegaram ao enfado extremado de considerarem avisos sonoros abelhas furiosas que precisam ser neutralizadas. Alergia à voz humana ou aos sons que avisam que elas estão no ar. Não se dão ao trabalho de respondê-las, em texto ou áudio. Alguns deletam sem ler ou após uma leitura alinhavada. A tecnologia se expandiu, mas a humanidade se retraiu. A palavra entedia; a imagem irradia. A palavra não convence mais, porém o exemplo ainda arrasta demais. Dessa forma, eu aprendi na marra, expressão sábia do nosso sertanejo, a interpretar o manual de conduta ao celular. Digo que estou vacinado. Como nossos avós, adorei o sábio ditado: o que não tem remédio, remediado está. Para quem está se afogando, jacaré é tronco.

Atualmente, sobretudo em finais de semana, quando a fantasmagórica solidão costuma aparecer ao Hamlet que habita em mim, e me assalta em pulsante vontade de ligar para um(a) amigo(a), tomo a firme e inarredável decisão de lavar meu banheiro. Digo eu que nós, humanos, só usufruímos plenamente a semiótica do substantivo *autonomia* quando conseguimos, sem resmungos e lassidões, limpar a sujeira que nós mesmos produzimos. Para efetuar aquela tarefa com eficácia, estou me municiando de todo um arsenal de equipamentos, como escovão, e de produtos de limpeza sem cloro, mais eficientes e menos tóxicos. Trabalhando duro, em questão de minutos, a vontade de usar o celular se dissipa na nuvem perfumosa dentro do banheiro. Eu garanto: esse remédio funciona que é uma beleza! É tiro e queda!

Aconselha-se sabiamente a não cutucar onça com vara curta. Assim, os agradecimentos a seguir não devem ser considerados

“cutucadas”. De fato, aprendi preciosas lições com amigos(as) durante a pandemia. Agradeço a Maria Lenira (Limoeiro do Norte-CE) os abalizados conselhos que ministrou durante os momentos de desânimo e desamparo, quando me sentia invisível. Sou grato a Cicinato Neto (Tabuleiro do Norte CE) por ter aberto meus olhos à compreensão de que o ser humano pode sentir repulsa pela parafernália tecnológica; e a Ângelo (Fortaleza CE) pelo entendimento de que o celular pode ser fonte de ansiedade e depressão. Mesmo calados, durante toda a pandemia, aprendi muito com Claudéci e Paulo César (Tabuleiro do Norte CE). Agradeço muitíssimo aos queridos Atacy Jr. e Lorise (Londrina PR); Daniel e Natássia (Passos MG); Marcelo e Marina (Ribeirão Preto SP) por me ensinarem a lição de que a família tem prioridade absoluta. Sou deveras grato a quem dedicou tempo e afeto para me responder: Gilvânia e família (Tabuleiro do Norte CE) e Donina (Vila Velha ES), que me recebeu em sua casa para uma merecida semana de descanso. Sou eternamente grato aos professores da UFC (Línguas Clássicas) Ana Maria e Josenir (Fortaleza CE), que leram e resenharam criticamente os textos que escrevi. Obrigado pelo muito que fizeram por mim! A vida sempre vale a pena, mesmo inflacionado o pão e reduzida a liberdade, esta criança pequena!

Dedicado à memória daqueles que não conseguiram atravessar o nevoeiro.

Para nós, os sobreviventes, resta certo gosto na boca grudada pelo silêncio.

## O PISTOM ABANDONADO

“Se a trombeta der sonido incerto, quem se preparará para a batalha?” Paulo de Tarso,  
Primeira Carta aos Coríntios 14: 8

Ao se mudar para a nova casa, encontrou o objeto no porão. Era um trompete de pistom. Já ouvira alguém tocando um daqueles na banda da cidadezinha onde nascera. Mas, de perto, parecia um sopro de fascinação. Era lindíssimo! Como abandonaram uma beleza daquelas num lugar tão sujo? Pegou uma flanela. Delicadamente, limpou toda a superfície do instrumento. Desejou saber tocá-lo, mas como? Nunca tivera aulas de música. Seus pais não possuíam dinheiro ou vontade para colocá-lo numa escola de música e quando cresceu... Lembrou-se de que, muito pequeno, surgira uma vontade de aprender a tocar piano. Vira a apresentação de um garoto na televisão, dedos ágeis como os de Apolo, olhos altivos como os de Zeus.

Considerava a música a invenção humana mais formidável; nada, nunca a superaria. Agora, segurando aquele pistom nas mãos, o objeto lhe parecia mais próprio para anjos que para humanos. Reluzia mais que ouro, fascinava mais que diamante, despertava mais desejo que... Era uma prova de que o ser humano possuía um espírito faminto por arte e beleza. Ao passar a flanela delicadamente pela boquilha, notou ali uma grande fenda. Parece que alguém a havia golpeado com algum instrumento cortante. Que engrenagem específica da loucura moveria uma pessoa a fazer aquilo?

No dia seguinte, entrou em uma loja especializada em música e comprou uma boquilha nova. Perguntou ao balconista se conhecia alguém que ensinasse a tocar trompete. Recebeu um cartão, indicando que na Rua das Sensações o Professor Alberto Vonz era especialista naquele instrumento. À tarde, flanou ao endereço e ouviu sons maviosos ao se aproximar da casa. Tocou a campainha. Um senhor de cabelos brancos, alto e esguio, com partituras na mão, abriu a porta. Notou que o visitante segurava um trompete. Sorriram ambos. Durante dois anos, frequentou aulas para tocar o instrumento. O Professor Vonz era o que se poderia chamar de mestre da ortodoxia musical, exigindo que seus pupilos se superassem. Assim, com dedicação e apuro, tornou-se um grande trompetista. Desconhecido, tocava em festinhas e igrejas, mais para deleitar amigos e alimentar o próprio espírito.

Certa noite, tocou na inauguração de uma praça da cidade. Uma multidão o aplaudiu. A música era ao mesmo tempo um suspiro de dor e um sussurro de consolação. A alma, não os lábios, soprava o instrumento. Foi impossível segurar o choro e ele rolou livremente por algumas faces. Duas vizinhas que brigaram naquela manhã choraram abraçadas. Que poder estupendo o da música! Até o filho do prefeito chorou no ombro do pai, pedindo-lhe desculpa pelos desgostos de ontem e de muitos antes de ontem. A imprensa transmitindo tudo ao vivo, freneticamente. Finalizada a cerimônia, jornalistas o cercaram e fizeram perguntas.

Apareceu na televisão exalando amor ao instrumento; contando que aprendera a tocar depois que encontrara o pistom no porão, quando se mudara para a nova casa. As mulheres que

choraram também foram entrevistadas e o chamaram de “anjo que toca o coração”. Por causa da repentina fama, o trompetista recebeu convites para tocar em orquestras. Dois dias após a divulgação da notícia na televisão, apareceu em sua porta o corretor de imóveis que lhe vendera a casa, acompanhado de um senhor grisalho de sorriso trancado e feições duras. Este é o Sr. Kompensk, ex-proprietário da casa. Por favor, entrem! Prefiro conversar aqui fora.

Em secas palavras, o visitante disse que o trompete encontrado no porão lhe pertencia. Viera buscá-lo. O trompetista recebeu aquelas palavras como um soco no estômago. Queria comprar o instrumento, mas o carrancudo disse que não estava à venda. Com o coração gritando violentamente, o anjo trompetista entregou o pistom ao primeiro dono. Passou aquele dia em caramujante desolação. Apegara-se ao trompete. Já sabia suas manhas. Sua alma em gratidão já o vibrara tantas vezes! No dia seguinte, precipitou-se a uma loja de instrumentos e comprou outro pistom. Muito parecido com o anterior, o mais parecido, mas não o mesmo. Teria que aprender novas idiossincrasias, mas certamente não demoraria a chamá-lo de amigo que conecta boca e alma.

Em outro lado da cidade, naquela mesma manhã, o Sr. Kompensk caminhava no parque. Trazia uma caixa debaixo do braço. O pistom lá dentro. Com uma pequena pá de jardinagem, o sorriso trancado cavou um buraco no jardim. Sem hesitar, depositou lá o instrumento nu. Cobriu com terra fria. Sentiu um imenso prazer. Finalmente se livrara daquele instrumento maldito! Em breve a ferrugem o destruiria de uma vez por todas. Sentou-se num banco próximo. Agora ninguém tocaria mais naquele... Símbolo da discórdia entre ele e o único filho. Transcorreram muitos anos desde o dia que o rapaz batera a porta de casa. A mãe falecera meses antes.

O pai, sozinho, arrastando as correntes da amargura pela imensa casa. Solidão corroendo os ossos. Que ácida discussão quando o filho proferiu que não faria mais vestibular para Medicina e sim para Música! Farmacêutico, o grisalho da depressão sonhara ver o filho abrindo consultório e se tornando renomado médico. Tudo em vão. O rapaz se apaixonara pela Música. Tocava instrumentos de sopro tão divinamente bem que despertaria inveja em Orfeu.

O filho levou o pistom para casa, felicíssimo. O pai, em acesso de fúria, arrancou a boquilha e a golpeou com um machado. Pistom silenciado e jogado no porão. Aquele homem abelhudo o encontrara, mas... Agora jazia em terra fria, como morto no coração igualmente sepulcral daquele homem. Um sábio, há séculos, constatou que o coração humano é desesperadamente corruptível. Outro, suspirando de tristeza, admitiu que o coração é o abismo dos abismos. Felizmente, o terceiro sábio, o trompetista-anjo, esmerou-se em usar coração e pulmões a sensibilizar ouvidos e outros corações. Mesmo o novo pistom passou a ser soprado pela alma, maestra do sistema respiratório.

Dois dias após o enterro do trompete, trabalhadores da prefeitura escavavam o terreno para implantar um pedestal que receberia a estátua de renomada figura. Um dos homens encontrou o instrumento, sujo, frio. Entregou-o ao paisagista responsável. Horrorizado, o homem não entendia como alguém enterrara um instrumento sem defeitos aparentes. Mandou limpar e polir. Ficou perfeito e reluzente. Que pena que não sabia tocá-lo! Mas isso era só questão de tempo.

Para meu irmão **Edward Wagner**

## DEPOIS DO LABIRINTO

Caminhe resoluto. Eis a única entrada do labirinto. Após andar cinco metros, vire à direita. Depois, vire à esquerda. Em seguida, vire à direita uma e outra vez. Então vire à esquerda uma, duas, três, quatro e cinco vezes. Após virar à direita e depois à esquerda, você deve avistar a mancha de mofo na parede, à sua esquerda. Vire à direita nas três próximas encruzilhadas e, por fim, uma última vez à esquerda. Você deve sair do labirinto. Aproveite a clareira da floresta. Você terá que mover a pedra do moinho durante pelo menos trinta e cinco anos. Mas há quem tenha força para permanecer na labuta durante meio século. Esses indivíduos resilientes ainda estão sendo estudados. Com isso, o Poder Concêntrico cogita, num futuro próximo, arregimentar somente quem suportar ao menos quarenta anos. Economia radical de mão-de-obra para acionar alavancas e engrenagens e assim manter a máquina sempre triturante. Contratar carne verde é muito dispendioso. A carne madura, rígida, aguenta melhor a pressão dos dentes de ferro.

Como funciona a máquina? Não precisa saber; precisa somente alimentá-la com sua força de trabalho, com sua carne, com sua inteligência, com sua mente. Veja que movimentos perfeitos e harmoniosos estes da máquina! Posso perguntar ao menos que produto sai pronto do lado de lá? O direito de viver numa sociedade democrática. Não é demasiadamente pouco para quem entrega uma vida inteira ao moinho? Não é pouco nem muito, é apenas o necessário. Mas o que acontece... Vamos parar de tanta pergunta; volte ao trabalho. A máquina passou a gemer esquisito depois que

você começou essa inquisição. Vou jogar óleo para azeitar as engrenagens. Faça-o de bico calado porque a máquina e meus ouvidos ficaram exauridos com seu hálito cheirando a insurreição. Perdoe-me! Era só curiosidade! Mantenha sua curiosidade empacotada a vácuo e jogada em algum recôndito inabitável de sua alma. E o curioso entendeu a mensagem. E a máquina esboçou um sorriso pantagruélico de engrenagens malévolas devorando potenciais motins. Na clareira, um fervilhar de gente de todos os tons de sentimentos, desde a translúcida autossatisfação azul-arraia até a intensa frustração vermelho-maribondo. Somente a máquina sabia o sabor do sangue de cada um.

Chega uma velha humilde e cabisbaixa para ser atendida no balcão. Senhora camponesa, para ter acesso aos grãos triturados pelo moinho é obrigatório preencher corretamente o formulário 272-C. Já estou com ele em mãos. O senhor me ajuda a preencher? Não entendo quase nada do que se pede; para que usar essa linguagem difícil? O chefe não quer que eu faça isso, mas ajudarei a senhora até ele voltar! Na primeira pergunta, assinale o triângulo amarelo e escreva todas as profissões que já teve. Hum! Fui e ainda sou apenas agricultora. Cria animais? Sim, alguns poucos. Nos quadrados da pergunta dez, coloque quantos animais possui! Galinhas, porcos, vacas... O formulário segue exigindo que se pinte o círculo azul, o retângulo verde, o losango lilás, o pentágono cinza... E responda quantos... quais... quando... como... Também precisa assinar na última linha e anexar os seguintes documentos... Não trouxe dois desses documentos! Amanhã, a senhora volta e eu mesmo concluirei seu atendimento. Meu chefe se aproxima! Até amanhã, senhora!

Então Sísifo volta ao serviço habitual. O chefe fita o subalterno com desconfiança. O que aquela velha queria? Veio apenas pegar o formulário 272-C, que irá preencher em casa. Perdeu tempo ensinando alguma coisa? Não foi preciso; ela possui um filho que também é servidor público como nós, mas de outra repartição. É um homem inteligente que certamente pode ajudar a mãe a preencher o formulário de pedido de aposentadoria! Mudando de assunto, teremos reunião daqui a uma hora! Reunião? Mas e ontem?... Não esgotamos a pauta! Preciso explicar novas determinações que... O subalterno em caraminholas e detestáveis autonomias de quem não abandona a irritante arte de pensar. Reunião quase todo dia apenas para ouvir determinações tomadas de supetão, sem nunca ouvir a opinião dos subservientes! Convocações exclusivas para inundar as almas com decisões antipáticas derramadas de cima para baixo! Na gestão anterior, reunião nenhuma; na gestão vigente, reunião para decidir o melhor dia/horário da reunião a vera. Ausência de equilíbrio; excesso de abismo... E para quê? À máquina só interessa moer carne e degluti-la em demorado e refinado sadismo.

## PRAIA DE FILÓSOFO

Uma serpente de fogo, inquieta e estabanaada, perpassa o caminho chamado cotidiano urbano! Se o dileto leitor tiver paciência, contarei aqui a história de alguém que venceu a serpente. Veja este homem sorridente caminhando, durante o amortalhamento da tarde, naquela praia citadina onde surfistas adolescentes iniciam sua vida sexual. É um filósofo, o amigo da sabedoria, cujo olhar ignora preservativos jogados aqui e ali, e fita somente o mar e o céu; e sente epidermicamente apenas o sol e o vento; e toca com os pés simplesmente areia e espuma. Marcas deixadas pelo homem não eram relevantes. Muitos dias o filósofo caminhou na praia e se sentiu muito bem. O filósofo deixou na areia mazelas, mas também contraiu uma. Severa e desagradabilíssima micose que transforma os pés em fogo e urtiga.

O filósofo tratou o infortúnio com fungicidas, mas deixou de ir à praia. Contratou uma empresa que coletou e esterilizou areia de outra praia, mais distante. Nos fundos do condomínio, com autorização de todos os moradores, mandou construir um caminho praieiro de cinco metros de extensão, contendo areia esterilizada. E o filósofo caminhante ia e voltava não sei quantas vezes, mas não interrompeu sua caminhada em pés desnudos. Era deveras pitoresco vê-lo caminhando ao crepúsculo, como se estivesse a costurar a areia com as agulhas de seus pés. Fungos não eram bem-vindos naquela minipraia. Agora, sim, podia caminhar tranquilo! Muitos outros dias se passaram.

Em certa tarde, a esotérica do condomínio interrompeu o filósofo em sua caminhada, protestando que a areia estaria saturada, pisada demais pela mesma pessoa tantos dias seguidos. Vê-se de longe, Sr. Filósofo, que a areia já lhe agraciou com toda sua energia. Precisa ser trocada. O filósofo parou e fitou os grãos inertes que se pegaram à pele dos pés e depois àqueles que se esparramavam pelo caminho de cinco metros de extensão. Pareciam os mesmos de quando chegaram. Mandou uma amostra para análise. Conclusão: os elementos oceânicos, ou peculiares ao mar, como o sabor de maresia e mesmo certa dosagem de sal, haviam sumido, evaporado, na falta de melhor palavra. O que fazer agora? A prefeitura já notificara o filósofo, proibindo-lhe expressamente de extrair areia da praia para quaisquer que fossem os fins. Os fins são terapêuticos, Sr. Prefeito e Srs. Vereadores! Não importam! Está proibido e pronto!

O filósofo entristeceu, tão fundo, tão profundissimamente que talvez, nesse mergulho à górgona, tenha cruzado com a mesma tristeza que dominou Sócrates ao ser preso, acusado de corromper a juventude ateniense. Mas a luz voltou a brilhar no dia seguinte, quando leu no jornal que, numa cidade vizinha, uma comunidade de pescadores sofria com a invasão de areia em suas casas. Era sempre a mesma duna faminta por um tipo bem específico de alimento: residências humildes. O filósofo foi à praia conversar com os moradores. Será que os senhores permitiriam eu pegar um pouco dessa areia que tanto incômodo lhes traz? Professor, se quiser levar carradas, e depois mais caçambadas, nós é que iremos lhe beijar as mãos, agradecidos! E a prefeitura não se opõe a isso? Os políticos da cidade estão se lixando para os humanos que vivem cá; com certeza, não serão montes de areia que puxarão os olhos deles para este lugar!

O filósofo ligou para a empresa de esterilização de areia. Coletaram três caçambas da duna, que ficou magoadíssima com o sorriso rasgado dos pescadores. Que eles não cantassem vitória contra ela, impiedosa Sereia da Terra! Bastaria o vento marítimo soprar e então, entoando seu mavioso canto, ela convocaria novos grãos, que se precipitariam alvoroçados ao bando dos antigos rebelados. Areias têm o direito de se insurgirem contra humanos, contumazes invasores de Gaia. O filósofo e sua irmã possuíam uma casa num distrito remoto e foi ali, em amplo quintal, que os grãos de areia findaram sua longa jornada de coleta, transporte, esterilização, transporte de novo e acomodação final. Os fundos da casa foram atapetados por minúsculas esferas vítreas, imaculadas. Descalço, falando ao vento, voz aprisionada em gravador digital, o filósofo filosofou como nunca. Aquelas caminhadas gestaram bons livros, que o filósofo publicou mais por insistência de seu editor, pois ele mesmo estava mais interessado em manter revigorante sua praia particular.

Duas vezes por semana, o filósofo se dirigia a uma praia urbana da cidade, não aquela onde contraíra a micose, aquela nunca mais, para recolher alguns litros de água do mar. Guardados em toneis, meticulosamente acondicionados no porta-malas do carro, regava sua praia privativa com aquele pouco que recolhia da imensidão oceânica. Mas mesmo aqueles litros foram reclamados por policiais. Agora substituiu o furto de areia por água do mar, Sr. Filósofo? Eis aqui a autorização para o que estou fazendo. Entregou uma folha de papel aos fardados e continuou o trabalho de encher os recipientes. Os ditos homens da lei olham um para o outro, incrédulos. Devolvem o papel e se afastam, um deles comentando

em voz alta, sem constrangimento de que o filósofo o escutasse: De tanto ler, estudar e pensar, enlouqueceu o pobre homem! O filósofo cogitou, um segundo apenas, se deveria rogar a Platão para que este roubasse, por um momento, o raio de Zeus e fulminasse aqueles homens. Mas nem isso valia a pena. A ignorância é pedra que sonha ser passarinho. A verdade é passarinho que nunca sonha ser outra coisa porque já é o que tem que ser.

Lembrou-se do dia em que começou a manifestar sintomas exóticos. Correu ao médico porque não era desses homens que têm medo dos que vestem jaleco. Conclusão do discípulo de Hipócrates: os sintomas eram ervas daninhas semeadas pelo vento do estresse e regadas pela chuva da ansiedade. Mas, Seu Doutor, sou a calma vestida de homem! Talvez isso mesmo o explique! Porque quando a pessoa é calma demais... O médico receitou que ele caminhasse, descalço, na praia. A areia e o mar sugariam tudo de ruim dos pés, do corpo, da alma. Inicialmente, o filósofo achou a prescrição pitoresca, mas resolveu obedecer. Agora, não se imaginava mais sem a caminhada na areia. E algo aparentemente “normal” encontrou tantos obstáculos, cuspidos pela tal serpente de fogo. Ao final, o filósofo teve que construir sua própria praia no quintal de casa para superar o bafo quente dessa rastejante que persegue os humanos que decidiram se aglomerar neste formigueiro chamado cidade grande.

Para **Manfredo Araújo de Oliveira**, filósofo que Limoeiro do Norte graciosamente ofertou ao mundo.

## MEMÓRIAS DE MENINO SERTANEJO

Guardo muitas memórias de minha infância, mas sobretudo os três anos em que morei naquela casa bem no centro da pequena cidade do sertão jaguaribano. O terreno ia de uma ponta a outra do quarteirão, mas cerca de sessenta por cento era o magnífico quintal de minhas reinações. Não repleto de criaturas fantásticas como o mundo de Narizinho, mas imenso o suficiente para tecer miríades de fabulações e brincadeiras, de aventuras e traquinagens. Tudo que um garoto criado num desses apartamentos modernos nem sonha ser possível. Eram os dois últimos anos da década de 1980 e o primeiro do decênio seguinte.

Já no segundo dia, fiz amizade com o garoto de mesma idade que morava na casa ao lado, uma das melhores de toda a rua, e cujo muro de tijolos funcionava como fronteira entre dois países amigos. O limite do quintal da casa do outro lado era apenas uma decadente cerca de madeira, certamente simbolizando que os vizinhos da direita eram pobres como a nossa família, mas os da esquerda deveriam ter melhores condições. Estava encostado no muro, observando uma lagartixa sem rabo, devorado por algum predador que obtivera somente parte da caça, quando ouvi uma voz do outro lado. Parecia tão distante, mas estava a menos de dois palmos. Vamos brincar juntos? No meu quintal ou no seu? Vou sair e lhe encontrar lá no fundo.

Meu quintal terminava também numa cerca de madeira extraída da caatinga, cuja mata garranchenta se esparramava logo adiante. Como sempre fui pernalta, pular uma cerca era moleza.

No muro da casa vizinha, saindo para a rua, despontava esvaecida porta de madeira, mas tão velha que parecia já colada aos umbrais. Chamava-se Gabriel o garoto vizinho. Estava tão bem-vestido que senti repentina vergonha de minha bermuda velha que, de tanto minha mãe lavar, perdera o azul-marinho original e agora exibia apenas aquele tom de azul desbotado e sem-graça. O novo amigo não fez caso algum de minha única peça de roupa, tratando-me com toda cordialidade. Acredito que, mesmo que eu estivesse nu, ele não me olharia arrevesado.

Afoitos, adentramos a caatinga com a mesma desenvoltura de vaqueiros procurando uma rês desgarrada. Curioso aquele ponto da cidade: o centro urbano propriamente dito findava na rua dos nossos quintais. Chegamos à sombra de uma majestosa oiticica, árvore endêmica da faixa de transição entre o semiárido nordestino e a amazônica mata dos cocais. Que refrigério! Gabriel disse que a árvore tinha mais de cem anos. Bendita sejam, oh oiticica centenária! Em volta do tronco, muitos brinquedos de madeira e de ferro. Como juntou tudo isso? Tenho muitos tios que me mimaram com presentes. Logo me chamou a atenção uma lata de biscoito cheia de bolinhas de gude, que na região a criançada chamava de bila e que o povo do litoral conhecia como cabeçulinha. Brincamos a tarde toda.

Na minha casa, eu era o único que estudava no turno da manhã. Assim, reservava a tarde aos deveres escolares e às travessuras de minha infantescência. Espia: o narrador invejando o grande Guimarães Rosa! É isso mesmo, Sr. Narrador? Peço perdão por minha arrogância, Dileto Leitor! Esqueça meu arroubo de neologista e se atenha ao sumo deste parágrafo: eu amava estudar, mas

não abria mão de brincar, e brincava muito. Devia ser o mesmo caso do Gabriel. Finais de semana, traquinagens coletivas com meus irmãos. Gabriel talvez viajasse com os pais, pois sempre que o chamava, naquelas ocasiões, não obtinha resposta. A porta e as janelas da frente da casa do garoto nunca estavam abertas. Quando lhe indaguei sobre isso, deu de ombros. Disse que o pai era caminhoneiro; quase nunca estava em casa. A mãe não podia pegar sol e detestava sair à rua de noite. Com um sorriso repleto de gratidão, disse que se não fosse eu para brincar com ele...

Quase toda tarde, íamos gastar energia debaixo da oiticica. Ali perto, construíram até uma gangorra rodopiante, feita de tronco de carnaubeira, na qual girávamos como loucos. O sertanejo chamava esse brinquedo de Zé Galamar. Só parávamos quando eu gritava: estou tonto! Meu companheiro nunca ficava assim e por isso sempre insistia para voltarmos aos rodopios. Eu adorava subir na oiticica, que devia ter uns quinze metros, e observar nossos quintais do alto. Gabriel nunca subia na árvore porque tinha medo de cair. Um dia, descobri um ninho de passarinho com quatro ovinhos. A mamãe-ave devia ter ido se alimentar. Gritei ao amigo a novidade. Ele perguntou se havia alguma pluma. Sim, há umas três. Pode pegar uma para mim? O que vai fazer com ela? Vou só guardar de lembrança! Amo pássaros! Eu também! Acho a coisa mais linda do mundo!

Aquelas tardes agradabilíssimas foram interrompidas quando o proprietário da casa onde morávamos de favor nos mandou embora. Era um homem empenhado em dilapidar sua herança com álcool e cigarro, com jogos de cartas e prostitutas. Precisava vender a propriedade para pagar dívidas e para continuar a jornada

de bebedeiras e pândegas. Era casado com uma esposa maravilhosa, que faleceu anos depois que saímos da casa, quando então a vida do viúvo degringolou de vez. Teve uma morte horrenda. Nossa família se mudou para um canto distante da cidade. A nova rua também era a última do núcleo urbano. De nossa casa avistávamos um exuberante carnaubal, remanescente da era dourada da cera de carnaúba, que tanta riqueza trouxe à região.

Um caminhão velho levou nossa mudança. Eu e Gabriel nos despedimos numa terça-feira à tarde. Foi doloroso fitar os olhos dele, brilhantes de lágrimas que se recusavam a cair. Ele confessou que nunca se esqueceria daqueles dias. Eu também nunca me esquecerei! Bendita seja a oitica! Só então reparei em algo inusitado: eu havia crescido um pouco em três anos, mas Gabriel parecia o mesmíssimo garoto que encontrei no segundo dia. Não sei como, ele adivinhou meu pensamento. Todo mundo da minha família cresce pouco. Já você, será um espigão de homem! Inopinadamente, uma ventania começou a nos açoitar com areia e folhas. Preciso ir, disse consternado. Eu também preciso ir! Até aquele dia! Que dia? O dia em que nos encontraremos de novo! Até aquele dia, então! Já ia pular a cerca do quintal quando me lembrei que a casa estava toda fechada. Devia contornar o quarteirão, pois minha família estaria me esperando na rua perpendicular.

Anos depois, uma tempestade tremenda caiu sobre a cidade. Minha mãe soube que os telhados de algumas casas da nossa antiga rua desmoronaram estrepitosamente. Pessoas ficaram feridas. Como já era adolescente, disse à mamãe que iria lá, para verificar se estava tudo bem com nossos antigos vizinhos. O telhado da casa de Gabriel e das duas residências em frente ruíram. Fiquei

assustadíssimo! Nossa antiga casa passara por uma reforma geral e o telhado aguentou firme. Por favor, senhora, pode me informar se nesta casa alguém ficou ferido? Das casas da frente, oito pessoas estão no hospital; como essa amarela está fechada há muito tempo, então... Três anos atrás eu morei aqui ao lado, e nesta casa morava um garoto e sua mãe, e também seu pai caminhoneiro! Estou toda arrepiada! Você está falando da família que viveu aqui, mas isso já faz uns doze anos.

Guardei esses fatos em meu espírito, mas eles explodiriam dentro de mim, como imenso cogumelo atômico de consternação, após trinta anos, quando eu já residia na capital do nosso estado. Um ex-colega da escola do sertão, agora alçado ao cargo de secretário municipal da nossa ainda pequena cidade, convidou-me para regressar à terra natal e participar da inauguração de um centro de assistência à infância e à adolescência. Eu me postei bem à frente do semicírculo de pessoas que se formou para o descerramento da placa. Um de cada lado, o prefeito e o secretário puxaram um pano vermelho e então... Apareceu a fotografia de um garoto de oito anos, sorrindo ao espectador. Não é possível! É o Gabriel. A multidão se dissipou rumo à outra sala, onde aconteceria um coquetel. Braços trêmulos, pernas cambaleantes, olhos esbugalhados, aproximei-me da placa. Lia-se: “Em memória de Gabriel Alencar Veleziano (1968-1976), pequeno príncipe que não conheceu os dissabores da vida adulta”.

## HUMILHADOS E OFENDIDOS DO SERTÃO

Há homens e mulheres que, mesmo após o rompimento do fio de prata, continuam a fazer cirurgias na alma humana, com perícia e argúcia, utilizando apenas o bisturi da palavra. Esses seres humanos, a exemplo de Dostoiévski, deveriam viver lúcidos e serelepes por pelo menos duzentos anos. A humanidade teria muito a ganhar se escritores como ele dispusessem de uns cento e cinquenta anos para escrever seus livros assombrosos, como é o caso de *Humilhados e ofendidos*. Em cortante realismo, a obra narra como gente pobre/empobrecida conseguia sobreviver na gélida Rússia de meados do século XIX. Não importa quantas vezes o releia, esse romance sempre exerce forte impacto em meu espírito. Nosso país, ao contrário da Rússia, é um dos mais quentes do mundo, afinal estamos encravados nos trópicos. Não obstante, também possuímos longa e triste tradição em invisibilizar pessoas humilhadas e ofendidas. O sistema costuma jogá-las à margem da História. Porém, de forma teimosa e irritante, elas não se deixam enterrar antes de contarem suas vidas. E vejam que ironia: algumas conseguem até mesmo afetar, de modo indelével, seus opostos semânticos, os respeitados e conduzidos.

Dileto leitor, perdoe essa divagação! O parágrafo acima fica como introdução ao meu relato. Hoje, como amanheci triste, recordei certo episódio de minha adolescência. Tinha 13 anos e minha mãe me encaminhara à casa do vizinho para ensinar o dever de casa ao filho dele. Era um moço que, não obstante dois anos mais velho que eu, repetia a mesma série escolar pela terceira

ou quarta vez. O pai dele era dono daquilo que, no sertão da década de 1980, chamávamos de bodega. A mãe e o bodegueiro combinaram que, se eu ajudasse o rapaz a cumprir suas tarefas escolares, o comerciante não cobraria juros na conta mensal de nossa família. O filho do capitalista detestava estudar. Eu, filho de costureira pobre, amava. A mãe queria que o filho lhe ajudasse nas despesas de casa e aquela parecia ser uma forma justa. Não entendo como, na cabeça dos adultos, um rapazinho dois anos mais novo, só porque gostava muito da escola, conseguiria convencer um moço avoadado, bigodinho já despontando, de que a educação era o investimento certo do futuro. O bigodinho não se preocupava com o amanhã, pois tinha tudo de mão beijada no ainda hoje, no agora mesmo.

Cheguei ao amplo quintal e o mimadinho, digo, o bigodinho estava sentado a uma mesa de concreto que havia num dos cantos. Parecia hipnotizado, manipulando um baralho, mas visivelmente fez cara feia quando o cumprimentei e me sentei. E as tarefas que o professor passou? Usando uma carta, ele apontou para o caderno aberto. Ao folhear, vejo atividades de língua portuguesa, uma das minhas disciplinas favoritas. Estranhei a letra bonita, mas logo o encanto se quebrou. Essa letra não é minha; eu pago alguém para escrever os deveres. Podemos começar? Agora não estou a fim dessas chatices de português. Mas seu pai me pediu para vir... Depois eu me acerto com meu pai! Vamos jogar cartas. Eu não sei jogar! Eu lhe ensino; é fácil! Baralho vicia; eu não quero aprender! Ah, o filho da costureira é rebelde! Por isso que sua raça de pobres lascados não vai pra frente: vocês não têm ambição de ganhar dinheiro.

Não houve tempo para defesa ou recuo. Ouviu-se estrondosa bofetada.

Com a força do golpe, desequilibrei-me e caí para trás, amassando, com meu corpo franzino, delicadas flores cultivadas pela dona da casa. Assustado, levantei-me o mais rápido que pude e avistei, parada na porta da cozinha, a mãe do bigodinho. Agora ela mesma me arrancará as orelhas porque feri, involuntariamente, suas lindas flores. Mas meu receio não se concretizou. Pedro, ficou louco? Por que fez isso com o garoto? Limpei apressadamente as mãos sujas no calção e saí correndo do quintal. Retornei a casa e minha mãe estava a mexer uma panela no fogão. Já acabou? Mamãe, por favor, não me obrigue a voltar lá! O que você fez? Capitalista só perdoa os jurose se você... Como ela havia se afastado um pouco do fogão, para me repreender mais duramente, fitando os olhos meus com os faiscantes seus, abracei-a todo trêmulo, muito desengonçado.

Aqueles dois adjetivos — humilhado e ofendido — certamente expressavam muito bem o estado de alma do garoto de 13 anos. Mesmo que, à época, não conhecesse os termos, ele vivenciara na carne o avassalador poder semântico daquelas palavras.

Lá fora, alguém bateu palmas. Casa sem campainha, mas ouvido titilante. O lado esquerdo da cabeça do garoto latejava um eco que a memória recente não permitia jogar fora de pronto. A mãe percebeu a roupa do menino suja de terra. Vá tomar banho; depois conversamos! A mãe era sertaneja deveras pragmática; a vida no sertão assim o impunha. O afeto era perfumaria suave nas terras ásperas. E talvez continua sendo. A mãe não percebeu a face avermelhada do filho. O garoto se virou e viu a mãe do

bigodinho. Não obstante pequenino, o chuveiro de baixa vazão foi suficiente para esfriar a face queimada. As gotas generosas se fundiram às lágrimas. Então o garoto resolveu deixar a tristeza descer ralo abaixo, pois sentiu aquela presença de conforto que nunca o deixou chorar muito tempo. Enxugou-se e vestiu roupas limpas.

O garoto se dirigiu ao quintal da casa, este, sim, acolhedor. Naquela hora da tarde, céu nublado, sol escondido; a temperatura diminuía agradavelmente. Ali, pendurado num prego enferrujado da parede externa da cozinha, o cipó da disciplina matriarcal, a metáfora materializada do antigo adágio que a mãe aprendera com os antepassados: “Quem come do meu pirão, prova do meu cinturão”. O que tem que ser, será! O garoto, em antecipações psicológicas, nem percebeu a mãe a se aproximar, segurando algo na mão. Seria um cinturão denotativo? No sertão, sempre se apregoou que a disciplina de pai e mãe é a melhor maneira de forjar caráter. Os filhos sertanejos, como cabras, assim ganhavam marra para nunca se iludirem de que a vida seria fácil, um dia sequer. O garoto suportava melhor apanhar da genitora do que de um estranho. A bofetada queimara mais do que a epiderme: uma fogueira se acendera em sua alma naquele dia.

Sem falar uma palavra, a mãe penteou demoradamente os cabelos do adolescente, sentado em velho tamborete que nunca arribava pés do quintal. Apenas em um momento os olhares dos dois se cruzaram, quando um raio de sol escapou das nuvens, iluminando os rostos de ambos. Em questão de segundos, muita coisa foi dita. Ou melhor: coisas sentidas pularam da alma para fora dos olhos. Essas coisas, impregnadas daquele magnetismo que

somente o espírito humano é capaz de forjar, fizeram o coração pragmático da sertaneja se abrir um instante e então ela se permitiu abraçar o filho esbofetado e ferido, humilhado e ofendido. Mesmo desconhecendo os antigos escritos de Fiódor Dostoiévski, mãe e filho vivenciaram o sentido daquelas antigas palavras que, certo dia, o grande escritor russo registrou: “É extraordinário o poder de um raio de sol sobre a alma humana”.

Sou eu, leitor-dostoiievskiano, olhos sempre faiscantes, que hoje reavivo a memória do entristecido narrador-idoso-cambaleante, olhos que se apagam, recordando aquele episódio que marcou a todos nós, mas sobretudo ao narrador-garoto-saltitante, olhos que se acendem. O conselho serve aos três, que são uma pessoa só afinal: lava teu rosto; debruça-te sobre a janela; gira a cabeça como girassol e procura aquele raio que faz florescer esse botão etéreo chamado alma humana.

## A MISSÃO DE GALILEI

Eu tinha oito anos. Fazia uns meses que papai havia debandado no mundo, deixando a esposa e o filho na casa imensa, herdada dos avós maternos. O vizinho mais perto ficava a uns dois quilômetros. “A casa beija o campo”, mamãe falava com orgulho. Éramos a última morada de uma rua longa, longuíssima. Naquela noite, mamãe fora se deitar mais cedo, queixando-se de cansaço. Hoje, lembrando-me dos olhos dela, creio que deles brotavam mais decepção que cansaço. O homem a quem entregara frescor juvenil e projeto de vida, confiando nele desde os dezessete anos, numa tarde de maio, bodas de estanho do casamento deles, abriu a boca e proferiu esta terrível sentença: “Não nasci para essa vida”. Tão curta de palavras, mas tão extensa de assombro, a frase elucidava a completa inaptidão daquele homem para cuidar da consorte e do filho. O pai saiu de casa só com a roupa do corpo, o que deixou a mãe magoada ao extremo. Nem o cheiro daquilo que um dia fora o lar ele quis conduzir. Dias depois, convicta de que ele nunca voltaria, levou ao quintal todas as roupas do companheiro de dez anos, empilhou em cuidadosa montanha que mãos femininas sabem tão bem aprumar, e tocou fogo. De fato, o pai nunca retornou.

Na manhã daquele dia, do alto da escada, vi mamãe chorando. Mas ela disfarçou, pois não queria que o filho a visse deramando lágrimas caladas e conformadas. Nada fizera para ser abandonada, e muito menos o unigênito; a índole do pai é que não o permitia aquietar-se em certo lugar, amar determinada

mulher e cuidar do filho para o resto da vida. Era somente aquele menino; era apenas aquela esposa; era meramente aquela vida. O pai era uma espécie pragmática de Fernando Pessoa elevado ao cubo. Um homem que, na impossibilidade de escrever, e assim parir ao papel suas diversas personalidades atribuladas, sentiu o visceral impulso de ser plural, de ter Eus perambulando pelo mundo. Somente aos dezoito anos entendi que papai não conseguiria viver de outra forma: precisava se fragmentar em navios e lançá-los ao mar, onde todos viveriam à deriva. Nenhuma notícia dele nos chegou em anos seguintes.

Tendo ficado triste com as lágrimas mudas e resignadas de mamãe, fui à biblioteca. A casa toda mergulhada em silêncio quase palpável. Escutava apenas meus passos e o tique-taque do relógio. Oito minutos para as vinte horas. Escolhi displicentemente um livro. Era uma adaptação juvenil de *Moby Dick*, ilustrada com esplêndidas gravuras. Comecei a folheá-lo ainda de pé, ao lado da estante, mas uma luminosidade forte, vinda da janela, despertou minha atenção. Um clarão alaranjado descia do céu e repousava em nosso gramado. Mas de onde...? Não vou mentir e dizer que sempre fui um garoto corajoso, mas surpreendentemente aquela situação inusitada não me amedrontou. Saí da casa como se fosse o mais destemido dos escoteiros. Parei a poucos centímetros do halo luminoso, dentro do qual apareceu um disco prateado do tamanho de um vinil antigo. Empurrado por força misteriosa, o objeto desceu do céu e parou à altura de meu umbigo. Como se estivesse hipnotizado, estendi as mãos e segurei o disco. A luz empalideceu lentamente e por fim se apagou.

Depois daquela noite, a roda da vida mudou de velocidade e de rangido. Tenho quase certeza de que mamãe dormia profundamente durante o episódio da luz, mas, inusitadamente, a partir do dia seguinte ela começou a falar de uma missão à qual eu estaria destinado. “Nenhum obstáculo impedirá a missão”: a frase e um beijo, ambos estrondosos, despediam-me quando saía para a escola. Após o ocorrido, na primeira vez que mamãe entrou em meu quarto, estava com o disco prateado no colo. “O que está fazendo com esse disco de vinil?” Que cor é essa, mamãe? “Preto ora!” Parece que somente eu enxergo a cor real do disco. Ela fitou meus olhos e ficou espantada. “Há um brilho prateado em seus olhos! Meu Deus, o que será? Se arrume! Vamos ao oftalmologista.” O homem de jaleco branco aparentava ser muito jovem, mas eu costumava ser atendido por um senhor de voz cansada. Constatou que eu não tinha miopia, e que poderia abandonar os óculos, que usava desde os quatro anos. Mamãe ficou admirada, porém nada falou. O brilho prateado sumia quando eu me afastava do disco.

Em 1985, quando completei dez anos, no dia 8 de janeiro, aconteceu a primeira daquilo que passei a chamar de epifanias do fogo. Mamãe preparou uma festinha e convidou meus colegas de escola, mas apenas três garotos e duas meninas apareceram. Nada popular entre os colegas, chamado de “queridinho dos professores”, eu sofria calado todo tipo de bullying apenas por gostar de estudar. As palavras cruéis do Sidney ainda ecoam em minha alma. Todavia, apresento também a prova de que perdoei esse rapaz: eu me esqueci completamente de seu rosto. Parece que, cá dentro de mim, palavras têm poder adesivo de supercola, enquanto feições se grudam com saliva. Deveras moço, Sidney

foi morto em confronto com a polícia. Eu cursava o primeiro ano de Geofísica quando a notícia estremeceu nosso bairro. Tentei relembrar aquela face mole de um espírito duro, mas só me vinha à memória um rosto oval sem traços; sobrancelhas, olhos, nariz, boca, tudo dissipado. A família o sepultou em outra cidade. Na placa de fotografias da nossa turma colegial, a dele foi a única que esmaeceu completamente. Que triste ser apagado da História!

Voltando à epifania do fogo, após a saída dos cinco convidados, solicitei ajuda de minha mãe para escrever uma carta em espanhol. Minha avó materna, falecida três anos antes, fora professora de inglês e espanhol e minha mãe aprendera os dois idiomas. Ditei o teor da carta e mamãe aperfeiçoou o conteúdo. Ao final, rosto tal qual lago sereníssimo, não obstante os muitos açoites do tempo e do vento, ela indagou: “Tem certeza disso, querido?” Sim, mamãe! Infelizmente tenho! “Sua missão começa oficialmente hoje!” Endereçada ao governo da Colômbia, à época, nunca soube se a carta chegara de fato, sendo solenemente ignorada em alguma gaveta da burocracia estatal, ou se fora extraviada. No dia 13 de novembro daquele ano, o vulcão *Nevalo del Ruiz* entrou em erupção, matando cerca de vinte e três mil pessoas e afetando catastróficamente doze cidades. Uma impressionante coluna de cinzas lançou setecentas mil toneladas de enxofre no ar, a neve derretida engrossou rios e estes provocaram inundações que... Meu Deus! Duzentos quilômetros quadrados ao pé do vulcão foram arrasados. No dia seguinte, quando vimos a notícia na televisão, eu e mamãe choramos abraçados. “Você tentou, querido!”

Mamãe usou a mesma frase sete anos depois, por ocasião de minha primeira decepção amorosa. A garota por quem me

apaixonara recusou meu amor. Preferiu se casar com o jovem açougueiro do bairro, filho de rico fazendeiro. “Isso de estudar para ter um bom emprego demora muito! Eu quero um homem para cuidar de mim agora!” Entendi que tais assertivas exigiam atender os desejos da moça-maravilha com presentes e mimos de alta qualidade, como de fato ela merecia. Todavia, naquele momento, eu fazia parte de uma classe média empobrecida. E a garantia da educação não convencera a amada. Em sua festa de debutante, o moço-açougueiro a agraciara com um kit daquela famosa marca de cosméticos e lingerie criada nos Estados Unidos. “O creme hidratante da VS já seria capaz de me puxar para o lado perfumado da força, o kit completo então...” Na ocasião, tendo ofertado um perfume nacional, entendi, de pronto, que o mimo escolhido nem desafiar o oponente luxuoso podia. Mamãe me confortou com aquela frase e jogou a pá de cal: “Se ela ama apenas o que o dinheiro pode comprar, definitivamente não é a mulher da sua vida”. Muito sábia minha genitora!

Mamãe demenciou aos 77 anos. Não esqueço aquele dia, quando a deixei em excelente casa de repouso, sob os cuidados de profissionais competentíssimos. Herdar bens não me era uma ideia confortável. Então vendi o casarão e paguei os dois primeiros anos da internação. E mudei para um pequeno apartamento próximo da universidade. Naqueles anos, visitei-a praticamente todos os dias. Eu empreendia grande esforço para não chorar em sua presença. Todavia, chegara minha vez de verter as tais lágrimas caladas e conformadas. Quando as notava, mamãe apenas ralhava: “Pare de chorar porque quebrou seu brinquedo! Quando puder, compro outro”. Então o choro se transformava em touro indomável.

Certa vez, ela mencionou: “Vou comprar um disco novo, já que você quebrou o antigo”. Não, mamãe, aquele disco é inquebrável! E continua comigo. Há oito meses que não a visito, mamãe. Que saudade! A mensagem mais recente do disco prateado, aliás, me obrigou a mudar para a cabana da floresta. A senhora amaria a paisagem. Um riacho de águas translúcidas corre ao lado. Meus dias flutuam ao som de pássaros cantantes.

O disco já me prevenira, desde os 13 anos, que o evento final chegaria, mas foi somente há cerca de um ano que a data exata foi revelada. Então escrevi a centenas de cientistas, explicitando o que chamei de tese. Entretanto, dentro de mim, agasalho a certeza de que acontecerá efetivamente. O disco prateado, enviado por uma civilização alienígena avançada, estava comissionado a avisar a humanidade. Quando me lembro de que fui o escolhido para recebê-lo, ainda garoto, tremo de pavor. A primeira mensagem que o disco me transmitiu foi que nós, humanos, não soubemos habitar adequadamente a nossa Casa. Agora temo que a última mensagem seja recebida como loucura. A julgar pelas respostas que recebi de alguns cientistas, receio ter fracassado na missão. Outrossim, e se for tarde demais? De todo modo, suspeito que minha fraca voz de Noé do Fogo não encontre repouso nos espíritos elevados de senhores e senhoras que fazem o mundo girar.

Que loucura! Escrevi para dizer que, segundo minha teoria, muito em breve a sexta extinção em massa estenderá seu manto flamejante sobre a Terra. Um ano atrás, o disco de prata me revelou a visão mais aterradora da minha vida. E também a mais assustadora em quarenta anos de posse do objeto extragaláctico. Setecentos e setenta e sete dias após aquela visão, todos os

milhares de vulcões do mundo, ativos ou adormecidos, entrarão em erupção ao mesmo tempo, durante três dias consecutivos. Pedras ardentes arremessadas aos quatro ventos; rochas derretidas escorrendo em rios apocalípticos; cinzas e gases tóxicos liberados na atmosfera; mudanças climáticas dramáticas em poucos dias... Ah, como gostaria que a visão fosse apenas imaginação fértil de roteirista hollywoodiano! Na mais otimista das hipóteses, noventa e cinco por cento de todas as espécies terrestres desaparecerão da Bola Azul. Talvez a vida se perpetue nos oceanos. Talvez.

Estas são as páginas finais do diário que escrevi para ser lido exclusivamente por espíritos jovens, por aqueles que não se deixam envelhecer ante as agruras do mundo. Lima Barreto, tecendo filosofias sobre um de seus personagens, diz que o mundo é governado por “uma casta de senhores, tratáveis uns, secos outros, mas todos velhos e indiferentes”. É o caso dos meus pares, respeitáveis cientistas do mundo, que deram as costas aos meus apelos, como se estes fossem os olhos da Medusa. Pensando bem, talvez sejam mesmo! Não obstante, os terríveis dias do fogo derreterão tanto o que se petrificou como também o que se recusou a olhar para a górgona. Aquelles três últimos dias da raça humana também darão um fim adequado a este texto. Meu nome é Galilei Castelanni, geofísico, professor universitário e representante dessa raça que degradou tanto certo planetinha da Via Láctea que este instigou-se a si mesmo a acionar todas as portas do mundo subterrâneo, convocando das entranhas profundas o magma que irá resetar a vida na Terra.

## NOITE DE ASSOMBRAÇÃO

Nix, a deusa da noite e dos segredos noturnos, desceu célere sobre Limoeiro do Norte, escurecendo o firmamento com seu manto preto coalhado de estrelas. Princípios da década de 1960. A energia da hidrelétrica de Paulo Afonso ainda não aportara no sertão profundo. A urbe jaguaribana, ou melhor, sua croa central era parcial e precariamente iluminada por um antigo gerador, mais fumacento que Caipora em noite fervilhante. Após as vinte e uma horas, sendo o motor desligado, a cidade mergulhava em denso breu que agradava deveras a Nix. Quem tinha juízo se recolhia a casa. Então, a lamparina reinava no sertão com sua pálida dançarina do ventre. Rainha que enxotava a escuridão, mas somente a poucos metros do nariz, a chama lamparinesca tremulava ao sabor da brisa Aracati. Como criança travessa, o vento noturno invadia casas, extinguiu a flama e tocava o terror nos humanos medrosos.

Por volta da meia-noite, a população acordou estremeçada com o insistente badalar do sino da catedral. Ouvi de um idoso que o sineiro que o fabricou, em Portugal, esmerou-se demasiadamente nesse trabalho. Quando o finalizou, sua alma saiu do corpo e se prendeu ao sino. O homem teria dado sua vida para confeccionar o mais belo sino do mundo. E que agora vibrava sozinho na torre da igreja sertaneja, em plena madrugada. Acredito que, àquela época, isso que chamarei de lenda ainda não existia. Por ora, ouvidos e espíritos estremeçados. “Que é isso, Deus dos vivos e dos mortos?” Ainda sonolentos, homens reacenderam lamparinas e correram ao patamar da igreja. Mulheres ficaram em casa, rezando diante de

oratórios, enquanto os maridos averiguavam que marmota era essa que levava o sacristão a tocar o sino àquela hora imperturbável. Na verdade, não foram as mãos do sacristão que ferira o sino antigo. Ele mesmo acordou assombrado com a barulheira que costumava produzir. Jesus Sacramentado, livrai-nos do maligno que se oculta nas sombras da noite!

A igreja cerrada sob a luz do luar. E o sino insistentemente batendo seus pesados e dramáticos repiques, arrepiando a espinha daqueles que chegavam no patamar. Uma alma penada badala o sino da igreja, gritou alguém se tremendo todo. Coração Sereníssimo de Jesus, velai pelas almas que não subiram nem desceram! Mandaram chamar o sacristão, que chegou sobressaltado, assustadíssimo. Passaram-lhe uma lamparina que possuía uma proteção contra o vento. Trêmulo em demasia, quase não conseguiu inserir a chave na fechadura da grande porta da igreja. Finalmente, conseguiu abrir. Somente uma tímida fresta entre o lado de cá, claridade pálida de uma chama, e o lado de lá, escuridão densa do interior da igreja. “Só entro lá se alguém for comigo.”

Dois valentes rapazes se prontificaram a subir a torre da igreja, acompanhando o assombrado sacristão. Quando começam a subir a escada, o sino repentinamente silencia. Almas penadas em clamores noturnos gostam de ser importunadas? Um arrepio à Edgar Allan Poe percorreu a pequena multidão que se aglomerava no patamar da igreja, que mantinha, a custo, as lamparinas acesas. Mulheres por fim chegaram, vencido o terror de ficarem em casa enquanto as bases do mundo davam sinais de estremecimento. Terços nas mãos frias e trêmulas, vozes roucas feridas pelo frio da madrugada sertaneja. “Ave-Maria cheia de graça, o Senhor é convosco, bendito é o fruto...”

Tendo finalizado o lento périplo, degrau após degrau, os três investigadores despontaram no topo da torre. Examinaram o sino, aproximando a lamparina. Nada de anormal encontraram. Não havia ninguém escondido puxando o badalo, como sugerira um Sherlock Holmes sertanejo. Gritaram para a multidão em transe, que aguardava ansiosa um veredito: “Não tem ninguém aqui! Vamos voltar!” Começaram a descer a escada em caracol. Quando estavam quase na metade, o sino voltou a badalar, com se uma mão invisível, certamente não a de Adam Smith, estivesse rindo dos mortais.

Apavorados, temendo que a alma penada desferisse sua ira mortal sobre eles, os três homens viraram uma massa só, descendo, ou melhor, rolando a escada aos embolões. O sacristão assomou à porta da igreja, arranhões nos braços, corpo transformado em vara verde durante um temporal. “Não tem ninguém na torre, o sino está tocando sozinho!” Algumas mulheres começaram a chorar; outras a rezar mais alto e com mais insistente fervor. Murmúrios varrendo a multidão como redemoinho quente da caatinga. “É o fim do mundo! Oh, Deus, perdoa nossos pecados! É o sinal dos tempos, o mundo não passa desta noite! Santo Senhor, livra-nos do inferno! Isso é coisa do outro mundo! Tenha misericórdia, oh grande Criador! Alguma alma penada não conseguiu subir ou descer! Foi o trabalhador que caiu da torre quando a igreja estava sendo construída! Cadê o senhor vigário quando mais precisamos dele?”

E haja reza, e haja clamor! Então o sino cessou sua portentosa agonia fora de hora. Pessoas chegavam ainda, atraídas pelo furdução. Uma mulher, clamando em altos brados, pedia a Deus misericórdia. Um garoto de olhar travesso, escondendo as mãos nos bolsos, ares de quem acabara de mexer no eixo do mundo, escorregava em

meio à multidão. Como o sino cessara, as devotas acreditaram que as rezas surtiram efeito. “A alma penada se retirara, ao menos por enquanto.” Durante muitos anos, a população de Limoeiro acreditou que um espírito que nem subira nem descera morava na torre da catedral. Quando lhe dava na veneta, bulia no sino e assombrava os que ainda cá estavam, aterrados, em expectativa ante aquela fresta para a outra dimensão.

O segredo daquela noite só seria revelado anos depois. Aquele garoto de olhar travesso, deslizante entre a multidão assombrada, confessaria. Fora ele que amarrara um fio de nylon, dessas linhas de pescador, no badalo do sino e prendera a outra ponta numa árvore próxima à igreja. Naquela noite, tendo escalado a árvore, ficando na surdina, puxara o fio em todas as vezes que o sino gemera. Não era alma penada que nem subira nem descera, era simplesmente presepada de menino inteligente e inquieto. Na falta de um fato extraordinário para sacudir a mesmice da pequena cidade, o garoto de mãos nos bolsos resolvera ele mesmo forjar o acontecimento, abalando então o sertão de povo bom e crédulo.

Para Nelson Faheina, o verdadeiro garoto que escorrega entre a multidão apavorada.



**LUIZ  
CLÁUDIO  
BRANDÃO  
GOMES**





## **CAMARADA NIETZSCHE**

Quantas vezes você  
Falou de Deus  
Mesmo sem religião  
Jogou luz na escuridão

Quantas vezes você  
Rompeu padrões  
Contra a uniformização  
Disse não à perfeição

Camarada Nietzsche  
Camarada Nietzsche  
Camarada Nietzsche  
Camarada Nietzsche  
O bem existe?  
Quantas vezes você  
Contestou Platão  
Indo na contramão  
Deu voz ao coração

Quantas vezes você  
Se opôs a alienação  
Mesmo na solidão  
Fez da vida revolução

Camarada Nietzsche

Camarada Nietzsche

Camarada Nietzsche

Camarada Nietzsche

O mal existe?

Agora eu sei o que é alienação

Agora eu sei o que é alienação

Camarada Nietzsche

Camarada Nietzsche

O amor existe?

## **FREUD, A PESTE**

A peste chegou com um grito  
Dizendo que não ia mais calar  
Provou que o telhado é de vidro  
Mostrou tudo o que estava lá  
Deu voz ao que era gemido  
Abriu a porta e não quer mais fechar

O mal-estar não está mais escondido  
Sentou bem na sala de estar  
Chorou bem fundo como um rio  
Que de noite dá até pra navegar  
Mas que de dia se esconde no vício  
Dois lados que não dá mais pra negar

O Édipo ditou o rito  
Pai, mãe, filho, eternos rivais  
Amor e ódio são infinitos  
Mestres onde querem estar  
Nem cantando todos os benditos  
De nada vai adiantar

O cio, o arrepio, o suplício  
Freud ensinou a contar  
Tirou a roupa do bispo  
Deu para quem não quer rezar  
Abriu a porta do hospício  
E quem tá fora mandou entrar...  
(vai desejo sem medo e traz o meu bem-estar)

## RESPOSTA AO TEMPO

*Resposta ao Tempo* é uma canção composta por Aldir Blanc, musicada por Cristóvão Bastos e interpretada pela Nana Caymmi. O feliz estranhamento que essa música me causou e que até hoje permanece martelando em minhas lembranças, fala do tema “o tempo” como nunca tinha ouvido falar antes. O tempo tão instigador e desafiador para o ser humano. Quando ouvi a música “Oração ao tempo”, composta pelo Caetano Veloso, apesar de ser também belíssima, não me trouxe o espanto que me veio ao ouvir a música “Resposta ao tempo”.

Realço que o tema “tempo” para mim sempre era relativizado ou então embrulhado poeticamente em palavras, contudo como escreveu o poeta Aldir Blanc foi magnético e, ao mesmo tempo, profundo.

Lembro, por fim, que a partir dali a composição musical adquiriu um patamar muito próprio para mim. Como expressar emoção, surpresa, melodia, ritmo e poesia tudo junto? O poeta e o músico tinham conseguido. Quanto fôlego com as palavras!

## **OLHAR PARA OUTRA MULHER**

Na vida, vivenciamos as mais inimagináveis experiências e situações que nem o mais engenhoso criador se atreveria em prever as variedades e espécies de experiências que temos ao longo de uma simples hora, imagina numa vida. Dessas vivências algumas se fixam em nossa memória como chiclete no pé, ou para ser mais preciso – se isso é possível nesse tema – como uma luzinha que nunca se apaga em nosso cérebro e que, quando menos esperamos ela pisca nos levando de volta para à cena do ocorrido e, pelo menos em mim, gera uma vontade natural de passar para a frente as nuances da história ou do acontecimento.

A vivência em questão ocorreu em uma audiência de conciliação que participei como servidor do Poder Judiciário, quando atuava numa Comarca do interior do Estado, quando, após a nomeação, fui lotado para exercer minhas atribuições. A cidade do interior é conhecida pelo clima de religiosidade no ar por conta da devoção a um santo católico que, segundo os fiéis, atende os pedidos de milagres de seus devotos, milagres dos mais variados aspectos e peculiaridades. Porém, após uma observação mais detida, muito ligados a problemas de saúde, uma perna que ficou enferma, uma dor de cabeça que nunca passa, um problema no pulmão, dentre outras enfermidades semelhantes. A cidade agradece a visita de inúmerosromeiros que chegam lá para o pagamento dos milagres e, nessas viagens, deixam recursos no município.

Não é raro, ao andar pelas ruas da cidade, encontrarmos devotos pagando promessas, subindo ao monte onde fica uma

igrejinha pequena. Durante a subida, existem imagens da Via Crucis, caminho que Jesus percorreu até chegar ao Monte Calvário. Contudo, em que pese a cidade ser marcadamente religiosa pela devoção ao santo católico e seus milagres, a vivência que se instalou em minha memória não contém personagens católicos, mas fiéis de uma outra religião ou igreja mais específica. Não lembro o nome da igreja, mas com certeza era uma igreja de orientação evangélica, ou melhor dizendo protestante. O acontecido, de qualquer forma, ganhou essa importância em minhas lembranças talvez por esse contexto religioso tão marcante e tão singular.

Como era comum, chegava ao Fórum muito cedo para organizar as audiências de conciliação dos Juizados Especiais, causas de menor de valor. Tarefa essa designada pelo magistrado da Vara a qual eu era lotado. Chegada a hora da primeira audiência, fiz o pregão, ou seja, o chamado das partes do processo pelos nomes, a fim de conferir o comparecimento ou não para a audiência designada. Porém, ao iniciar o primeiro pregão, percebi, num canto perto da porta da sala de audiências, uma senhora jovem, muito bem-vestida e de cabelos esvoaçantes. Do outro lado, um havia um casal, ele e ela mais idosos, e de trajes mais simples. A senhora que estava sozinha era a promovida e o casal, os promoventes da ação. A questão tratava de um suposto muro que a senhora elegante teria construído para separar as casas, já que era vizinha do casal. O muro, segundo os promoventes, teria sido construído pegando uma parte do terreno deles.

O fato é que, atendendo ao pregão, as partes adentraram à sala de audiência e lá se sentaram, à espera do início da aguardada audiência. Sentados todos, um fato curioso se evidenciou. Percebi

que o senhor que estava com a esposa, a parte promovente, ficava olhando somente para o teto da sala. A cena não parecia normal ou usual. A audiência teve seu início com as palavras que explicam seu objetivo e, depois, foi dada a palavra aos promoventes, ao casal. Contudo, a senhora que estava com o marido começou a descrever o ocorrido que gerou o conflito e, por consequências, o processo em questão. Durante a fala da senhora sobre a questão debatida, observei que em nenhum momento seu esposo deixou de olhar para o teto da sala de audiências. Num primeiro momento, aquela cena me incomodou. No entanto, sem querer perguntar pelo comportamento do esposo da senhora, indaguei, numa espécie de esforço para entender o que aquilo significava, se o senhor não queria complementar o que sua esposa tinha exposto. A surpresa nesse momento foi quando a esposa, antes do próprio esposo responder, falou: — Não senhor, ele não vai falar! Ele veio só me acompanhar na audiência.

Sem querer polemizar a situação, dei seguimento à audiência, passando a palavra para a promovida. Esta, após uma longa explicação, afirmou que nenhuma parte do terreno dos promoventes tinha sido tomada. O interessante é que, mesmo ouvindo toda a explicação da senhora promovida no processo, não deixei de perceber o esposo da senhora promovida continuava olhando para o teto da sala. Terminada a fala da promovida, não tive como me segurar e indaguei diretamente ao senhor: — Senhor, poderia me explicar por que, desde que entrou na sala de audiências, o senhor está com o olhar fixo para o teto? O homem baixou a cabeça olhado para o chão e disse em voz calma e solene: — Doutor, faço parte de uma religião que não permite que eu olhe para outra mulher senão

a minha. O que na mesma hora foi confirmada por sua esposa. — Sim, senhor. Respeitamos e obedecemos às regras de nossa igreja, doutor. E a sessão continuou, e até o fim aquele senhor, após voltar a olhar para o teto da sala, assim permaneceu até a saída das partes, para que se iniciasse a próxima sessão.

## A PROMOÇÃO

Joaquim e Elói trabalhavam para um empresário do ramo do comércio. O negócio estava prosperando e o empresário, Sr. Assis, precisava promover um dos dois empregados para responder por ele – tomar conta do seu comércio – quando ele fosse viajar para comprar mais mercadoria.

Em dúvida sobre qual empregado promover ao posto de mais responsabilidade e, conseqüentemente, com um salário maior, resolveu fazer um teste que lhe veio à cabeça. Dependendo da resposta de cada um, ele promoveria ao tal posto.

Chegou cedo, entrou em seu pequeno escritório, e chamou Joaquim, mandou-o entrar, fechar a porta e depois se sentar. E então disse:

— Joaquim, amanheci com um desejo estranho. Estou querendo muito comer uma goiabada com pão. Vou te dar 20 reais. Você poderia ir ver se encontra para mim?

Joaquim, prontamente, disse:

— Claro! Vou agora. E saiu com o dinheiro.

Sendo que, importante relatar aqui, o Sr. Assis, um dia antes, foi nos quatro comércios que ficavam no bairro e pediu para os donos não venderem goiabada, mas só doce de banana.

Joaquim, após ir aos quatro estabelecimentos, voltou ao comércio do patrão, entrou na sala e disse:

— Patrão, eu fui em todo lugar e não tinha goiabada. Tá aqui o dinheiro bem certinho do senhor. Eu fui em todos, infelizmente, não tinha mesmo.

Sr. Assis, tranquilamente, disse:

— Muito obrigado, Joaquim. Muito obrigado.

Uma hora depois, Sr. Assis, chama Elói e repete o mesmo ritual, após o empregado fechar a porta e se sentar na cadeira de frente para o patrão. Este faz o mesmo pedido feito ao Joaquim. Elói sai com os 20 reais.

Uma hora depois, Elói, adentra à sala do patrão e, após pedir licença para se sentar, diz:

— Sr. Assis, eu não achei goiabada! Fui em todos os comércios. Não sei se o senhor vai gostar, mas como não tinha, eu trouxe um doce de banana. Está aqui o troco bem certinho.

Sr. Assis, novamente, de modo tranquilo, responde:

— Tudo bem, Sr. Elói! Sou muito grato. Muito grato. Pode ir.

No dia seguinte, o Sr. Assis chama o Sr. Elói e informa sobre a promoção e seu novo posto em sua empresa.

## **EU VI NA TV**

O publicitário Oliviero Toscani, criador das polêmicas campanhas da marca *Benetton*, em seu livro *A publicidade é um cadáver que nos sorri* afirma que uma prova da preocupante alienação provocada pela mídia é a frase: “É verdade, eu vi na TV”.

Essa foi a frase que Luciana, secretária do lar, uma senhora de 45 anos, deu à dona Marta, sua patroa, ao final de um diálogo, quando essa logo chegou em casa, após um dia de trabalho em seu escritório de advocacia, no centro da cidade.

A frase parece muito comum a todos nós, hoje até substituída ou atualizada, por esta outra: “É verdade, eu vi na internet”. O ser humano, hoje, tende a acreditar mais no que vê e escuta nas redes sociais do que em fatos que eles mesmos tenham vivenciado ou pensado de forma crítica, numa lógica que explica, talvez, uma facilidade enganosa.

Dona Marta chegou em seu apartamento por volta das 19 horas, após passar o dia trabalhando. Tão logo colocou os pés em seu lar, foi chamada por Luciana, que lhe recebeu à porta, parando suas atividades de faxina. Passou a lhe contar o que tinha ocorrido na parte da tarde, enquanto trabalhava. Sem respirar direito, contou que, quando estava passando o pano de chão, em torno de 15 horas, ouviu um grande barulho na parte de fora do prédio. Correu para a janela para olhar e entender o que tinha havido. Viu lá embaixo, na rua que passa em frente ao prédio, uma movimentação em torno de dois carros. Disse:

— Dona Marta, eu sei que o apartamento fica no 15º andar, mas eu vi umas cenas tristes. Um carro de cor verde tinha colidido

com outro carro de cor vermelha. Do carro verde, saíram duas pessoas diretamente para uma ambulância que estava próxima do sinistro. A ambulância saiu apitando a sirene em alta velocidade. E que não viu ninguém sair do carro vermelho, apesar do veículo parecer bastante amassado. Disse, ainda:

— Dona Marta, vi duas equipes de TV, pois tinham homens com câmaras de filmagens e repórteres fazendo entrevistas com os transeuntes. Fiquei nervosa, Dona Marta, mas depois voltei a realizar meu trabalho, inclusive, o jantar da senhora.

Ao ouvir de forma paciente todo o relato de Luciana, Dona Marta apenas disse que ela ficasse calma e que depois conversaria mais sobre o ocorrido, como que despistando do assunto. Avisou em seguida que ia tomar banho para poder jantar. Luciana voltou às suas tarefas.

Após tomar banho e já mais descansada, Dona Marta volta para a sala de jantar e se senta à mesa, para aguardar os preparativos do jantar. Nesse ínterim, liga a TV, quando, quase de forma sincronizada, na TV um apresentador do programa CETV, de notícias locais, principalmente da cidade de Fortaleza, anuncia de forma incisiva que a reportagem seguinte seria sobre “Acidente de carros deixa dois feridos graves na Rua Olavo Bilac, no bairro Aldeota”.

Como algo automático, Dona Marta olhou para Luciana, numa espécie de lógica entre o que ela a tinha contado e o que iria aparecer no noticiário. Nesse momento, percebeu Luciana ficar meio inquieta, e em voz amena indaga a empregada:

— Luciana, o que foi? O que aconteceu? Percebi que você ficou diferente ao ouvir a notícia do acidente entre veículos. É pelo fato de você ter visto? Esse acidente da notícia foi o que você me narrou. Venha sentar comigo para assistirmos juntas?

Luciana, agradecida pelo convite, parou o que estava fazendo, e sentou-se no sofá com sua patroa. Assistiram a reportagem caladas. Luciana não tirou um segundo os olhos da tela. Terminada a reportagem sobre a colisão na rua do prédio, Luciana, de forma inesperada, olhou para sua patroa com os olhos arregalados e disse, sem pensar:

— Dona Marta, me perdoe! Eu errei quando contei a história do acidente lá embaixo. Eu disse para a senhora que as cores dos carros eram azul e vermelho, mas vi na reportagem que eram verde e roxo. Meu Deus! Me desculpe! Não tive a intenção de mentir!

Dona Marta, olhando a agonia de sua secretária, tentou acalmá-la e disse:

— Calma, Luciana, calma! Deixe-me explicar uma coisa. Na TV, as cores mudam. Por exemplo, o vermelho fica roxo, o azul fica verde, tudo depende da lente da câmara, da edição feita, etc.

Luciana, como se tivesse tirado o globo do mundo de suas costas, relaxa e diz:

— Obrigado, Dona Marta! Muito obrigado por entender que eu não queria mentir. Eu nunca mentiria para a senhora.

## O RIO DA PREGUIÇA

Ao parar para escrever um conto sobre uma lembrança da infância, o que me veio de imediato e aí não saberia explicar o porquê, foi o episódio de um banho de rio com coleguinhas da escola, quando tinha aproximadamente sete anos de idade. Não recordo bem a série que cursava, mas lembro bem do professor e também de alguns coleguinhas, todos na mesma faixa etária que a minha. Não lembro de quem foi a ideia de levar os alunos para conhecer e tomar banho no rio da minha cidade, Maranguape, localizada na região metropolitana de Fortaleza. Mas o rio, apesar do tempo transcorrido, e quanto tempo, lembro com detalhes não só visuais, mas de imagens misturadas com sensações que ainda hoje permanecem vivas e coloridas, como à época, ou melhor, desde que o conheci ainda menino. É fato que na época ele era bem maior que o tamanho que tem hoje, aliás, quase nem existe mais, pois em seu leito foi construída uma estrada que faz o acesso entre o centro da cidade e o bairro do cemitério, bairro em que residia.

Em minha memória, o leito do rio era vigiado por plantas pequenas e mais a fundo por bananeiral. Essas plantinhas brotavam flores amarelas que, com a luz do sol, compunha um quadro incrivelmente natural e bucólico. Enche-me o peito a sensação indescritível que sentia à época e que volta hoje, não só na minha mente, mas em todo o meu ser. Pois bem, o professor depois de organizar os alunos, levou-nos até o rio e após fazer uma breve fala sobre sua história, liberou-nos para tomar banho. Dessa breve história sobre o rio lembro bem do seu nome: o Rio da Preguiça.

Sem dar muita importância à aula do professor na ribeira do rio, lembro que logo passei a tirar a minha farda e a ficar com um calção de banho premeditadamente planejado. Recordo-me, nesse momento, do frio que a água impactou em todo o meu corpo e uma sensação de cores e emoções que até hoje ressurgem em minhas emoções de forma avassaladora. O professor tinha combinado de levar-nos para conhecer, *in loco*, o rio da cidade. Como disse, não permanecem na minha memória as demais informações prestadas pelo professor sobre o rio, mas de todo modo o rio e sua extensão são tão reais como o mundo real ao meu redor.

Não posso dizer que sou um sujeito de boa memória, pois sou de esquecer situações vivenciadas bem recentes, mas aquele evento, o banho no Rio da Preguiça, quando ainda criança, persiste em mim de forma quase perfeita. Na água, todos nós, menos o professor, no total de nove alunos, fizemos várias brincadeiras, seja mergulhando, gritando, falando e saindo e pulando de novo no rio quase como só para ouvir o barulho do corpo na água e as mil sensações sentidas. Lembro bem dos olhos do professor, sentado à margem do rio, vigiando-nos de forma atenta, porém alternando seus olhares fixos com anotações a lápis em um caderno. Nunca soube o que ele anotava ali.

Após algum tempo, vem-me então uma cena marcante: o professor levantando-se da posição em que estava sentado numa pedra à beira do rio, com um olhar preocupado. Lembro de suas palavras firmes e em volume muito alto: Gente, cadê o Joaquim? Joaquim era um coleguinha de sala, muito esperto e de olhar agudamente vivaz. Uma criança que não parava quieto, porém muito organizado com seus materiais de classe e sempre

arrumadinho quando chegava à escola levado por sua mãe. A cena do professor chamando o nome do Joaquim me fez tentar entender a situação. E vi que o professor continuava com seus chamados em tom alto: Joaquim, Joaquim. Alguém viu o Joaquim? Alguém viu o Joaquim? E andando de lá pra cá. Depois de fazer o chamado pelo Joaquim e sem nada acontecer, ou melhor, sem o Joaquim aparecer, o professor pediu para todos saírem do rio e se vestirem. Cada coleguinha que saía do rio, o professor novamente perguntava: Você viu o Joaquim saindo do rio? Qual foi a última vez que você viu o Joaquim? Lembro que, assustado, prestei atenção nas respostas dos alunos e todos respondiam com palavras como: não sei, professor, não lembro, não vi, inclusive, essas foram minhas respostas também.

À medida que o tempo passava, percebia uma aflição atingir o rosto e o olhar do professor. Era fato que o Joaquim não estava entre os coleguinhas que estavam no rio, apesar de ter entrado com eles para tomar banho e brincar nas águas do rio. Já enxuto, como os demais coleguinhas, vestido de farda novamente, olhei para aquela cena sem saber bem o que dizer ou fazer, mas lembro muito de querer entender todo o contexto da situação.

Após momentos de inteira apreensão e agonia, lembro do professor olhando para uma das margens do rio e gritar: Joaquim, Joaquim, você estava onde? Venha para cá! Ao olhar para a margem do rio, vi Joaquim saindo de dentro de um bananeiral com uma cara de quem não entendia os gritos do professor ao chamar seu nome e gritar perguntas. Da margem, dando passos como se fosse pular para dentro do rio, Joaquim respondeu, em voz assustada: Eu fui fazer xixi ali no mato!!! Eu fui fazer xixi no

mato, professor! E sem entender totalmente a situação, pulou dentro do rio e começou a fazer brincadeiras na água. O professor foi se aproximando do local onde Joaquim tinha pulado e disse: “Saia do rio, Joaquim. Venha para cá! Já vamos embora”.

Agora, por mais esforço que faça, não consigo lembrar o que se sucedeu após Joaquim sair do rio, enxugar-se e se vestir. Todos nós voltarmos para a escola. A cena que se fixou em minha memória foi somente a do professor explicando, no caminho, para todos nós, que o que o Joaquim tinha feito não foi certo, pois sair do rio e não avisar aos colegas e nem ao professor causou uma situação preocupante. Porém, a atitude de não fazer xixi dentro do rio tinha sido nobre e bonita, pois demonstrou a preocupação em não prejudicar a natureza, no caso, o rio, com xixi. Tinha sido uma atitude de respeito e de preservação do rio. Lembro de ele afirmar que muitas pessoas, mesmo adultos, fazem xixi não só nos rios quando tomam banho, mas no mar, nas piscinas, demonstrando um desrespeito à natureza e ao outro. A impressão que ficou é que o Joaquim não se deixou abalar pela palavra do professor ou mesmo pelo comportamento de seus colegas, e continuou aquele garoto esperto e vivaz que era.



**MÉRCIA  
CARDOSO  
DE SOUZA**





## ESTUDANTE EM HAIA

Certa vez, uma estudante universitária sonhou que passaria uma temporada na Europa. Sim, ela sempre sonhava com isso, mesmo em meio a comentários de que nunca conseguiria. A estudante era nordestina, cearense, com poucos recursos e foi estudar no Sudeste do Brasil. A jovem moça teve uma infância desafiadora, pois era de família pobre, filha de uma costureira e dona de casa e de um funcionário público. A mãe pouco estudou no colégio, pois é da época em que as meninas eram colocadas para aprender a ler e escrever. Já o pai, concluiu o antigo segundo grau depois de casado, com filhos e já experiente.

Retornando ao sonho da jovem moça, ela logrou êxito quando se dedicou a estudar a área que mais amava, Direito Internacional, então oferecido por uma das instituições mais notáveis no mundo. Ela viajou com medo. Seu trajeto Belo Horizonte – Valência – Amsterdã – Haia. De que tanto tinha medo? Talvez medo do novo, da mudança de hábitos. Algo semelhante ao que acontece no livro *O Estrangeiro*, de Albert Camus, que a estudante leu no curso de Francês que fez há cerca de 8 anos. Certa vez, uma amiga das Minas Gerais para encorajar a jovem indicou que ouvisse a música *Miedo*, de Julieta Venegas e Lelene.

Ao chegar em Valência, encontrou uma velha amiga, porém foi um contato desagradável, pois inexplicavelmente, a amiga foi ríspida. Logo após, voou para Amsterdã. Quando lá chegou, tomou um trem para Haia, sede do Tribunal Internacional de Crimes de Guerra. Durante a viagem, um trecho particularmente

assustador foi quando decolou em um pequeno avião que quando mais subia, mais tremia!

Ao chegar ao hostel, em Amsterdã, a jovem conheceu uma brasileira. No dia seguinte, passeariam juntas e conheceram a fábrica da cerveja Heineken. A visita tinha o nome de *Heineken Experience*. Uma visita guiada na qual as duas seções finais eram de alta periculosidade, para usar um jargão jurídico que representa meu nervosismo ao relembrar o episódio. A penúltima seção tinha por fim embriagar os deslumbrados turistas para que, ao chegarem à última, adquirissem tudo, e mais um pouco, dentre um mundo de bugigangas, pois se tratava de uma loja de lembranças.

No dia seguinte, a estudante seguiu de trem para Haia. Aquele trem era muito chique. Lá dentro, as pessoas não atiravam pedras nos trens que cruzavam em sentido contrário, como a jovem tantas vezes presenciara no Brasil. A estudante ficou apaixonada pela cidade de Haia, onde foi muito bem recebida pela *host motter*. Seu nome era Christine e morava na rua *Oude Molstraat*, próximo do *Vapiano*, um restaurante especializado em massas.

Ficou encantada com o seu destino. Lá aprofundaria seus estudos e pesquisas, conheceria novos colegas estrangeiros e brasileiros, e também entraria em contato com professores renomados da área de Direito Internacional. Foi bem recepcionada na maior instituição de Direito Internacional do mundo. Embora tenha passado por um momento inicial de estranhamento, logo se adaptou à rotina e à nova cidade que, por sinal é repleta de tulipas. Conheceu autores e autoras dos livros que costumava ler e ficou amiga de um deles, considerado uma sumidade nas áreas de Direito Internacional e Direitos Humanos, e Juiz Internacional durante anos.

Chegando à biblioteca, lá chamada de *Library*, a jovem estudante ficou encantadíssima e, resolveu passar alguns dias coletando materiais para suas pesquisas. Ficou apaixonada pelo Palácio da Paz (*Peace Palace* ou *Vredeispalais*), onde há um lindo jardim no qual ela costumava lanchar sentada num banco muito bonito.

Uma colega de curso, a Carolina, disse ter ficado perplexa, pois chegou à *Library* e fez um convite à jovem. Afrodite, vamos visitar algumas cortes internacionais? A jovem respondeu: Infelizmente não posso, pois tenho que coletar o máximo de arquivos para a conclusão da minha pesquisa de mestrado e de outros estudos que pretendo avançar.

Nas horas vagas, a jovem estudante gostava de passear por Amsterdã, com seus colegas, conhecendo bares e museus. Também passeava por parques e visitava cortes internacionais. Conheceu até uma praia muito gelada chamada de *Chevening*, onde costumava acontecer festas nas madrugadas para os estudantes do curso de Direito Internacional, não obstante a temperatura baixa de 4°C. Como se sabe, universitários se consideram imortais como todos os jovens do mundo.

## MITOLOGIA

No século XXI, ocorreu o primeiro conflito armado entre o grupo H e as forças de segurança de um país, Amandaje. Em meio ao fogo cruzado ocorrido próximo daquela pequena faixa de terras, onde milhares de seres humanos foram vítimas, surgiu nas nuvens celestiais a imagem de uma mulher chamada Métis. A deusa era conhecida por oferecer conselhos ao seu povo, no tocante a temas como guerra, poesia, conflitos etc., foi invocada pelo povo vitimado, que não sabia qual atitude tomar diante daquele genocídio cometido pelas forças de segurança de Amandaje.

Uma jovem poetisa perguntou à Métis: Minha Deusa, o que devo fazer juntamente com o meu povo, que vem sofrendo há décadas, com violações de direitos humanos, sem território, sem condições de uma vida digna? A sábia mulher, respondeu-lhe: Heba, mantenha a calma! Sei que é um pedido difícil de ser atendido. Porém, rogo-lhe que fique calma junto com seu povo. Esse conflito por território e poder findará em breve e os Deuses e Deusas iluminarão o chefe da segurança do país para que cesse o conflito. As nações de todo o mundo estão observando atentamente vosso sofrimento desde a década de 50 do século XX. Uma atitude será tomada em prol da humanidade antes que vosso povo seja dizimado.

Heba, a jovem poetisa, retrucou à sua conselheira: Mas, Senhora, com o que vem ocorrendo nos últimos 15 dias, não temos tanta esperança! São bombardeios que ocorrem durante dias e noites, milhares de mulheres, homens, crianças, idosos estão sendo vítimas desse conflito que ocorre na busca de território. É o capitalismo

selvagem! A sábia mulher, disse-lhe que faria uma intervenção junto ao chefe das forças de segurança do país, conscientizando-o de que ele estaria cometendo genocídio.

Pois bem, Métis dirigiu-se ao chefe do Estado violador e fez-lhe um pedido: que determinasse o cessar-fogo ao chefe das forças de segurança. O chefe do Estado disse-lhe que queria uma tarefa sua em contrapartida. Métis deveria fazer com que ele concebesse um filho para ser mais um soldado para aumentar o grupo das forças de segurança do país violador de direitos humanos. Métis aceitou seu pedido.

O chefe do Estado de Amandaje deu a ordem para que as forças de segurança suspendessem os ataques aéreos e terrestres por um mês. Métis fez com que o chefe do país concebesse um ser humano, sendo que não seria um menino, mas uma menina. Então, antes que o chefe do país desse a luz à menina, Métis providenciou equipamentos, como armas e armaduras, para que a menina renascesse na cabeça do chefe do país, e pudesse se tornar uma lutadora contra as violações de direitos humanos que têm ocorrido no mundo.

## LEMBRANÇAS DA MINHA INFÂNCIA

Nos anos 80 do século XX, numa tarde de quarta-feira, a menina viajou com seu pai para a cidade de Cedro, onde passaria as férias com seus avós e tios. Após 8 horas de viagem, a menina e seu pai Nonato chegaram à rodoviária da cidade de destino, onde estavam sendo aguardados pelo tio Afonso, que foi recebê-los e levá-los para a localidade de nome Nogueira, um pouco afastada do Centro de Cedro. Lá, a menina foi recebida com carinho pelos avós, Anunciada e Júlio.

A casa era grande, dentro de uma área imensa, com varanda, onde redes ficavam armadas o tempo todo, vários quartos, uma cozinha, uma sala de jantar e um espaço grande na frente, um quintal espaçoso. Bem próximo da casa tinha um açude, onde todos tomavam banho de vez em quando.

Todas as manhãs, a avó tirava leite da vaca e dava para a menina tomar para ficar forte e saudável.

Certa vez, seu pai convidou a menina para irem pescar. Minha filha, vamos para a pescaria no açude? A menina respondeu: Claro, papai! Obaaa...vamos pescar! Naquela manhã a menina se divertiu bastante na pescaria. Ela pescou um peixe grande. Disse ao seu pai: Papai, veja o que pesquei! É nosso almoço! O pai disse: Minha neguinha, parabéns!

A menina resolveu mergulhar no açude, porém não se agradou, pois, a superfície onde pôs os pés era muito lisa, escorregadia. Após a pescaria, o pai e a menina retornaram para a casa no Nogueira.

A avó da menina ficou feliz e orgulhosa, pois sua neta havia pescado um peixe grande, que seria preparado para o almoço. Avós, pai, tios e a menina almoçaram todos muito felizes. Excelente momento de descontração. Depois do almoço, era costume tirarem um cochilo. Foi após o tal cochilo que a menina começou a sentir saudades de sua mãe Teodora, o que ocasionou muita tristeza e melancolia.

À noite teve o jantar com os familiares e, ao ir dormir, a menina não mais aguentou a saudade de sua mãe e passou a chorar copiosamente. A avó tentava agradar a menina como podia. Oferecia-lhe milho. Havia um moinho para o preparo do milho para fazer mingau, mugunzá, canjica e outras iguarias do sertão nordestino. A avó continuava a tentar agradar a neta com os quitutes. Minha filha, venha comer. A neta chorava copiosamente com saudades de sua mãe. Respondeu à avó: Não, vovó!

No dia seguinte, o pai da menina, já desanimado por conta da situação, resolveu ir à rodoviária comprar os bilhetes para retornarem para casa. Na manhã seguinte pai e filha partiram para a rodoviária para regressarem para casa. O trajeto durava 8 horas. Pois, lá pelas 23h pai e filha chegaram em casa, bem cansados. Mesmo em meio àquele cansaço enfadonho, a menina ficou muito feliz...a felicidade estava estampada em seu rosto. Assim ela partiu para abraçar a sua mãe, pois estava com muitas saudades.

## **MARIA DE JESUS, UMA GUERREIRA**

Maria de Jesus estava parada há mais de uma hora no ponto de ônibus/van. Estava cansada de esperar e, por isso, muito impaciente. Se a distância fosse menor, teria ido a pé. Contudo, ela morava a 25km da residência onde trabalhava. Afora esse detalhe, ela carregava três sacolas de plástico grandes com muitos alimentos que sobraram da festa de aniversário da filha de sua patroa. Pedacos do peru, do frango assado, duas garrafas de dois litros de refrigerantes, uma banda de bolo de chocolate, outra banda de bolo de ameixa e uma parte da torta de abacaxi.

Maria avistou o cambista de nome Oscar e resolveu apostar no jogo do bicho. Boa tarde, Sr. Oscar. Boa tarde, dona Maria de Jesus! Quero apostar 3 reais no Peru e 2 na Galinha. Feito, dona Maria. Muito obrigada, Sr. Oscar. Maria estava bastante animada pouco antes de sua chegada ao ponto de ônibus por conta das guloseimas que levaria para seus cinco filhos e sua mãe, que moravam consigo em Horizonte, sua terra natal. A mãe, apesar da idade avançada, 92 anos, era uma mulher ainda forte e saudável. Havia ensinado a filha as dificuldades da vida, notadamente por ser uma família de pessoas negras.

Maria tem 23 anos. Sim, a Maria de Jesus, quando ainda menina, aos 9 anos, abandonou a escola para trabalhar em casa de família e assim ajudar sua mãe. Os filhos são muito pequenos, crianças com 2, 3, 5, 7 e 9 anos. Uma escadinha! Maria é mãe solo, foi abandonada pelos dois pais das crianças. Um detalhe muito importante é que Maria fez questão de colocar todos na escola para

estudarem, pois não teve a mesma oportunidade. Por isso, trabalha como empregada doméstica na região da Aldeota.

Ela sai de casa às 5h da manhã para, às 7h, já chegar à casa de sua patroa. Retorna para casa às 17h, em ônibus lotados, só conseguindo chegar lá pelas 19h30 ou até mais tarde. Tem uma folga a cada 15 dias, geralmente aos domingos.

Maria tem uma história triste, vez que perdera dois irmãos assassinados por facções criminosas, e uma irmã, que emigrou para o Rio de Janeiro em busca de uma vida melhor. Entrou no mundo da prostituição, tendo sido morta por um cliente. Os criminosos não foram identificados. Enfim, como diz uma música: “A carne mais barata do mercado é a carne negra”. Apesar dessas perdas, Maria segue firme na sua vida, trabalhando para ajudar a mãe e seus cinco filhos. Ela é mulher de muita fé! Frequenta a igreja toda semana, aos sábados e domingos. Certa vez falou à sua mãe: Mamãe, não quero a mesma vida de dificuldade que tivemos para meus filhos. A mãe respondeu-lhe: Faz muito bem, Maria! Sempre matricule as crianças na escola, pois o melhor que pode oferecer a elas é a educação, para terminarem o ensino médio ou a faculdade e terem um bom emprego.

## TRAÇOS DA MOÇA QUE TINHA MEDO DE VOAR

A moça de nome Afrodite tinha seus 19 anos e morava numa cidade da chamada grande Fortaleza, na casa de seus pais. Afrodite gostava de viajar e deixava seus traços por onde passava. Embora nunca tivesse viajado para as capitais brasileiras ou para o estrangeiro, ela apreciava estudar línguas estrangeiras. Ninguém sabe por qual motivo, mas parece que a jovem sabia que um dia conheceria os tais lugares que estudava nos livros e fitas dos cursos. Ela estudou inglês, francês, espanhol e português, sua língua materna. Certa vez, uma colega de faculdade lhe disse o seguinte: Afrodite, para que você estuda línguas estrangeiras? Você nunca vai sair de sua cidade, situada no interior do Nordeste! Afrodite permaneceu calada e ficou um pouco chateada. E continuou a perseverar na busca por dias melhores.

Assim, passaram-se muitos anos de estudos e Afrodite continuava a se esforçar, pois seus recursos eram muito escassos. Uma característica muito marcante é que a jovem tinha força de vontade. Uma vida de muita luta pela sobrevivência. Afrodite, já com seus 30 anos, ainda tinha fobia de andar de avião. Tadinha! Morria de medo, suava frio e sempre fazia orações. Era a ansiedade batendo à porta da jovem. Em meio à tal da fobia, Afrodite viu-se obrigada a voar no objeto inventado por Santos Dumont. E assim fez. Conversou com sua mãe: Mamãe, vou viajar de avião, pois tenho um exame no Rio de Janeiro. Sua mãe respondeu: Minha filha, que felicidade! Já estou torcendo para você ser aprovada.

Afrodite, animadíssima como era, adorava a carreira que o avião dava para decolar! Pois Afrodite fez várias viagens em voos

comerciais e até em aviões rústicos da Força Aérea Brasileira (FAB). Esses últimos aviões são barulhentos como... Afrodite teve dor de cabeça em várias ocasiões. Conheceu lugares como Belo Horizonte, João Pessoa, Rio de Janeiro, São Paulo, Florianópolis... No tal do estrangeiro, foi voando literalmente para Valência, Amsterdã, Genebra, Zurique, Lisboa, Sevilha... Em algumas cidades, chegou a morar, onde participaria de cursos de formação complementar, como em Genebra, Haia e Sevilha.

Na verdade, Afrodite sabia que se não enfrentasse e superasse o medo que sentia de voar de avião, não realizaria alguns sonhos. A cada viagem que Afrodite fazia, aprendia muitas coisas, conhecia os lugares que vira em livros e que ouvira em fitas-cassetes. Exercitava, assim, a conversação com nativos e fazia novos amigos e amigas. Afrodite, a jovem que tinha medo de voar e deixava seus traços por onde passava.

## UM CARAMELO DE PERSONALIDADE FORTE

Em 2011, a sobrinha Jani chegou muito feliz à nossa casa, em Maracanaú. Falou para a mãe: Vó Dora, veja o que eu trouxe! A avó correu rapidamente para ver o que era. Pois...tratava-se de um cachorro caramelo filhote. Aqueles peludinhos que dizem que é da raça SDR (sem raça definida). Na verdade, chamam de pé-duro ou vira-lata, aqueles cãesinhos muito sofredores, rejeitados pela população e que vivem em situação de rua, sem assistência nem amparo.

A família batizou o Caramelo com o nome de Spyke. Ele era pequeno, forte, baixinho. Uma figura muito mimosa e dócil. Pelo que se sabe, ele veio de um bairro chamado Parangaba, parece que foi adquirido na Feira da Parangaba. Esta feira, extremamente barulhenta e calorenta, é famosa por ser cheia de tudo o que se possa imaginar. Bichos, eletrodomésticos, carros e por aí vai.

Esse Caramelo conquistou o coração da família, especialmente o da Afrodite, que é uma espécie de madrinha ou tia dos cãesinhos da casa. É ela que cuida de comprar alimentação, levá-los às consultas no médico veterinário, a banho e tosas, etc.

A mãe conversa com ele todos os dias, por várias vezes. Diz ela: Pokinha, venha conversar com a vovó. Como você está, filho? E ele fica lá com ela, cheirando-a, interagindo com sua vovó.

O Caramelo tem uma personalidade forte. Não gosta de outros cãesinhos no seu espaço. Reclama na porta pedindo seu almoço e petiscos. Diz ele: Au, au, au, au! Só fica calado quando as humanas atendem seu pedido.

O Caramelo é valente, ranzinza, ardeiro, antissocial. Nos dias de banho ele só permite que uma pessoa o acesse e banhe. É a sua tia, Afrodite. Ela foi escolhida por ele para banhá-lo. Não sei por quê. Talvez porque ela seja a pessoa que lhe dê mais atenção em sua casa. Um detalhe: é o Caramelo que determina a hora que o banho termina, pois tem a personalidade forte.

A amizade entre a tia Afrodite e o Caramelo já tem mais de 12 anos.



**RENATA  
SALES DE  
CASTRO**





## JOÃO DO BEIJO

Era sábado e o casamento começou às cinco horas da tarde, no momento da revoada de pássaros que migram do Leste para o oeste. Depois que os noivos responderam sim e seguiram de charrete para as terras da família da noiva, foram recebidas ao som da sanfona do tio dela, tocador conhecido nas redondezas, cantador de músicas de amor.

Já era noite e a sanfona ainda tocava quando seu João do Beijo se aproximou, sentou-se perto dos músicos e no intervalo, ensaiou uma conversa, não disse de onde vinha nem para onde ia, disse que também tocava sanfona e que a sua havia desaparecido, tinha feito uma promessa de não descansar até encontrar. Antes de ir embora se chegou no tio da noiva e pediu a sanfona emprestada e disse que traria no dia seguinte antes do café.

Os noivos foram passar à noite num lugarejo vizinho, experimentar se haveria lugar com céu mais estrelado do que o da sua cidade. De manhãzinha, quando retornaram, a casa já estava de pé, e o tio da noiva, seu Miudinho, chorava e urrava, clamando que devolvessem sua sanfona.

O noivo sem saber o que fazer, saiu com dois irmãos da noiva até a delegacia para prestar queixa, não sabiam o nome do homem que havia entrado na festa do casamento, descreveram: baixo, quase careca, sem barba, barriga grande, nariz pontudo, trajava calça e camisa de botão, andava com uma botina gasta que não se sabia dizer a cor, tinha chegado num jegue e sumido na escuridão, levando a sanfona de seu Miúdo. O delegado, homem da lei, depois de fazer umas perguntas disse, pode ser que até o fim do dia ainda apareça.

No Domingo, o padre que veio foi outro, o que vinha sempre estava doente, esse vinha de mais longe e logo após a missa, sempre ficava para um café na casa de Dona Neném, ela logo contava as novidades, os casamentos, as mortes, os nascimentos, as separações, quem partiu e os novos moradores que chagavam. Nesse dia tinha ainda o forasteiro que levou a sanfona, Padre Miguel, ouviu atento e ao final disse que na semana anterior, havia ouvido relato semelhante em outro povoado, o roubo de outra sanfona.

Seu Miudinho correu para a venda de seu Zé Venâncio, lá chegando, ouviu a história do padre Miguel, quis saber onde era o povoado e saiu pedindo carona na estrada, chegando em Serra da Saudade, foi até a primeira porta que viu aberta e perguntou sobre a sanfona que havia sido levada, o homem achou melhor não se intrometer e disse que procurasse o policial no posto. Assim ele fez, duas esquinas depois, estava de cara com o policial, e pediu a descrição do sujeito. Batia direitinho com o infeliz do casamento. Não havia notícia sobre o seu paradeiro, voltaria para casa, ainda sem nada levar. No caminho de volta, na boleia de um caminhão, ouviu no rádio o apelo de uma senhora que chorava, pedindo que devolvessem a sanfona de seu marido que ele não comia nem dormia, era só tristeza. Desceu à noite na beira da estrada já perto de casa, sua esposa o esperava na janela, de terço na mão.

— Onde ocê andava?

— Fui buscar minha sanfona, encontrar seu paradeiro.

— E o que ocê achou?

— Encontrar não encontrei, mas não vou parar de seguir o rumo desse infeliz.

Em Dores do Indaiá, cidade próxima a Serra da Saudade, foi visto um homem de conversa com o sanfoneiro que acabava de descer do palco montado na quermesse do padroeiro, ofereceu uma cachaça e arrastou o músico para o canto, contou muitas histórias e lá para as tantas horas, falou que precisava de um sanfoneiro para tocar, até que mudou o rumo da prosa e disse que queria a sanfona emprestada para outro sanfoneiro, o músico desconfiado, agradeceu a oferta e disse: não me separo dessa sanfona nem para dormir, nela ganho a vida, conto história, ela foi do meu pai e antes do meu avó, já nem lembro quantos anos fazem que ela entrou lá em casa. O senhor me desculpe, mas essa sanfona não sai de perto de mim. Logo veio chegando os amigos do sanfoneiro, que já sentiam sua falta junto às barracas, o estranho se despediu e foi saindo de banda. De longe ainda ficou prestando atenção nos movimentos, mas o músico em nenhum momento tirou a sanfona dos ombros.

João do Beijo entrou no carro e partiu. Ele só tinha duas sanfonas no carro, precisava da terceira para enviar ao Rio de Janeiro. Ele foi direto para rodoviária, lá chegando viu muita confusão, separou as duas caixas, toda escrita em letras enormes: Frágil. Sentou-se na janela e partiu com o ônibus para outra cidade, apenas 150 quilômetros dali. Dormiu na estação e não sabia para onde ir. De manhã saiu a procura de um lugar para tomar um leite com café, lá ouviu muita conversa, mas ninguém falou em sanfona.

Caminhou mais um pouco até encontrar uma feira livre, lá ouviu dizer que haveria um bingo à noite, no salão das costureiras e bordadeiras. Não teve dúvida e foi se informar. Conversou com e com outro até descobrir a festa que tocariam os dois sanfoneiros,

pediu o endereço de um deles, disse que procurava um para contratar. De lá, com o endereço anotado, chegou até a casa do sujeito, ele não tava, conversou com sua senhora que era cega de um olho, pediu pra ver a sanfona, ela o levou, pediu para tocar, ela deixou. Levantou-se e deu a entender que recolocaria ela no lugar de onde tirou, escondeu a sanfona, saiu de costas e levou-a escondida. À noite, despachou as três sanfonas para o Rio de Janeiro.

Foi num sítio de compra de usados na internet, que um irmão da noiva, viu anunciadas sanfonas, correu para mostrar para o tio, ele reconheceu na hora o seu instrumento. O rapaz anotou o contato e trocou várias mensagens com o anunciante, mandou fotos da sanfona. Sobre João do Beijo não se ouviu falar, mas o certo é que uma semana depois, chegava diretamente do Rio de Janeiro, a sanfona de seu Miudinho. Nesse dia foi feito um festejo no sertão, não se ouvia bicho, criança, nem zoadas, só a sanfona tocava.

## O FILHO DE SISSINHO

De longe, ouvia o som do tambor. Já era noite, um clarão na casa branca anunciava que era dia de festejo, na casa de Dona Nanã. O batuque convidava para uma dança, era noite de lua cheia, de mistérios e de encantamentos.

Marinho se sentia atraído pela música, mas nunca cruzou os portões da casa de oração, sentia o corpo vibrar, mas tinha um certo medo, não sabia explicar, nessas horas o pensamento vagueava e ia até o seu avô, pescador como ele, que sumiu no rio quando ele tinha seis anos. Nesse tempo, Marinho não pescava, ajuda os pescadores a retirar os peixes do barco, quando voltavam do rio.

Seu avô era um homem respeitado, um líder naquela comunidade, havia ensinado a lida com barcos, redes e peixes a três gerações ou mais. Foi no seu tempo que convidou as mulheres da vila a se juntarem aos homens na pescaria, as que não se adaptaram, cuidavam da limpeza e do armazenamento dos peixes. Sua mãe pescava.

Cresceu vendo o avô e a mãe na lida do barco e do rio, essa era a vida que conhecia. De resto sabia pouco, de seu pai, apenas que trabalhava caçando animais na floresta, sua mãe economizava palavras sobre o assunto. Isso doía fundo nele.

A ausência do pai, era um vazio que só crescia dentro dele. De vez em quando pedia a mãe, dona Mirtes, que lhe contasse sobre o pai, do que gostava, como agia, sobre como se conheceram, ela iniciava uma contação, mas dificilmente terminava, parava de repente e mudava de história.

Naquela noite, Marinho entrou em seu quarto, era um espaço acanhado, nas paredes havia redes de pesca penduradas, esperando que fossem consertadas, perto da porta, algumas madeiras, restos de embarcações perdidas, nem ele sabia por que guardava aquilo, empunhada na parede, enviesado no quarto, sua rede de dormir, manchada de sol e puída pelo tempo, de frente para a porta, uma pequena janela de madeira, que não fechava, por ela passava a brisa, vento soprado do rio para terra. Deitado em sua rede, o som dos tambores ecoava.

Emaranhado em seus pensamentos, cedeu ao cansaço, adormeceu. Seu avô apareceu em sonho e saíram caminhando, eles se aproximavam da casa de Dona Nanã, Marinho discutia com o avô, não queria entrar, Seu Vevé insistia, puxou ele pelo braço, depois viu numa roda, mulheres e homens girando, batucando, dançando e cantando. Uma mulher com jarro na cabeça, jogou água nos pés de todos, no centro uma senhora de óculos e turbante convidava alguns dos presentes a virem até ela, tocava em seus ombros, falavam e depois se despediam.

A mulher no centro da roda, apontou para Marinho, ele se aproximou desconfiado, ela tocou em seu peito e disse: dói aí não é menino? Não se preocupe seu pai virá lhe buscar, agora que já domina as correntezas dos rios, seguirá seu caminho, ele não demora, logo chegará, sua mãe vai entender, ela saberá que é a sua hora de ir com seu pai.

No amanhecer seguinte, Marinho, despertou e sua cabeça doía, não tinha certeza de nada sobre a noite anterior, olhou para porta e viu um cordão de duas voltas com miçangas azuis e amarelas, saiu para vila, os barcos estavam de saída, conversou com

José Tucunaré, seu amigo desde pequeno, nada mencionou de seus estranhamentos, disse que não se sentia bem para ir pescar, que cuidaria das redes.

Marinho procurou por sua mãe, quando estava diante dela, não conseguia falar, emudeceu, tentava abrir a boca e nenhum som saía, se acreditasse em lendas e mitos, diria que fora enfeitado. Ficaria mudo dali por diante? Isso não aconteceu, era só quando estava perto da mãe que não falava.

Saía para andar na beira do rio, na sua direção vinha uma senhora, quando se aproximou, achou que a conhecia, ela num gesto afável, o cumprimentou com um sorriso. Somente quando não se via mais suas pegadas, lembrou, era a mulher do centro da roda.

Quando José Tucunaré voltou, ele se aproximou dele, quis saber por que realmente ele não tinha ido no barco, se estava doente, disse logo que estava com um olhar esquisito. Marinho não escondeu do amigo que recebeu um recado, seu pai viria buscá-lo e não tardaria. Tucunaré quis saber como ficaria a mãe dele sem ele por perto, Marinho desconversou e disse que cada preocupação ao seu tempo, e botou o amigo na história, quando eu estiver fora, promete que vai saber dela todo dia? Não deixe nada faltar, eu voltarei, esse tempo com meu pai, era o quê ansiava, quero conhecê-lo.

Dois dias depois, a pesca foi farta, Marinho e Tucunaré trouxeram a embarcação para margem, carregada de peixe, chamou a meninada e pediu que viessem as mulheres, haveria muito trabalho, teriam que limpar e preparar o resfriamento, prometeu dois peixes por família àquelas crianças.

Até tarde da noite, cerca de oito mulheres ainda terminavam o serviço, na porta de Dona Mirtes apareceu um homem diferente

dos pescadores da região, trajava calça comprida, chapéu na cabeça e uma faca na cintura, sua pele era escura e brilhava, sua voz era rouca e falava alto. Ele perguntou por Mirtinha e se o filho dela estava em casa. A mulher que o recebeu perguntou seu nome, ele respondeu: diga que é Sissinho. Antes que a conversa chegasse dentro da casa, Marinho apareceu, ele olhou para mãe em tom de pergunta, é ele que é meu pai? Sua mãe encheu os olhos de água doce, ficaram rasos e profundos, somente estendeu os braços. Ela sabia, eles partiriam juntos.

## ESCONDERIJO SECRETO

Era início de noite, talvez sete, talvez oito horas, muitos convidados já haviam chegado. Algazarra era pouco para descrever tanta criança junta, querendo brincar ao mesmo tempo. Nessas horas, algumas se aglutinam por uma razão qualquer, lideradas por quem tem muitas ideias, eu me juntei ao grupo das maiores, com sete anos ou dez, entre nós a brincadeira escolhida foi esconde-esconde, quando começaram a contar: 1, 2, 3... a criançada se espalhou para todo lado, escada, mesa, playground, portaria, elevador, eu propus a uma amiga, Paula, que mais tarde se tornaria, quase prima, que descemos para garagem, fomos até a vaga do meu apartamento e nos escondemos atrás do carro, nos abaixamos, cada uma atrás de uma das rodas.

Outro grupo, caminhava pelo prédio, capitaneado por minha irmã, a aniversariante do dia. Ela faz aniversário em outubro, depois do Dia das Crianças, estava fazendo 4 anos. Minha mãe escolheu um tema que remetia as baianas do acarajé, não sei por quê. Ela desenhou no tamanho de uma folha de cartolina o rosto, o turbante e os colares de uma baiana e colou miçangas de verdade fazendo o colar de muitas contas coloridas, esse painel foi exposto atrás da mesa do bolo e dos doces.

Era comum nessa época que as próprias famílias arrumassem o salão de festa, enchessem balões coloridos, fizessem um rasga-saco, um embrulho de celofane onde se colocavam balas, bombons, pirulitos, miniaturas de brinquedos, ioiô de barbante, tudo coisinhas miúdas. Os doces e salgados, eram feitos em casa

na maioria das vezes e algumas bandejas se encomendavam as quituteiras. Lá em casa era uma farra desde dois ou três dias antes, quando os preparativos se intensificavam, no dia da festa ainda vinham pessoas para ajudar, que se pagava a diária.

Lembro que as bebidas eram geladas em tonéis de metal com bastante gelo, refrigerante não era coisa que se bebia a qualquer hora, nos aniversários não podia faltar, era muito esperado e desejado pelas crianças, podia ser Teen, Sukita, Taí, Coca-Cola, Fanta uva, não interessava o sabor, mas tinha que ter, era um item festivo por si só. Hoje ninguém liga, bebe-se a qualquer hora e nem remete mais a uma data especial.

As crianças menores estavam andando pela saída da garagem, não sei o que foi que deu na minha irmã que resolveu imitar uma cena do Didi nos Trapalhões, era algo que ele fazia escorado na parede e ficava de cabeça para baixo, lá foi ela, na euforia, ter seu momento de exibição com as outras crianças olhando. Ela tentou um giro, quis ficar de ponta cabeça e caiu. Não houve tempo hábil ou reflexo o suficiente para proteger o rosto, foi de cara no chão e partiu o queixo. Na mesma hora que se levantou já se podia ver o sangue, que foi pingando enquanto ela andava tentando chegar de volta ao salão de festas.

Eu e Paula continuávamos escondidas, aquela ideia de ir para garagem era muito boa, talvez mais ninguém tivesse pensado nisso, teria que conhecer o prédio porque era necessário descer as escadas para nos achar. O tempo foi passando e ninguém aparecia, não havia a mínima ameaça de sermos descobertas, um frisson nos dava na barriga. Nenhum barulho, pegadas nem gritos. Esse era também o problema, muito silêncio, será que ninguém viria ao nosso encalço?

A brincadeira tinha se desfeito? Saímos de ponta de pé para olhar um pouco, ouvimos um choro, corremos de volta para trás do carro, esperamos um pouco, nada, nenhum movimento. Saímos de novo, a brincadeira agora era outra, tínhamos um mistério para desvendar. Subimos as escadas.

Lá em cima, o tumulto tava feito, era muita gente misturada, adulto, criança, todos perto da mesa do bolo, ainda não era a hora de cantar os parabéns, no meio de tudo, meu pai e minha mãe aflitos, com Márcia que sangrava no queixo, estavam segurando um gelo, na tentativa de estancar o sangue, alguém disse: não será suficiente, terá que levar uns pontinhos, eu não entendi nada, tinha sete anos e ainda não tinha levado pontos, com quase dez anos levei três pontos na cabeça, nesse momento isso ainda não tinha acontecido comigo. A decisão estava tomada, meus pais levariam minha irmã numa emergência, a festa tinha tomado outro rumo.

Os convidados que ficaram após a saída deles, logo se preocuparam comigo e com minha irmã ainda menor do que a que havia partido o queixo, tinha apenas dois anos, a caçula da família, subiram conosco para o apartamento, eram mães e pais das outras crianças, desmancharam a arrumação, subiram com bolo, salgados, doces, abriram as portas dos armários da cozinha e pegavam potes e vasilhas aleatoriamente para guardar tudo.

Uma das convidadas, deu banho em mim e na minha irmã, separaram pijamas e nos vestiram. Mais tarde, essa que cuidou de nós se tornaria uma amiga, quase irmã da minha mãe, coincidentemente era a mãe de Paula que havia se escondido comigo, nos encontraríamos muitas vezes ainda na infância e pela vida afora, tão longe mesmo que nos dias atuais ela mora com marido e filho nos Estados Unidos.

Não sei como adormeci no meio de tanta bagunça. Alguém deve ter esperado nossos pais voltarem com Márcia ponteada para ir embora. No dia seguinte, soubemos que o médico que os atendeu, tinha acabado de assumir o plantão e teve trabalho para conter a menina, ela se debatia tanto que quatro adultos ajudaram para segurá-la, um para cada ano de vida dela, ela tinha força e não foi fácil imobilizá-la para dar os quatro pontos no queixo, cuja cicatriz ainda se vê, mesmo depois de ter crescido, casado e ser mãe de duas meninas, tão danadas quanta a mãe, Catarina e Beatriz, seguem direitinho as peripécias da mãe, que não reclama e justifica é sinal de saúde, criança que muito brinca, tem imaginação, desenvolve habilidades e depois terá um repertório sem fim de histórias para contar.

## HUNTER E SUMMER

“Ficaríamos indefinidamente numa roda de “isso”? e “isso!”,  
não fosse a força excepcional daquela criança,  
que sem uma palavra, apenas com a extrema autoridade do olhar,  
me obrigasse a ouvir o que ela própria ouvia.  
No silêncio da atenção a que me forçara,  
ouvi finalmente o fraco piar do pinto na cozinha.”  
Trecho do conto **Legião estrangeira**, de Clarice Lispector

Diante da porta da escola, o assombro, apareceu primeiro uma gaiola, vinha pela mão do menor, dentro um pássaro assustado sendo conduzido por uma criança para dentro do carro. Não tenho culpa, mãe é tarefa da escola. Como isso foi acontecer? Sorteio, saiu meu nome, será a minha vez de cuidar do Hunter.

Por trás do menor, vinha a maior com uma caixa de sapato na mão, a mochila nas costas, um saco de papel na outra mão. Será possível? Dentro da caixa um pinto, piava, piava, piu.

O carro saiu arrastado, carregava novos seres, ambos verbalizando seus grunhidos, as crianças em polvorosa, de alegria. O efeito que um pequeno animal frágil pode criar no ânimo de quem é cuidado e ainda não experimentou ser responsável pela vida de alguém. O nome do pinto? *Summer*, batizaram ele ou ela, não se sabe ao certo, com nome inglês, talvez fosse para rimar com Hunter. Fosse por esse motivo ou por outro, o primeiro passo havia sido dado, o nome. Esse ato captura e aprisiona aquele que foi nominado.

O caminho foi quase em linha reta, sem paradas, escapando dos buracos para não assustar os bichos, não derrubar sua comida

ou sua água. Ninguém lembrou do rádio ou do *Spotify*, é hábito ouvir audiolivros pelo caminho. Nesse dia a narrativa foi outra, sons ininteligíveis dominavam o ambiente, as crianças em sua euforia tentavam adivinhar os pedidos ou as queixas. Decodificar os sons em busca de um entrelaçamento.

Na curva que os levaria para casa, a gaiola tomba um pouco e o pássaro, assustado, grita: gr,gr,gr. O pinto dispara seu piado acelerado, parecendo ser três pintos piando ao mesmo tempo, quanto fôlego, o piado não cessa até que o carro para. Chegamos.

Em casa, muito contentamento, os primeiros a saírem do carro foram os animais, carregados nas palmas das mãos, como presentes embrulhados para o Natal, entraram no recôndito do lar, para serem apresentados a cada canto, cômodo ou espaço, coisa que um cachorro também o faria, dizem que por hábito ele cheira os ambientes, passa um olho e logo mapeia o lugar.

A mesa estava posta para o almoço, a ansiedade por alimentar as pequenas aves passou na prioridade, primeiro sinal de quem cuida de alguém, pensa primeiro no outro e depois em si mesmo. Foi assim que sucedeu, cada um ajeitou o canto e a comida, dos seres pequenos para só então, sentarem-se para o almoço, a conversa era a mesma: quanto tempo um pinto leva para virar galinha? Que tamanho deve ter um galinheiro? Isso merece uma pesquisa e um registro, essas informações não se sabem sem ler a respeito, precisa ser especialista no assunto. Sobre o pássaro, Samuel se adiantou, ele não é mais filhote, controla a ingestão do que come, não é preciso medir, ele já sabe se alimentar sozinho e não comerá mais que o necessário. Vou querer comprar cenoura, alface e rúcula, ele gosta muito. Também precisará de ser borrifado

com água é o banho dele. Essa gaiola não é pequena para ele? Na escola já construíram um viveiro maior.

A verdade é que ninguém se alimentou direito. A adrenalina roubou o apetite das crianças, toda a atenção estava voltada para esses novos integrantes da família.

Após o almoço, cada um pegou seu mais novo amigo e levou consigo para fazer as tarefas do dia. Mesmo com as portas dos quartos fechados, ouvia-se a conversa aguda, não houve silêncio naquela tarde. Summer e Hunter mantinham um diálogo de extrema intensidade.

Samuel queria contar para os quatro cantos do condomínio quem estava em sua casa. As crianças não tinham animais domésticos, diferentes das outras dezenas de vizinhos que criam cachorros, gatos, lebres, iguanas, pássaros e outras seres pequenos. Vez por outra, a confusão estava feita quando aparecia dejetos de animais por varandas e jardins, deixados por algum animal não identificado. O apelo para se criar um animal está cada vez mais frequente.

Está ficando cada vez mais difícil para os pais argumentarem e sustentarem sua posição de não trazer para casa uma nova vida. Quem sabe essa experiência com data marcada para acabar, tenha o efeito de fazê-los refletir que cuidar de uma animal, implica em ter tempo, disposição e disciplina para estar atento, mesmo quando estamos cansados ou sem motivação para cuidar. Enquanto foi novidade, ninguém se queixou de cansaço ou aborrecimento.

A noite chega, Hunter e Summer são os primeiros a serem preparados para o sono, foram colocados no mesmo ambiente e no escuro para que ambos descansassem, era preciso cessar a

cantoria e os piados para que a casa toda silenciasse e pudesse dormir uma noite inteira, recoberta apenas de estrelas e sons noturnos, quase nunca perceptíveis.

O interior de cada um em revoada pelos últimos acontecimentos precisava repousar.

## MOEMA CARA DE POEMA

Moema volta pra casa da avó. Não havia mais nada do que lembrava, era tudo diferente, por cima do telhado avistou a ponta do seu desejo.

Que disparate, não dava para confiar nas coisas que a avó dizia, era tanta história do baú, sem avesso, com idas e vindas, não dava para acompanhar. Fizesse chuva ou sol, era só pôr o pé na cozinha que já se via no canto da mesa, o prato pronto, o fruto do abacateiro amassado e açucarado. Não sei se lembro de outro gosto de fruta com mais gosto de saudade do que esse prato de vovó Edith.

Do outro lado da cozinha agachada atrás da fruteira, vovó se escondia para só levantar depois que eu estivesse lambendo os beiços e batendo palmas. Até essa história parece uma doidice. Não tenho mais essa avó, já se foi faz cinco anos. Era muito pequena quando numa manhã de Domingo, ela resolveu que plantaria um abacateiro em seu quintal, no começo aparentava uma planta qualquer, tão mirrada, não parecia que viraria uma árvore. Suas folhas lembram as folhas da mangueira, cumpridas e brilhantes.

A muda cresceu, enquanto não deu fruto, por 4 anos seguidos, vovó comprava na feira, nunca faltou do fruto verde e maduro, adoçado com açúcar. No quintal dela tinham outras frutas: mamão, maracujá, pitanga e melancia doce, fruta que nasce rasteira que se espalha sem pedir licença. Sem a fruta verde, reinavam outros sabores, cheiros e brincadeiras de molecagem.

Se a tarde vinha a brisa, ela trazia uma cadeira para o quintal, sentava-se à sombra e emendava palavras contadas e estendia

no varal do tempo. Falava de sua mãe, do jeito mandão, da cria numerosa, ela teve doze irmãos, alguns não davam notícia, sabia onde andavam sete deles, tinha tanta história que poderia ter escrito um livro.

Uma de suas irmãs aparecia vez ou outra e sabendo que eu estava por lá trazia sua neta, Mariana, dois anos mais velha do que eu, menina de olhar caído e espinhela curvada, os pés eram para dentro e os dentes para fora, achava engraçada, ela gostava de mim, acho, brincávamos de esconder coisas e fazer mapas do tesouro, cavamos tantos buracos e deixávamos aberto, vovó dizia que éramos parentes do tatu-bola, nunca vi nenhum por lá. Quando cresceu, Mariana, tornou-se uma mulher bonita e hoje é delegada, no interior de Alagoas.

Ela nos contou um dia que seu irmão, o menor, Francisquinho, perdera uma bola do outro lado do muro, sabia que havia cachorro e não teve coragem de ir buscar, chamou a irmã deles, Tetê e disse que daria seu lanche da escola por uma semana se ela buscasse a bola, Tetê era destemida e brava, além de gulosa, não gostava de ser desafiada, saiu pela frente da casa e pediu ao vizinho para buscar a bola, nem entrou na casa, voltou contando uma aventura, que tinham três cachorros enormes que se escondeu, que levou comida para distraí-los, que quase um deles arrancou-lhe o sapato com meia e tudo, Francisquinho acreditou, muitos anos mais tarde foi tomar conhecimento da invenção.

A lua nascia bem embaixo e ia subindo, iluminava o quintal quando estava cheia, Vó Edith trazia seu São Jorge retirado do armário e apontava em direção a ela. Rezava em voz alta, pedindo proteção e que o mal olhado e a má intenção se afastassem da casa

e de nós, que nenhum mal nos alcançasse e que ficássemos invisíveis diante do inimigo. Ainda trago junto ao peito, num cordão, a medalha que me deu aos onze anos. Hoje, quando olho a lua sinto vontade de rezar e ouço a voz de vovó sussurrando em meu ouvido sua oração protetora e me ponho invisível.

Refiz esse itinerário sem saber se encontraria a casa ou o abacateiro, tanta coisa ensinada sem lição, não tomei nota em cadernos, não decorei as receitas, tenho somente lembranças, tão pequeninas e curtas, com cheiro e sabor, não consigo reproduzir em letramento os gestos, a representatividade viva da infância perdida por trás do muro da casa 22, da Rua da Aurora, a casa de vovó Edith.

Vim buscar o que não encontro mais, vim para encontrar o regato de minha avó, ver sua cozinha e espreitar por trás da fruteira para flagrá-la, suja de abacate, pintada de verde. Não tem ninguém na casa, está trancada e o portão tem cadeado, olho em volta, caminho pela calçada, passo três casas e dobro a esquina, tem uma rua no fundo, contorno e vejo, reinando no horizonte, o abacateiro, plantado nos primeiros anos da minha vida, crescido e carregado de frutos. Por seu tamanho estimo o tempo, a duração, medida em cumprimento em vez de sois e luas.

Estava satisfeita e em paz comigo, vim ver se o abacate estava de pé, havia sonhado que tinha sido derrubado, trouxe um envelope com uma proposta, queria comprar o abacateiro, para replantá-lo, deixei meu número e nome, Moema cara de Poema, o dono da casa lembraria de mim quando encontrasse a mensagem. Minhas lembranças estavam a salvo, seria a herdeira do abacateiro.

## PARTEIRA DE IDEIAS

Puxar uma criança no meio das pernas de sua mãe, depois de botar força, recolher um corpo miúdo, em panos brancos, banhar na primeira água depois de ver a luz e entregar para mãe. O filho entregue a mãe, deita-se em seu peito. Esse gesto repetido a cada novo nascimento, renova-se. A escolha de ter nas mãos a tesoura que herdou da avó, como a sabedoria, impulsionava Edna a guiar mulheres na hora do parto.

Ela que desconhece o suspiro, o tremor da carne, na entrega do corpo ao desejo, entre um homem e uma mulher. Desconfiada das intenções disfarçadas de quem dela se aproximou, quem buscou seus lábios com lascívia e apertando sua nuca, quis tragar seu desejo, pressentia o descontrole do corpo, rejeitava o afago apressado e desejoso de quem a seduzia. Esterilizou sua ânsia. Castrou a si mesma.

Via mulheres acocoradas ou de joelhos, fazendo força, suando e delirando em meio a urros e rangidos, contrair-se, esmagadas, jorrando sangue e vida na mesma passagem. Ao seu lado, outras mulheres, acalmando e respirando descompassadamente, concentradas, parindo juntas. Se não se aproximava nenhum homem, não se perguntava pelo pai, era provável que não houvesse, o filho era da mãe, era daquela mulher. Aquele filho era da mãe.

Sua avó Mariazinha, desfiava um rosário de histórias e dizia que as mulheres carregavam as dores do mundo e os homens todos os enganos, dizia que a dor do parto acompanhava as mães pelo tempo que seus filhos vivessem, a contração uterina, voltava

a acontecer, quando um desengano estava prestes a romper, era um aviso, a dor voltaria. Mariazinha contava que essa passagem das entranhas para vida, um homem não viveria, poderia estar por perto, mas não saberia o que era sentir os ossos se abrirem, se desencaixarem para voltarem ao lugar depois de completada a passagem. Os quadris de uma mulher contavam seus partos. Seu corpo era um portal.

Na manhã de Domingo, outra vez vieram lhe buscar, Ritinha estava grávida do segundo filho e sentia dores na missa do padre Januário, dois homens levaram a mulher para casa. Edna Parteira saía carregando, numa rodilha, os panos limpos que seriam usados e na cintura, amarrado ao ventre, a tesoura umbigueira. No caminho rezava, pedia aos anjos e aos santos sua mão protetora, implorava a Maria Santíssima, protetora das parteiras, da boa hora, a luz, o discernimento e que a criança nascesse viva.

Em casa de Ritinha dois homens retiravam as tábuas do assento de uma cadeira, preparavam o móvel que serviria para ajudar no parto, as mulheres cuidavam do banho e cantavam, elas já tinham tido filhos, sabiam o que estava por vir. Ritinha banhada e amarrada na toalha, esperava. Embaixo da cadeira uma trouxa de pano para amparar o nascido, Ritinha como rainha em seu trono, acomodou-se.

Edna de joelho no chão, seria a primeira a reverenciar o pequeno, as mulheres massageavam as costas, a parteira olhava a barriga enluarada e via os movimentos, pressentia onde deveria apertar para ajudar a criança, as duas mulheres trocavam olhares, penetravam-se, as vozes se misturavam, silenciavam juntas. Ritinha sentiu um repuxão, o último, com a cabeça virada para

baixo, saía e anunciava que era um menino, o cordão enrolado nos braços, falava da luta para que não fosse laçado no pescoço.

O menino colocado sobre o peito da mãe fazia ela sorrir. A casa se movia e de fora vinha a brisa suave, os anjos se despediam, Antônio Gerônimo havia nascido.

Recolhidos os panos, Edna beijou os pés da criança e saiu, forte e exausta. Esse labor arriava suas forças e elevava seu espírito, sentia todo seu sangue aquecer, em casa rezaria para São Cosme e São Damião, encomendaria a vida daquele que seria o número 63, em seu caderno de nascidos vivos.

À beira do rio, depois de lavá-los, ela estende os lençóis sujos de sangue sobre a água, que serão clareados com a barrela, suas mãos pesadas, vão lavando, lavando até subir a espuma branca das lavadeiras do Rio das Velhas. Seu cabelo amarrado num lenço que esconde os fios e os medos, nem tudo está resolvido. O torcido do pano encoraja as mãos, a pele encruada dos dedos, como a pele dos bebês que nascem engelhados, espremem o pano branco, que leva para quarar até desaparecer qualquer vestígio da encarnada cor.

Voltando do rio com quase tudo seco, caminha exata e aprumada, mais tarde irá ver dona Rosinha, velha amiga, algumas décadas de vida na sua frente, que a convidou para um grupo de mulheres, elas cantam, leem histórias e pregam botões das roupas que irão para o bazar da igreja. A sua única aflição é com a leitura, confessou no último encontro não ficar à vontade em ler diante das outras, algumas palavras não saem na hora da leitura, outras são esquisitas e até medonhas, por isso chegará mais cedo, lerá antes com Rosinha não quer passar vergonha.

Na porta de casa alguém lhe espera com um prato amarrado num pano, um menino de seus quatorze anos.

- Dona Edna, a mãe da Ritinha mandou para senhora.
- Obrigado, menino, não precisava.
- Seu nome é?
- Jesuíno, mas me chamam de Quinzinho.
- Agradeça a ela, diga que seu neto será forte e importante, essa é minha intuição. A vela que acendi para ele queimou até o final, não derramou.

No ocaso daquele dia, depois de engomadas e guardadas as peças de pano, ela se aprontava para o encontro das mulheres, levaria seu lenço amarelo, tinha sido da sua mãe, sentia a presença dela quando usava, devia calçar logo as sandálias de tiras que combinava com a saia longo de estampas, tinha que se apressar, chegar antes das outras mulheres.

Rosinha espalhou as cadeiras no terreiro do fundo da sua casa, teve ajuda para instalar umas lâmpadas, a roda ocorreria no sereno da noite. Ela recebeu Edna saudando e dizendo: você está ficando cada vez mais parecida com sua avó Mariazinha, és mesmo sua neta em carne e dom. Quero ver logo, a leitura. Está aqui, tome são três páginas, fique com o livro. É sobre o quê? A vida, a vida, essa e a outra, uma só não basta.

Roberto, sobrinho de Rosinha, chegou fazendo barulho, desconcentrou Edna que ficou espiando o moço, por trás do livro, reparou nas mãos, não carregava aliança, era a primeira vez que o via, algo lhe dizia que não seria a única.

## OS SINOS DOBRAM

Coro de vozes angelicais preenchem tapetes, bancos e imagens. Suspensas no ar, as mãos dos santos colhem os pedidos de ajuda. Velhas debulham contas nos dedos, levantam-se, ajoelham-se. O coro canta aleluia, outro canto evoca a glória. Todos em pé, elevam os braços para o céu. Sobem de braços estendidos. A menina de saia plissada, olha de canto, flutua. Velas se acendem, um rosto oculto em seu véu segura um pequeno livro amarelo. Um rapaz de longa túnica caminha no tapete para o altar, carrega uma cruz pesada e trêmula. Velhas debulham contas nos dedos, levantam-se, ajoelham-se. Sinos dobram, dobram e redobram em badaladas rítmicas. Por trás de uma imensa cruz são colocados incensos. O turíbulo segue na frente em brasas fumegantes, espalha o odor da plenitude. De olhos fechados, a mulher de roupas gastas e surradas chora. A bengala trazida pelo enlutado escorrega e cai, o homem que entrou de chapéu entrega de volta ao dono, despede-se. As mãos dos devotos desenham no ar uma cruz. O menino muito pequeno junta as duas palmas das mãos. Todos em pé, elevam os braços para o céu. Sobem de braços estendidos. O homem de túnica e estola se deita no chão, os sinos dobram e redobram, ele beija o chão, circunda a grande mesa e encosta a fronte na toalha branca. Velhas debulham contas nos dedos, levantam-se, ajoelham-se. Elas colocam as contas em volta do pescoço e beijam um pingente. O coro canta aleluia. De olhos fechados, a mulher de roupas gastas e surradas adormece. Diante da taça prateada, homens e mulheres de fé recebem uma partícula fina e frágil, dissolvida na boca, corações

pululam. O sol entra pela janela. A escuridão sai sorrateira. Os pés cansados da caminhada, deixam o grande salão. O Coro de vozes angelicais esvazia o peito e solta: Amém! Ao passar pelo portal dourado, com letras gravadas em língua morta, o rapaz coxo que pede esmolas pergunta ao fiel de óculos escuros: por que poucos retornaram às ruas? Onde estão os que entraram? Sem titubear, o fiel responde: subiram de braços estendidos, passaram pelo campanário, não ouviu os sinos dobrarem?

“O escritor não deve  
julgar, deve entender.”

**Ernest Hemingway (1899-1961),**  
*escritor estadunidense*



Todos os direitos são reservados à  
**EDITORA DO TRIBUNAL DE JUSTIÇA DO ESTADO DO CEARÁ,**  
não podendo ser comercializado em período de contrato de cessão  
de direitos autorais. Em caso de reimpressão com recursos próprios  
do autor, está liberada a sua comercialização.

## TURMA 2023.2

Ana Cláudia Távora Pereira

Ana Maria do Vale Oliveira

Antônia Vivian Brenna Lima Scarcela

Carla Maria Barreto Gonçalves

Carlos Holanda Oliveira

Edwilson Soares Freire

Luiz Cláudio Brandão Gomes

Mércia Cardoso de Souza

Renata Sales de Castro



Clube de Leitura  
**AMÉLIA BEVILÁQUA**

